

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

ALINY SARTOR NANDI
PAULO HENRIQUE PERGHER

CONTOS POPULARES E A REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL NAS AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

FLORIANÓPOLIS
2017

ALINY SARTOR NANDI
PAULO HENRIQUE PERGHER

CONTOS POPULARES E A REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL NAS AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do Curso de Graduação em Letras – Língua e Literaturas Portuguesa (Licenciatura), sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2017

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os nossos amigos e professores, que de algum modo nos aconselharam em nossa ação docente.

À nossa orientadora, professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, por todo apoio, suporte e paciência que teve conosco nesse semestre.

Ao professor Evimarcio Cunha Aguiar pelo acolhimento, gentileza e ajuda nesse período de estágio docência.

Às nossas famílias que nos incentivaram e apoiaram nessa etapa decisiva de nossas vidas.

À Isabel, que nos aconselhou e nos amparou em diversos momentos desse processo.

Aos alunos da turma 61 da Escola de Educação Básica Simão José Hess pelo envolvimento e colaboração para a realização do estágio docência.

RESUMO

Neste trabalho relatamos o caminho percorrido, por nós, no estágio de docência, realizado pela licencianda Aliny Sartor Nandi e pelo licenciando Paulo Henrique Pergher, na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de Letras – Língua e Literaturas Portuguesa - da Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre de 2017, sob orientação da professora Dra. Maria Izabel Bortoli Hentz. A elaboração do projeto de docência, para a prática de ensino-aprendizagem, partiu da ideia de que deveríamos apresentar aos alunos um universo social mais amplo, a fim de promover atividades que desenvolvessem suas competências leitoras e de escrita, através da interação social, discutindo sobre os mais variados pontos de vista e sempre considerando sua bagagem de informação, a qual contém tudo o que aprendeu, viveu e conheceu. Nesse projeto, trabalhamos com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental I, período matutino, na Escola de Educação Básica Simão José Hess, o gênero *conto popular*, através da leitura de textos, amparados na discussão do gênero, assim como de conteúdos, como: linguagem informal e linguagem formal, foco narrativo, elementos da estrutura narrativa, produção textual de um conto popular e produção de ilustrações. O resultado deste trabalho foi a publicação de um livro ilustrado dos textos dos alunos. Em um segundo momento, discorremos, ainda, sobre a elaboração e a execução do projeto de docência em atividades extraclasse, desenvolvido, também, na mesma escola, mas no Programa Mais Educação, com alunos do 1º ao 5º ano. Neste, trabalhamos com o gênero *receita*, a partir do universo mágico de Harry Potter. Os alunos assistiram ao filme, leram receitas dele e criaram, então, receitas mágicas, de poções, suas. Ambos os projetos estão pautados na proposição de *Gêneros do Discurso* de Bakhtin, assim como no conceito de *Projeto de dizer* de Geraldí.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Estágio de Docência. Contos Populares. Receita.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	9
2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	9
2.1.1 Foco na escola	9
2.1.2 Foco na turma	10
2.1.3 Foco na prática docente	12
2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA	14
2.2.1 Justificativa	14
2.2.1.1 Problematização	14
2.2.1.2 Escolha do tema	15
2.2.1.3 Justificativa	16
2.2.2 Fundamentação teórica	17
2.2.2.1 Conceito de Sujeito e de Ética	17
2.2.2.2 Conceito de Língua e de Gêneros do discurso	19
2.2.2.3 Conceito de Letramento	20
2.2.2.4 Formação de leitores	21
2.2.2.5 Formação para autoria	22
2.2.2.6 Concepção de avaliação	23
2.2.3 Objetivos	25
2.2.3.1 Objetivo geral	25
2.2.3.2 Objetivos específicos	25
2.2.4 Conhecimentos trabalhados	26
2.2.5 Metodologia	26
2.2.6 Cronograma	28
2.2.7 Planos de aula	30
2.2.7.1 Plano das aulas 1 e 2	31
2.2.7.2 Plano das aulas 3 e 4	49
2.2.7.3 Plano das aulas 5 e 6	73
2.2.7.4 Plano das aulas 7 e 8	80
2.2.7.5 Plano das aulas 9 e 10	98
2.2.7.6 Plano das aulas 11 e 12	107
2.2.7.7 Plano das aulas 13 e 14	111
2.2.7.8 Plano das aulas 15 e 16	124
2.2.7.9 Plano das aulas 17 e 18	139
2.2.7.10 Plano das aulas 19 e 20	143
2.3 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	146

2.3.1 Aula 1 e 2 - 5 de outubro de 2017	146
2.3.2 Aula 3 e 4 - 11 de outubro de 2017	149
2.3.3 Aula 5 e 6 - 18 de outubro de 2017	151
2.3.4 Aula 7 e 8 - 19 de outubro de 2017	154
2.3.5 Aula 9 e 10 - 25 de outubro de 2017	157
2.3.6 Aula 11 e 12 - 26 de outubro de 2017	158
2.3.7 Aula 13 e 14 - 1 de novembro de 2017	159
2.3.8 Aula 15 e 16 - 8 de novembro de 2017	160
2.3.9 Aula 17 e 18 - 9 de novembro de 2017	161
2.3.10 Aula 19 e 20 - 16 de novembro de 2017	163
3 A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE	165
3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA	165
3.1.1 Justificativa	165
3.1.2 Fundamentação teórica	166
3.1.3 Objetivos	167
3.1.4 Conhecimentos trabalhados	168
3.1.5 Metodologia	168
3.1.6 Cronograma	169
3.1.7 Planos de aula	170
3.1.7.1 Encontro 1	171
3.1.7.2 Encontro 2	174
3.2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	185
3.2.1 Encontro 1 – 31 de outubro de 2017	185
3.2.2 Encontro 2 – 7 de novembro de 2017	186
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
5 REFERÊNCIAS	193
ANEXOS	195
Anexo 1 - Cópia do questionário aos alunos	195
Anexo 2 - Registro do SIARE estudante - Aliny Sartor Nandi	197
Anexo 3 - Registro do SIARE estudante - Paulo Henrique Pergher	198

1 INTRODUÇÃO

Neste relatório, apresentamos a elaboração e o desenvolvimento de nosso projeto de docência, realizado na Escola de Educação Básica Simão José Hess, assim como do projeto extraclasse, realizado na mesma escola. Há, assim, dois eixos principais: o projeto de docência; e o projeto extraclasse. A estrutura destes, de qualquer modo, é, no geral, a mesma, pois visamos: justificar a escolha do tema, a partir da observação das aulas; fundamentar, nossas escolhas, teoricamente; definir objetivos para a prática docente; especificar os conhecimentos trabalhados; descrever as metodologias adotadas; concretizar um cronograma; e apresentar os planos para as aulas.

Na primeira seção, o projeto de docência, apresentamos a elaboração e o relato do projeto *Contos populares e a revitalização da memória local nas aulas de língua portuguesa*, desenvolvido em uma turma de 6º ano. Nesse, como indica o título, decidimos trabalhar com o gênero *conto popular*, considerando-o próprio para a construção de um diálogo entre a escola e seu entorno, assim como do desenvolvimento da oralidade e da escuta. Durante as aulas, trabalhamos com conteúdos que visavam possibilitar que os alunos escrevessem um conto ao final, que foi publicado em um livro. Assim, alguns conteúdos trabalhados foram: elementos da estrutura narrativa; interpretação de texto; foco narrativo, a partir da identificação de marcas linguísticas relativas a 1ª e a 3ª pessoa; linguagem formal e linguagem informal; e diferentes versões de contos populares. Ao final da seção, descrevemos um pouco desse percurso, buscando discorrer acerca dos pontos positivos de sua execução, assim como dos pontos negativos, dos problemas que encontramos.

Na segunda seção, o projeto extraclasse, do mesmo modo, apresentamos a elaboração e a execução do projeto *Receitas de poções mágicas do universo de Harry Potter*, desenvolvido em uma turma do Programa Mais Educação, com alunos do 1º ao 5º ano. Nesse, trabalhamos com o gênero *receita*, a partir do universo mágico de Harry Potter. Passamos o primeiro filme da série, *Harry Potter e a pedra filosofal*, no primeiro encontro, e, no segundo, discutimos receitas de poções mágicas e, também, confeccionamos receitas, tanto escritas, quanto materiais, com o uso de garrafas pequenas, ou seja, a partir da elaboração de uma receita escrita, os alunos desenvolveram, com o uso dos ingredientes, aquilo que planejaram, escreveram. Consideramos, nesse projeto, que as receitas possuem: um nome; uma descrição, um efeito; ingredientes; e um modo de preparo, que deve ser seguido para que o resultado seja

o esperado. A confecção se deu a partir de ingredientes que levamos para os alunos. O resultado foi bastante rico e interessante e está descrito ao final do projeto.

Por fim, objetivamos que este relatório sirva para futuras reflexões nossas e de outros licenciandos da área de Letras, assim como de professores que queiram trabalhar com os gêneros em questão. Esperamos que as reflexões, aqui expostas, contribuam para o enriquecimento e o desenvolvimento da área de ensino de língua portuguesa, dados os limites do relato. É importante destacar ainda, antes de passarmos à exposição de nossas experiências, que ambas as propostas estão pautadas na proposição de *Gêneros do discurso*, de Bakhtin, assim como nas contribuições de Geraldi, para a autoria e para a noção de sujeito.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Nesta seção, a primeira parte do relatório, descrevemos o projeto de docência *Contos populares e a revitalização da memória local nas aulas de língua portuguesa*, desenvolvido em uma turma de 6º ano. Esta está dividida em três partes: apresentação e caracterização do campo de estágio; o projeto de docência; e reflexão sobre a prática pedagógica.

2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

Todo projeto a ser desenvolvido deve levar em conta um contexto real e, assim, inicialmente, descrevemos a escola na qual o estágio foi realizado, buscando caracterizar a instituição, sua infraestrutura física, administrativa e docente, caracterizar a turma e o fazer docente do professor regente. Para tanto, dividimos este tópico em três focos de análise: a escola; a turma; e a prática docente do professor.

2.1.1 Foco na escola

A Escola de Educação Básica Simão José Hess pertence à rede Estadual de Ensino. Inaugurada no ano de 1938, inicialmente era chamada de Grupo Escolar Olívio Amorim e atendia somente alunos do ensino fundamental I. Em 1964, a escola passou a atender alunos do ensino fundamental I e II, alterando o seu nome para Escola Básica Olívio Amorim. A partir do ano de 1980, foi implementado o ensino médio na escola, que passou a se chamar Colégio Estadual Simão José Hess. Em 2000 o nome foi alterado para Escola de Educação Básica Simão Hess.

O Simão, localizado no bairro Trindade de Florianópolis, atende, então, desde os anos iniciais do Fundamental I, passando pelo Fundamental II, até o Ensino Médio, e, segundo informações da escola, possui hoje 1060 alunos, distribuídos em 45 turmas, nos períodos matutino e vespertino. A escola, para atender a demanda, conta com um quadro de 18 funcionários na equipe pedagógica, distribuídos entre direção, secretaria, orientação educacional, coordenação pedagógica e biblioteca, e 61 professores, sendo destes 39 (63%) admitidos em caráter temporário (ACT). O número de professores ACTs, mais da metade, é, evidentemente, preocupante e relevante para outras análises. Dos funcionários da equipe

pedagógica, ainda, quatro (22%) são professores readaptados, sendo que dois trabalham na biblioteca, um na coordenação pedagógica e um na secretaria.

O espaço físico da escola, para além da biblioteca, é composto por uma sala de informática, uma cantina, uma sala para atividades de dança e lutas, duas quadras abertas e um ginásio de esportes, além de uma área coberta para atividades fora da sala. Ao fundo da escola há, também, uma horta, desenvolvida por um projeto paralelo, que tem como proposta tornar a escola, futuramente, autossustentável. Há, ainda, uma sala de vídeo, a cantina/refeitório, uma cozinha para funcionários, a sala dos professores, a secretaria, a sala da diretoria, mencionando algumas, além das salas de aula, divididas em dois grandes blocos.

A escola conta, ainda, dois outros projetos. O Projeto Karatê na Escola, que visa melhorar a qualidade de vida dos alunos e promover a interação social entre as crianças, para aprimorar o aprendizado, os limites e os comportamentos que são importantes na convivência social com outras crianças. E o Projeto de Leitura, que propõe à comunidade escolar um tempo destinado à leitura, considerando-se a leitura como uma das prioridades na melhoria da qualidade de ensino, promovendo o desenvolvimento do vocabulário e favorecendo a estabilização das formas ortográficas, além de proporcionar aos alunos a ampliação dos horizontes pessoais e culturais, tornando-se um sujeito crítico e emancipado. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola faz atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência. Atualmente, a escola atende onze alunos e, com isso, foram contratados nove professores para exercer o cargo de segundo professor.

2.1.2 Foco na turma

A turma 61 do Simão, onde foi realizado o estágio de docência, é composta por 25 alunos, sendo destes 16 meninos e nove meninas. A faixa etária dos alunos é de 11-12 anos, havendo apenas dois alunos com 13 anos. A turma, sumariamente, é bastante ativa, e pouco silenciosa, mas de bons relacionamentos. Não se notou, durante o período, problemas graves entre alunos-alunos ou alunos-professor. É interessante ressaltar, de qualquer modo, que as meninas, em menor número, são mais silenciosas do que os meninos, estabelecendo, na maior parte dos casos, relações entre si, em pequenos grupos, em geral duplas. As meninas, ainda, participam menos das aulas, quando o professor solicita que alguém leia ou faz perguntas à

turma. Os meninos, por outro lado, formam grandes grupos, que variaram ao longo do tempo em que convivemos com eles, muito mais barulhentos e, às vezes, improdutivos.

No último dia da etapa de observação, aplicamos um questionário (Anexo 1) buscando averiguar algumas questões mais específicas sobre a turma. O que segue, pois, é parte de tais achados. A maior parte dos alunos mora nas imediações da escola, em bairros próximos, como Trindade, Serrinha, Agrônômica, Saco Grande e Saco dos Limões. Apenas três alunos moram mais longe, nos bairros: Vargem do Bom Jesus; Ratoões; e Mané Vicente. Com relação às estruturas familiares, a maior parte vive com a mãe e com o pai, possuindo irmãos. Alguns alunos (cinco), todavia, possuem outros responsáveis, como os avós, ou dividem a moradia com outros familiares, como tios(as), cunhados(as) e sobrinhos(as).

Quando perguntados sobre o que gostavam de ler, muitos citaram “A turma da Mônica jovem”, um dos poucos materiais que parece unânime. Outros, porém, ainda citaram: livros de Youtubers; Harry Potter; Tosco; Naruto; Charlie Brown; Diário de um Banana; Marley e Eu; entre outros. Para além do que gostavam de ler, perguntamos quantos livros eles possuíam em casa, dando as opções “muitos”, “poucos”, e “nenhum”. As respostas foram: 11 muitos; sete poucos; e sete nenhum. A distinção entre *muitos* e *poucos*, todavia, parece pouco clara, e subjetiva, mas oferece um contraponto à categoria *nenhum*, que por sinal fora bastante marcada, pois quase um terço dos alunos não possuem livros em casa. Além de livros, perguntamos se tinham jornais, revistas, gibis ou mangás, com as mesmas opções dos livros. As respostas foram: seis muitos; 11 poucos; e oito nenhum. É importante notar que muitos alunos consideraram gibis na pergunta dos livros, o que nos leva a deduzir que possuem menos livros do que responderam. Outra informação relevante é que cinco alunos não possuem livros e revistas/gibis/mangás.

Perguntamos também, se eles gostavam da aula de português, 60% da turma respondeu que gosta, 20% acha mais ou menos; e 20% não gostam da aula de português, sendo que, grande parte dos alunos manifestaram opiniões positivas sobre o professor. Outro questionamento foi para sabermos como o aluno se sente em relação à escola, grande parte (16) respondeu que gosta de estudar, pois na escola eles encontram os amigos, estudam para ter um futuro melhor e é divertido. Alguns responderam (seis) que não gostam de estudar, porém, dizem ser necessário, visto que, precisam ser alguém na vida e arrumar um bom trabalho.

De acordo com o PPP da escola, a maior parte dos alunos do Ensino Fundamental II não exerce atividade remunerada após o horário escolar, com isso, a escola conclui que, a maior parte dedica-se exclusivamente aos estudos, apesar de que se percebe ainda um grande índice de baixo rendimento escolar.

O perfil socioeconômico dos pais dos alunos é variado, segundo o PPP da escola, no entanto, foi observado que os alunos vêm uniformizados, possuem material escolar, alguns possuem celular, todavia, existem casos que apresentam uma situação financeira menos favorável.

2.1.3 Foco na prática docente

O professor regente, hoje com 29 anos, é licenciado pela Universidade Federal do Estado do Pará, em Letras Português, e começou a atuar na área do ensino em 2008. É também Mestre, através do programa PROFLETRAS, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em Florianópolis, atua desde 2016, sendo professor efetivo do estado de Santa Catarina na escola Hilda Teodoro, assim como no Simão Hess, onde completa sua carga horária. O professor, em um questionário (Anexo 12), informou-nos um pouco sobre sua atual situação, descrevendo algumas das dificuldades que encontra hoje em sua prática:

Atualmente eu ministro 36 aulas dadas, com uma lotação de 40 horas. O Estado nos trata com o maior descaso possível. O estado não cumpre o 1/3 de hora atividade garantido pela LDB, muito menos a compensação do piso na carreira. Os poucos direitos que existem foram conquistados em duas grandes greves durante a década de 80 e 90. No entanto, desde os anos 2000 já há uma política massiva para enxugar a máquina pública na educação, o que vem sucateando, cada vez mais, tanto a nossa carreira, quanto a estrutura mínima de que precisamos para trabalhar.

A disciplina de Língua Portuguesa no Simão, sob sua responsabilidade, tem um total de 4 horas/aula semanais, divididas em dois dias (quarta e quinta), sendo sempre duplas (faixa). Sobre seu objetivo principal na escola, o professor destacou que busca “formar seres pensantes capazes de transformar a própria realidade e construir um mundo menos opressor e desigual”. Entendendo a linguagem enquanto *interação*, ele afirma que:

Não faz sentido para mim que a escola continue reproduzindo esse modelo cartesiano de disciplinas separadas em compartimentos como se o conhecimento se construísse assim. Eu tento, na medida do possível, fugir desse modelo de aula tradicional em que o aluno não tem voz e se percebe como um sujeito passivo na

aprendizagem. Eles precisam se expressar, interagir entre si, com as outras turmas, com as outras séries, precisam se conhecer, conhecer a escola, a biblioteca, outros espaços, trocar vivências, experiências, o projeto da rádio no Hilda diz respeito a isso também.

Algumas das referências citadas pelo professor, durante o questionário e em seu planejamento, foram: Bakhtin, ao tratar de sua concepção de sujeito e linguagem; e Geraldi, tratando de aula como acontecimento e reescrita. Destacamos, por fim, que o professor demonstrou-se, ao nos receber e em suas respostas ao questionário, motivado em problematizar e buscar soluções para as problemáticas do ensino no Brasil hoje, tratando de dialogar com seus colegas e entorno, assim como pensar em melhores políticas públicas para a categoria e para o ensino.

Durante o período de observação, que ocorreu entre os dias 16 de agosto de 2017 a 31 de agosto de 2017, notamos que o professor, em suas aulas, sempre buscou dialogar com os alunos, reconhecendo-os enquanto sujeitos, construindo suas aulas na relação de contato. Observamos, ainda, que o professor fazia bastante uso do livro didático, utilizando-se de textos e atividades, mas, em outros momentos, extrapolava-o, passando outras informações no quadro. O quadro, por sua vez, foi sempre bastante utilizado, seja para a correção de exercícios em grupo, seja para o encaminhamento de atividades a serem desenvolvidas. O professor, ao longo de suas aulas, buscava sempre encaminhar as atividades de maneira clara e objetiva, tanto no quadro, como de forma oral. A observação das aulas foi de extrema valia para a elaboração de nosso projeto de docência. Durante o período, não só entramos em contato com a turma, conhecendo-a melhor, como também com a prática docente de um profissional já experiente.

Das quatro aulas semanais, uma era dedicada à leitura-fruição na biblioteca, projeto criado com o intuito de que os alunos habitassem o espaço da biblioteca, que em muitas escolas acaba não sendo muito utilizado, e descobrissem leituras, livros e autores. Ao final de cada bimestre os alunos deveriam, então, apresentar um resumo dos livros lidos. Participamos de uma aula em que os alunos contavam sobre o que haviam lido. Todos os alunos participaram, demonstrando que as aulas estavam sendo aproveitadas, e contaram suas leituras para os colegas. Esse momento foi muito interessante, pois todos se sentiam bastante motivados em contar aos colegas. Alguns relatos, inclusive, foram utilizados por nós, na primeira aula, para situar o projeto que desenvolveríamos.

2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

Nesta seção, discorreremos acerca da proposta do projeto de docência, buscando justificar nossas escolhas, a partir de um referencial teórico. Assim, é parte desta seção: a justificativa; a fundamentação teórica; os objetivos; os conhecimentos trabalhados; a metodologia; o cronograma; e os planos de aula.

2.2.1 Justificativa

2.2.1.1 Problematização

O Projeto Político Pedagógico (PPP), da Escola de Educação Básica Simão José Hess, enfatiza, em sua introdução, seu caráter *político*, tratando do compromisso com a formação cidadã para a sociedade, assim como *pedagógico*, pois será realizado enquanto prática no ensino. Mas como formar cidadãos? Ou, qual o papel da disciplina de Língua Portuguesa neste processo? Para contribuir nesse processo, elaboramos este projeto de docência, no qual assumimos que o trabalho com gêneros do discurso é de vital importância para a formação cidadã, pois possibilita articular conhecimentos linguísticos com seus contextos de produção. Contribui, também, para formarmos leitores capazes de lidar com textos reais, com textos do mundo.

Tendo em vista a sociedade contemporânea, na qual a escrita ocupa o centro, todo cidadão deve ser capaz de ler e escrever. Mas, para além da alfabetização, do reconhecimento de grafemas e fonemas, todo aluno deve ser letrado, isto é, capaz de atribuir sentido pela escuta e pela leitura de diferentes textos, assim como de produzir textos em diferentes gêneros do discurso, o que lhes possibilitará interagir em eventos sociais nos quais a escrita seja parte. Cada disciplina na escola, nesse sentido, deve contribuir para que os alunos possam ativamente participar da sociedade. E a disciplina de Língua Portuguesa deve assumir sua parte: tratar da língua e de suas relações com o meio. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nesse sentido, afirmam que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação,

expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1998, p. 21).

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) indicam, ainda, no que tange ao ensino da Literatura, a importância de não tomá-la como objeto acessório para atingir um conhecimento que lhe é externo: deve-se atentar à particularidade do texto literário, à construção de sua linguagem para que, dessa maneira, possibilite-se que o processo de leitura propicie o acesso a uma nova forma de relacionar-se com a língua. Os expedientes que lhe são exteriores não devem ser ignorados, mas tampouco devem estar descontextualizados no processo de ensino-aprendizagem. Cabe lembrar, dado o exposto, que

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do "prazer do texto", etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 30).

Não adotamos, neste projeto, assim como em nossas ações, a ênfase na historiografia literária ou nas escolas literárias, mas nos gêneros do discurso, pois pensamos que esta abordagem não se limita a textos da esfera literária, mas pode ser utilizada para tratar de textos de outras esferas da atividade humana. O trabalho com gêneros do discurso, ainda, possibilitou-nos a aproximação à realidade social e cultural dos alunos, assim como uma abordagem que contextualiza as produções humanas. De qualquer forma, as contribuições dos PCNs, de não objetificação do texto literário, apresentam-se em conformidade com as proposições relativas ao ensino pautado em gêneros do discurso, que discutiremos melhor na sequência.

2.2.1.2 Escolha do tema

A escolha do gênero *conto popular*, para nosso projeto de docência é resultado da articulação entre os referenciais teóricos, por nós adotados, e os dados coletados no período de observação, realizado durante a primeira etapa do estágio. Durante este período, reconhecemos dificuldades apresentadas pelos alunos, tratando-se de leitura e de escrita. Muitos alunos, ainda, relataram, em um questionário aplicado por nós, não gostar de ler, e tampouco de escrever. A pergunta que ficou, de tais eventos, é: por que os alunos não gostam de ler e de escrever? Obviamente que as possibilidades de respondermos a tais questões são muitas e dispomos de poucas informações para tanto. De qualquer modo, levando em consideração tais perguntas, centramos nosso planejamento no gênero *conto popular*, para conduzirmos ações mais significativas para os alunos. Através da escolha do gênero, buscamos estabelecer um contexto de significação, ou seja, os textos foram lidos em função do gênero, assim como os conteúdos, como: linguagem informal e linguagem formal; foco narrativo; e elementos da estrutura narrativa. Com isso, esperávamos que a leitura de textos pudesse ser ressignificada pelos alunos. Para o trabalho com a escrita, da mesma forma, o gênero *conto popular* foi decisivo, pois os alunos coletaram histórias em suas comunidades. Consideramos de vital importância a participação comunitária no processo de ensino, visto a escola ser apenas um dos espaços formadores da sociedade. Nesta questão, os alunos puderam ressignificar o processo de escrita, assumindo a autoria, situando-se como autores, tendo o que dizer, para quem dizer e estratégias para dizer, como propõe Geraldí. A escolha do tema, ainda, levou em consideração o cronograma do professor regente, que havia proposto para o 3º bimestre, o trabalho com o gênero *conto*.

2.2.1.3 Justificativa

O gênero *conto popular* está, historicamente, relacionado ao cotidiano, à oralidade, às comunidades, à formação da cultura, à experiência de contar, pois, antigamente, as histórias eram lidas por poucos, mas ouvidas por muitos. E nesse processo de contar e recontar, as histórias mudaram e incorporaram novos elementos, de acordo com aqueles que as contavam. A ilha de Santa Catarina, Florianópolis, é rica em contos populares, como provou o escritor Franklin Cascaes ao escrever *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Os contos populares possibilitaram-nos encontrar indivíduos em sala que tivessem o que dizer, ou seja, histórias que tivessem sentido para eles e para suas comunidades, para os leitores/ouvintes. Buscamos,

assim, construir o que Geraldi (1997) define como *projeto de dizer*, sendo de vital importância a relação entre os alunos e seus familiares, vizinhos e conhecidos.

Objetivamos, com este projeto de docência, aproximar os alunos do gênero *conto popular*, assim como de sua realidade imediata, propondo uma interação entre a escola e seu contexto. Foram explorados, ao longo das aulas, questões relacionadas, tanto à língua, quanto à estrutura e aos elementos dos textos narrativos, com o intuito de que os alunos assumissem a função de autor, ao coletarem e produzirem seus próprios contos. Os alunos puderam, por fim, contribuir para a construção de narrativas locais, incorporando elementos de seu entorno, da oralidade e da tradição de suas famílias, vizinhos e conhecidos. Neste processo, a escuta foi fundamental, pois os alunos precisaram ouvir para que pudessem, em direta relação com o outro, contar suas histórias.

2.2.2 Fundamentação teórica

Para construir este processo de ensino-aprendizagem com o gênero *conto popular*, vale-mo-nos de uma fundamentação teórica, para que a nossa prática fosse ancorada teoricamente. O que segue, pois, é esta base: conceituação de sujeito e de ética; de língua e gêneros do discurso; de letramento; de formação de leitores; de formação para a autoria; assim como, de avaliação.

2.2.2.1 Conceito de Sujeito e de Ética

Tendo em vista a formação cidadã, enquanto um dos compromissos da escola e da disciplina de Língua Portuguesa, para a elaboração de nossas ações, tomamos o conceito de sujeito de Geraldi (2010), considerando-o sumário para quaisquer outras discussões. Segundo ele, podemos definir *sujeito* a partir de cinco disposições: responsável; consciente; respondente; incompleto; e datado. O sujeito é *responsável*, pois participa do processo do Ser, a partir de sua insubstituível e única perspectiva. A todo aluno, então, buscamos garantir sua singularidade, pois a responsabilidade “se funda no *pensamento participativo* e a participação de cada um no Ser único é singular e insubstituível” (p. 137). Todo aluno participa do mundo de uma forma única, assim também sua linguagem é distinta. Suas singularidades e responsabilidades tomam forma na linguagem, o sujeito *consciente* se materializa em signos,

na interação social. O sujeito, assim, é constituído socialmente e nesse processo dialógico de constituição, entre o eu e o outro, entre o aluno e o professor, entre o aluno e seus colegas, a eventicidade dos atos dos sujeitos apontam, tanto para o passado, quanto para o futuro, encadeando-se - o que constitui a *responsabilidade responsiva*, para Geraldi, pois “ao agirmos com base na compreensão de algo que antecede a nossa própria ação, somos responsáveis pela compreensão construída que passa a ser o *sentido* do evento” (p. 140). Isto também significa que todo aluno, quando chega na sala de aula, traz consigo sua história, eventos dos quais não temos conhecimentos, mas que são importantes para a sua constituição como sujeito. Por fim, Geraldi conceitua o sujeito como *incompleto*, pois sempre em processo de constituição entre o eu e o outro, e *datado*, pois sempre parte de uma temporalidade, em função de um passado, um presente e um futuro, não deixando de se relacionar com o grande tempo.

É válido destacar que as proposições apresentadas sugerem, tanto um lugar para o aluno, quanto um lugar para o professor. E, dessa forma, é necessário apresentarmos, para as ações a serem desenvolvidas, um conceito de ética. Para isso, trabalhamos a partir de Miotello (2010), em concordância com as proposições de Geraldi, de três premissas apontadas pelo autor: não fugir do pensar; exigir a presença do outro; e a importância da unicidade dos sujeitos. Importa *não fugir do pensar*, pois é através do pensamento, da relação com a alteridade, que posso ser eticamente. Diz Miotello que, o “ato de pensar é um ato que é responsável. Eu devo responder por ele, ele é assinado, tem a minha assinatura, tem a minha responsabilidade” (p. 95). Se nessa relação responsável sou constituído pelo outro, e constituo o outro, portanto, há que se *exigir a presença do outro*. Portanto, em uma sala de aula, há que ser exigida a presença do aluno, não meramente física, mas de sua participação, seu envolvimento, sua contribuição para o evento. O autor destaca, nessa via, a necessidade de superação da *crise da ausência do outro*: “este mundo que apaga o outro, em que eu sou mais eu e não preciso de ninguém, este mundo que instaura essa crise da ausência do outro, este mundo precisa ser superado e o outro ser instaurado, porque senão também não tenho o meu lugar” (p. 100). Para o autor, ainda, “eu preciso exigir o outro no seu lugar individual, singular, um lugar que é só dele, assim como um lugar que é só meu. É dessa relação que a gente consegue instaurar a responsabilidade do ato ético” (p. 101). Eu, professor, só tenho o *meu lugar* em sala se o outro, os alunos, for instaurado, e conseqüentemente tiver o *seu lugar*. Esse jogo relacional e ético, de instauração da alteridade, emancipa o singular e é possibilidade única de publicização de enunciações de sujeitos únicos.

Para além de um conceito de sujeito e um conceito de ética, ainda precisamos de outras formulações basilares para fundamentar a nossa prática pedagógica na aula de Língua Portuguesa, como um conceito de língua.

2.2.2.2 *Conceito de Língua e de Gêneros do discurso*

Para fundamentar nossa ação docente, tomamos a perspectiva bakhtiniana de língua, na qual o sistema linguístico, de normas linguísticas, é intrinsecamente relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos na coletividade. Sem descartar a objetividade da relação entre o sujeito e as normas, Bakhtin (2006) salienta que “todo procedimento abstrato, para se legitimar, deve ser justificado por um propósito teórico e prático preciso” (p. 97). Para o autor, ainda, “um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável” (p. 97). Assim, a língua deve se colocar à disposição dos locutores, dos alunos em especial, para que estes se manifestem criticamente. Mas a língua não deve ser separada de seu contexto de produção, pois, para Bakhtin, “a separação da língua de seu contexto ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato” (p. 97). Não há língua fora de um contexto, assim como não há signos de significação unívoca. A escolha do gênero *conto popular*, como objeto de ensino de nossa ação docente, visou atender a essa proposta de Bakhtin: trabalhar com a língua em seu contexto ideológico. Para tanto, todas as aulas tiveram um texto como referência e todas as análises linguísticas ou literárias foram realizadas em função de produções em um gênero. A produção textual, da mesma forma, levou em consideração aspectos específicos do gênero, que se tornaram os critérios para sua elaboração.

Mas o que seriam os *gêneros do discurso*? Discutimos, até então, que o uso do conceito bakhtiniano amplia a compreensão de ensino de língua tradicionalmente difundida, pautada em um modelo autônomo de letramento, pois restaura na sala de aula a realidade da língua, uma vez que não considera apenas as abstrações sobre ela. Também coloca a escola em função das relações sociais, nas quais se fundam os sujeitos. Mas o que seria *a realidade da língua*? Importa, então, atentarmos para a definição de Bakhtin (2003, p. 280):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os

modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

O que chamamos por *realidade*, Bakhtin argumenta ser o *enunciado*, pois este, diferentemente de quaisquer frases avulsas, é situado em um contexto e em relação a ele é significado. Os *gêneros do discurso*, por sua vez, são tipos relativamente estáveis de enunciados, por meio dos quais se dão as interações sociais nas diferentes esferas da atividade humana. É interessante notar que os PCNs, em conformidade com as proposições de Bakhtin, trabalham, não só com um conceito de língua/linguagem, como também com um conceito de linguagem como discurso. Segundo os PCNs,

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias - ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. (BRASIL, 1998, p. 21).

Assim, em nossa ação, buscamos mostrar aos alunos um universo social amplo, pautado em um gênero, a fim de promover atividades que desenvolvessem suas habilidades de leitura e escrita. Essas tiveram sempre o gênero *conto popular* como base, pois a partir dele os alunos significaram a linguagem. Assim também se deu a produção textual, na qual os alunos deveriam buscar histórias em suas comunidades, situando os enunciados em função de uma realidade e um tempo, em conformidade com a produção de um texto em determinado gênero. Esperávamos que com isso os alunos pudessem ampliar seu entendimento de vida, de língua e de mundo. É o *estar na escola*, mas também é o *ir além dela*.

2.2.2.3 Conceito de Letramento

Para ir *além da escola*, tendo em vista a formação cidadã, assim como as proposições anteriores - enunciado, gêneros do discurso, conceito de sujeito historicamente situado e constituído -, buscamos alicerçar nossas ações em um modelo ideológico de letramento. Para Street (2003), primeiramente, *letramento* não é simplesmente um *conjunto de habilidades técnicas uniformes*, como a decodificação de letras, mas uma prática social. Se nosso trabalho foi pautado em um gênero do discurso, o *conto popular*, e tratou de *enunciados*, sempre em relação ao gênero e à atividade humana, assim, também, não podíamos adotar um modelo *autônomo* de letramento - neutro, lógico, dissociado da cultura. O modelo *ideológico*, pois, nos “oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida que elas variam de um contexto para outro” (STREET, 2003, p. 4). Oferece-nos, ainda, uma visão mais ampla de linguagem e de letramento, pois ressalta “o fato de que todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 1995, p. 38).

Em nossas ações, que tiveram como objeto, dentre outras questões, a oralidade, a linguagem informal e a formal, foi imperativo termos em vista a relação entre língua e poder, ou *letramentos vernaculares e dominantes*. Barbosa (2014) diz que, “por serem padronizados por *instituições sociais e relações de poder*, determinados letramentos são mais visíveis, dominantes e influentes que outros” (p. 17). Os *letramentos dominantes*, associados às organizações formais - como a escola, o direito, a religião - são mais *formalizados*, definidos e padronizados, do que as práticas vernaculares, recebendo maior visibilidade e valor. Os *letramentos vernaculares*, por outro lado, ligam-se muito mais às experiências diárias, do que às organizações, e são considerados, em muitos momentos, de menor valor. Um projeto que trabalhe com o gênero *conto popular* nos possibilitou trabalhar com as duas formas de letramento, pois os contos populares, muitas vezes, visam registrar as marcas características da fala do local onde foram coletados.

Para finalizarmos nosso embasamento teórico precisamos ainda tratar da formação de leitores e da formação para a autoria, visto serem duas questões centrais em nosso projeto. Tais conceitos devem se encontrar em conformidade com uma visão social de *práticas de letramento*, que, como proposta por Street (2003), associe os *eventos* a algo mais amplo.

2.2.2.4 Formação de leitores

O leitor, tem a sua bagagem de informação, a qual contém tudo o que aprendeu, viveu, conheceu, e, quando esse mesmo leitor está realizando uma nova leitura, ele vai construindo seu próprio sentido a partir do que o autor escreveu. Geraldi (1997) trata da metáfora do tecido, na qual se entende a leitura como a tecedura – para nos mantermos na metáfora – dos fios apostos pelo autor com os fios apostos pelo leitor, o encontro dos fios que produz a cadeia de leituras, produzindo os sentidos do texto. De acordo com Geraldi (1997, p. 167),

A produção deste, leitor, é marcada pela experiência do outro, autor, tal como este, na produção do texto que se oferece à leitura, se marcou pelos leitores que, sempre, qualquer texto demanda. Se assim não fosse, não seria interlocução, encontro, mas passagem de palavras em paralelas, sem escuta, sem contrapalavras: reconhecimento ou desconhecimento, sem compreensão.

Os alunos têm de aprender a pensar, ter mais repertório, diferentes pontos de vista, serem sujeitos emancipados e o objetivo do professor é formar leitores; logo, importa educar para que os eles possam imergir na esfera da atividade humana.

Para que isso ocorresse, em nossas aulas, fizemos com que os alunos da turma 61 se aproximassem do gênero *conto*, a partir da leitura-fruição de textos do gênero em questão, para que pudessem reconhecer os elementos da estrutura do texto narrativo, e através de leitura-estudo compreender os recursos discursivos, composicionais e linguísticos encontrados por eles, no texto, pois não basta incentivar o aluno à leitura, nós temos de ajudá-los a serem capazes de interpretar aquilo que estão lendo, a fim que de possam desenvolver o gosto pela leitura.

2.2.2.5 *Formação para autoria*

Durante o período de observação, pudemos reconhecer as dificuldades apresentadas pelos alunos nas atividades realizadas em sala de aula em relação à autoria de textos, além do que, muitos alunos, ao responderem o questionário apresentado por nós, relataram que não gostavam de escrever. A partir disso, centramos nosso planejamento no gênero *conto popular*, com o intuito de planejar aulas, nas quais, os alunos pudessem compreender e estabelecer sentido ao texto lido, e com isso, ressignificar o processo de escrita, assumindo a autoria do texto, situando-se enquanto autores, tendo o que dizer, para quem dizer e estratégias para dizer.

Considerando que o processo de ensino e aprendizagem da escrita é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, nos embasamos nos estudos apresentados por Geraldi (1997).

Geraldi, em *Portos de Passagem*, distingue *produção de textos e redação*, enfatizando que há uma notória diferença entre produzir textos *para a escola e na escola*. Para que textos sejam produzidos *na escola*, o autor destaca cinco condições: 1) ter o que dizer; 2) uma razão para dizer; 3) para quem dizer; 4) que o locutor se constitua enquanto tal nessa relação entre dizer e para quem; 5) estratégias de dizer.

Para o autor, um aluno só pode *assumir-se como locutor*, em um processo de autoria de um texto, por exemplo, em uma *relação interlocutiva*. Não há como *dizer* sem ter *o que dizer*, assim como *razão* para dizer, *para quem* dizer e *estratégias* para dizer. Não há como *dizer* fora de uma relação com outrem. *Dizer* sobre um conto lido a um amigo é diferente de *dizer* a leitores desconhecidos de um jornal. *Para quem* dizer, nesse sentido, influencia nossas estratégias para dizer, pois dependendo do interlocutor adotaremos uma forma ou outra, uma estética ou outra, etc.

A distinção, assim, critica a produção de textos abstratos, sem motivos autênticos dos participantes - envolvimento -, e sem interlocutores, ou seja, fora de qualquer espaço da atividade humana: textos com um interlocutor imaginário, com temas de modelos cristalizados, que serão *corrigidos* e arquivados. As estratégias adotadas por nós, neste projeto de docência, foram voltadas para que os alunos, quando escrevessem, tivessem um projeto de dizer, ou seja, o que dizer, para quem dizer e estratégias para dizer. Tal projeto se mostrou extremamente importante, visto que os alunos deveriam assumir a função de autores, pois seus textos seriam, de fato, compilados em um livro e disponibilizados na escola para que outros alunos pudessem lê-los, assim como para que professores pudessem trabalhar com os livros.

2.2.2.6 Concepção de avaliação

A avaliação da aprendizagem e o ensino são elementos que se associam entre si, no processo educacional, contudo, é possível encontrar em determinadas escolas, alguns modelos avaliativos que servem somente para prover dados puramente burocráticos para o sistema

educacional, ao invés de proporcionar ao professor, um suporte para que o mesmo possa adequar as suas aulas às necessidades apresentadas pelos alunos. Para Antunes:

Uma avaliação, portanto, que seja uma busca dos indícios, dos sinais da trajetória que o aluno percorreu, o que, por outro lado, serve também de sinal para o professor de como ele tem que fazer e por onde ele tem que continuar. Na verdade, pela avaliação deveria ficar evidente para o professor *que coisas ele ainda precisa trazer para a sala de aula como matéria de análise, reflexão e estudo* (ANTUNES, 2003, p. 158, grifos da autora).

Entendemos que este processo de avaliação é de extrema importância, não só para os alunos, como para nós, estagiários-professores. Os instrumentos de avaliação propostos sinalizaram se nosso trabalho estava atingindo ou não os objetivos estabelecidos e nos indicaram como proceder, a que ponto do projeto retornar. O processo avaliativo nos gerou dados para que fizéssemos um melhor trabalho e tivéssemos, nós e os alunos, um melhor desempenho durante a execução do projeto. Um dos exemplos que poderíamos citar, pois, foi o processo de reescrita do conto. Inicialmente os alunos escreveram um conto, a partir de uma história coletada. Nós lemos as produções e avaliamos quais os conteúdos que deveriam ser revisados, para que todos melhorassem suas histórias. Assim, definimos alguns problemas, que apareciam em maior número, e fizemos uma aula para tratar de tais, a partir dos exemplos das produções. Muitos conteúdos desta aula não estavam previstos em nosso planejamento, mas, tendo em vista as produções dos alunos, mostraram-se necessários de serem trabalhados.

É importante destacar que, conforme Antunes (2010), a avaliação deve servir para que o docente perceba o que foi apropriado pelo aluno e possa, então, repensar sua prática. Segundo a autora, a avaliação tem duas funções principais: uma *retrospectiva*, pois aponta-nos “os achados feitos”; e outra *prospectiva*, pois sinaliza “como devemos prosseguir” (p. 166). Neste sentido, a avaliação avalia, não só alunos, como o próprio professor.

Dessa forma, a avaliação dos alunos se deu de forma processual, tendo em vista suas singularidades, ao longo da execução do projeto. Eles foram avaliados de acordo com: suas reflexões em sala, participando das discussões propostas; a escuta atenta aos colegas, colaborando para o bom andamento das aulas; resolução de exercícios e roteiros de leitura, levando em conta a adequação das respostas em relação aos conteúdos trabalhados; a clareza, a entonação, o ritmo e a expressividade durante apresentações orais e leituras; a produção escrita, levando em conta a adequação ao gênero, coesão, coerência, utilização de

personagens, de marcações para as falas dos personagens, marcações adequadas ao tipo de narrador escolhido.

2.2.3 Objetivos

Para a elaboração do projeto de docência, construímos objetivos a serem alcançados com a realização das aulas: o objetivo geral; e os objetivos específicos. Todas as aulas, e os planos de aula, visavam, assim, concretizar tais objetivos ao longo do processo.

2.2.3.1 Objetivo geral

Potencializar habilidades e conhecimentos acerca das práticas de uso da língua, na modalidade oral e escrita, com foco nos contos populares, tendo em vista a ampliação do repertório literário e artístico, por meio da leitura e análise de contos populares, desenvolvendo estratégias de leitura, as quais, de forma lúdica e prazerosa, despertem a curiosidade e a necessidade de aprofundar conhecimentos em diferentes textos.

2.2.3.2 Objetivos específicos

- Aproximar-se do gênero conto popular através da leitura de textos apresentados em sala de aula, ampliando o repertório de contos populares pela leitura-fruição de textos representativos do gênero;
- Reconhecer elementos da estrutura do texto narrativo, como o conto, a partir das informações contidas no texto e da identificação das marcas próprias da escrita, como paragrafação e uso de travessão para indicar falas das personagens;
- Realizar a leitura-estudo do conto produzido por um colega da turma, identificando a adequação do texto ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa;
- Compartilhar histórias advindas de relatos familiares, expressando-se com clareza, entonação e fluência;
- Ouvir com atenção, e com respeito, as histórias apresentadas pelos colegas, demonstrando postura de escuta atenta e ativa, atribuindo sentidos às falas dos colegas no decorrer das aulas;
- Narrar oralmente histórias, com base na leitura de contos populares da Ilha da Magia;

- Estabelecer relações entre o conteúdo de um texto com outros textos;
- Produzir um conto popular, considerando sua função social e forma de composição, assim como os recursos linguísticos e expressivos;
- Relacionar a literatura e arte, ilustrando com um desenho a sua produção escrita, tendo em vista a publicação em um livro.
- Cumprir responsabilidades de apresentação e entrega de atividades realizadas a distância.

2.2.4 Conhecimentos trabalhados

- Conto popular: função social, esfera e suporte de circulação, forma de composição;
- Elementos do texto narrativo, como: personagens, enredo, narrador (foco narrativo), espaço e tempo;
- Clareza, objetividade, expressividade, entonação e ritmo em leituras, discussões e apresentações orais;
- A fala do outro e a atribuição de sentido;
- Recursos discursivos, expressivos e linguísticos do conto popular;
- Marcas linguísticas de tempo, espaço, foco narrativo;
- Leitura-fruição e leitura-estudo de contos populares e microcontos;
- Emprego adequado das marcas pronominais e verbais de 1ª e 3ª pessoa na produção e reescrita;
- A escrita como recurso para o aprimoramento da compreensão leitora;
- A escrita e reescrita de um conto popular.

2.2.5 Metodologia

O projeto foi desenvolvido por meio de aulas expositivo-dialogadas, com o objetivo de suprir as necessidades dos alunos que se manifestaram a partir das atividades que foram realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto de docência. As atividades foram realizadas com diferentes objetivos, tais como: leitura-fruição e leitura estudo; desenvolvimento da oralidade através de contação de histórias coletadas em seu entorno familiar; exercícios de análise e interpretação de textos e aprimoramento da escrita e da

reescrita de textos. Foram utilizados textos em diversos suportes, como livros; textos impressos e audiovisuais para conhecimento e aprofundamento do gênero *conto*.

Dessa forma, na primeira semana de aula (5 de outubro de 2017), nós buscamos aproximar os alunos do gênero *conto*, através de leituras de *contos populares* do escritor italiano, Ítalo Calvino, a fim de que, os alunos pudessem identificar e analisar os elementos da narrativa que se manifestam no gênero *conto popular*.

Na segunda semana de aula (11 de outubro de 2017), continuamos trabalhando com textos do escritor Ítalo Calvino, na qual foi realizada a leitura jogralizada do conto “A terra onde não se morre nunca”, em que o professor leu a parte do narrador e alguns alunos sorteados leram a parte dos personagens, com o intuito de promover uma discussão sobre o conto a partir de perguntas, buscando inferir: quais os personagens; qual a história narrada; qual o clímax do conto e qual a moral.

Na terceira semana (18 e 19 de outubro de 2017), os alunos realizaram a leitura de *Microcontos de terror*. Para tanto, solicitamos que se expressassem com clareza, entonação, fluência e ritmo na leitura oral de *microcontos*. Essa atividade também foi planejada para que os alunos pudessem compreender a existência de diferentes formas de narrar e diferentes tipos de narradores, com base na análise das marcas pronominais e verbais de 1ª e 3ª pessoa. Além disso, apresentamos aos alunos gravuras de Franklin Cascaes, e lemos o seu conto *Bruxas atacam pescador*, a fim de que, os alunos pudessem aprender a diferenciar a linguagem informal da linguagem formal, com base na análise de falas das personagens. Solicitamos, ao final da aula, que os alunos coletassem histórias populares com seus familiares, histórias que eles conhecessem ou tivessem vivido, e que registrassem tais histórias, para que pudessem compartilhar com os colegas na aula seguinte.

Na quarta semana (25 e 26 de outubro de 2017), organizamos, dentro da sala de aula, uma roda de conversa, na qual, os alunos apresentaram as suas histórias coletadas, em suas comunidades, para a turma, desenvolvendo, assim, a oralidade dos alunos: a contação e a escuta de contos populares. Nas duas últimas aulas da semana, os alunos produziram suas primeiras versões do conto popular, a partir do relato de histórias coletadas com familiares e vizinhos, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores sobre o gênero *conto popular*.

Na quinta semana (1 de novembro de 2017), fizemos a leitura de duas versões do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, a versão escrita pelos Irmãos Grimm, e outra escrita

por Charles Perrault. Com base nessa leitura, os alunos realizaram uma atividade, que consistia em estabelecer relações entre diferentes pontos de vista das duas histórias.

Na sexta semana (8 e 9 de novembro de 2017), realizamos uma aula para rever os aspectos do gênero e da narrativa, em relação aos quais os alunos apresentaram dificuldade na primeira produção textual. Essa atividade possibilitou que os alunos refletissem sobre os recursos discursivos, composicionais e linguísticos empregados na escrita da 1ª versão do conto, de modo que pudessem aprimorá-los para adequar o texto ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa. Após esse momento, foi feita a troca dos contos entre os alunos, para que fossem avaliados pelos colegas, com base em uma ficha avaliativa. Nas duas últimas aulas da semana, os alunos reescreveram o conto, a partir das orientações apresentadas por nós, estagiários-professores, e pelo colega na primeira versão do texto. Ao terminarem a reescrita do texto, fizeram, alguns, uma ilustração para seu conto, que acompanha o texto no livro da turma 61.

Na sétima e última semana de aula (16 de novembro de 2017), fizemos a socialização com os colegas da versão final do conto, assim como da imagem que o ilustra. Em seguida, realizamos o fechamento do projeto de docência na Escola de Educação Básica Simão José Hess.

Para concretizar essas aulas, fizemos uso de alguns recursos materiais, quais sejam: lápis, caneta, caderno, quadro, canetão e folhas; fotocópias e impressões de textos, atividades e imagens; computador, som e projetor, para projeção de vídeos; cartaz em EVA para a dinâmica de apresentação; bombons e comidas para a apresentação e encerramento. Os recursos bibliográficos, também necessários para o desenvolvimento das aulas, estão devidamente anexados aos planos de aula e podem ser lidos na íntegra.

2.2.6 Cronograma

Aula 1 e 2 05/10 (Quinta)	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação do projeto “Contos populares e a revitalização da memória local nas aulas de Língua Portuguesa”, que foi desenvolvido, assim como da professora supervisora e dos estagiários.• Estabelecimento de um acordo com os alunos, a partir da pergunta “Este bimestre será um sucesso se...?”. O acordo foi transformado em um <i>cartaz</i>, que permaneceu disposto na sala durante todas as aulas.
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura individual de contos de Ítalo Calvino. Cada aluno recebeu um conto. Após a leitura os alunos foram agrupados em cinco grupos e realizaram um jogo (cruzadinha) valendo prêmios.
Aula 3 e 4 11/10 (Quarta)	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura jogralizada do conto “A terra onde não se morre nunca” de Ítalo Calvino. O professor leu o narrador e alguns alunos sorteados leram as falas dos personagens. ● Discussão do conto a partir de perguntas, buscando inferir: quais são os personagens; qual a história narrada; qual o clímax do conto; e qual a moral. Após a discussão, os alunos preencheram uma tabela com estas informações.
	<ul style="list-style-type: none"> ● A aula de leitura foi realizada a partir de outros contos do livro “Fábulas Italianas”, de Ítalo Calvino. Cada aluno recebeu um conto, selecionado pelo professor, e, novamente, preencheu a tabela com as informações requeridas.
Aula 5 e 6 18/10 (Quarta)	<ul style="list-style-type: none"> ● Sintetização dos elementos do texto narrativo, com o uso de um microconto. ● Leitura de “Microcontos de terror”, realizada pelos alunos. ● Análise de microcontos, realizada pelo professor, buscando demonstrar as diferenças entre o narrador de 1ª e 3ª pessoa, através da análise de pronomes e verbos.
	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade de reescrita microcontos, mudando o foco narrativo de 1ª para 3ª ou de 3ª para 1ª pessoa.
Aula 7 e 8 19/10 (Quinta)	<ul style="list-style-type: none"> ● Circulação de gravuras de Franklin Cascaes pela sala, visando descobrir o que os alunos conhecem sobre e o que sentem ao vê-las. ● Leitura, realizada pelo professor, do conto “Bruxas atacam pescador” de Franklin Cascaes. ● Discussão do conto em sala, buscando verificar: do que trata o conto; quais os personagens; onde se passa a história; e onde aparece a linguagem informal no conto, assim como a linguagem formal.
	<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade sobre linguagem informal, na qual os alunos tiveram que anotar cinco palavras do áudio “GPS” do grupo Dezarranjo Ilhéu. ● Entrega de atividade a ser realizada em casa, na qual os alunos deveriam buscar histórias populares na família.
Aula 9 e 10 25/10 (Quarta)	<ul style="list-style-type: none"> ● Roda de conversa: apresentação da história, coletada na família, para a turma.

Aula 11 e 12 26/10 (Quinta)	<ul style="list-style-type: none"> • Produção textual: os alunos escreveram a 1ª versão de um conto, a partir das histórias coletadas.
Aula 13 e 14 01/11 (Quarta)	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, realizada pelo professor, e discussão de dois contos da “Chapeuzinho vermelho”, uma dos Irmãos Grimm e outra de Charles Perrault. • Atividade em sala que buscou destacar as diferenças entre as diferentes versões dos contos populares, no caso, do conto “Chapeuzinho vermelho”.
Aula 15 e 16 08/11 (Quarta)	<ul style="list-style-type: none"> • Aula de análise linguística, tendo em vista o processo de reescrita, a partir das problemáticas encontradas na 1ª versão da produção textual. • Troca dos contos para avaliação entre os alunos, que foi feita através de uma ficha avaliativa.
Aula 17 e 18 09/11 (Quinta)	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita da produção textual, a partir da aula de análise linguística, assim como dos comentários dos colegas e dos do professor. • Produção de uma ilustração para a produção textual que ilustre a narrativa.
Aula 19 e 20 16/11 (Quinta)	<ul style="list-style-type: none"> • Socialização das produções entre os alunos. Cada aluno leu sua produção e mostrou seu desenho para os colegas. • Após a socialização, realizamos uma pequena confraternização entre professores e alunos.

2.2.7 Planos de aula

2.2.7.1 Plano das aulas 1 e 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Aliny Sartor Nandi

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6° - Turma: 01

Plano das aulas 1 e 2

(05/10 – Quinta-feira – 8:15 às 9:45 [2h/aula])

Tema: Contos populares: aproximação do gênero a partir de jogos yo

1. Objetivo Geral

- Aproximar-se do gênero contos populares a partir da leitura-fruição e de textos do gênero, assim como da participação em um jogo, relativo aos textos lidos.

2. Objetivos Específicos

- Avaliar o próprio comportamento, assim como o da turma, tendo em vista as indicações do que é necessário para se ter um bom andamento das aulas de Língua Portuguesa;
- Sugerir condições importantes para o bom andamento das aulas de Língua Portuguesa no 4º bimestre;
- Estabelecer um acordo com os estagiários que será fixado na sala em forma de cartaz;
- Aproximar-se do gênero contos populares através da leitura silenciosa de textos do gênero;
- Reconhecer elementos da estrutura do texto narrativo a partir do preenchimento de uma cruzadinha com informações relativas ao texto lido;
- Colaborar com os colegas de grupo para responder adequadamente às perguntas do jogo;
- Analisar o desempenho do grupo a partir da participação de cada um na elaboração das respostas, assim como da correção das cruzadinhas, considerando a adequação das respostas;

- Expressar-se com clareza, objetividade e expressividade na atividade de apresentação oral, indicando o seu nome e o que considera necessário para que as aulas de Língua Portuguesa sejam um sucesso no 4º bimestre;
- Demonstrar respeito em relação à fala do outro pela postura de escuta atenta e ativa na atividade de apresentação individual e no trabalho de grupo em relação ao texto lido.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Clareza, objetividade, expressividade, entonação na apresentação individual;
- A fala do outro e a atribuição de sentidos;
- Gênero contos populares: função social;
- Leitura-fruição de contos populares;
- Compreensão leitora de contos;
- Elementos do texto narrativo, como: personagens; local; e tempo.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Registro da pauta do dia no quadro.	5 minutos
Iniciaremos a primeira aula com a apresentação dos estagiários-professores, e da professora-orientadora, assim como do projeto que será desenvolvido durante o estágio de docência. Para isso, entregaremos para cada aluno uma cópia do texto de apresentação (Anexo 1), para que os alunos possam acompanhar a leitura.	15 minutos
Após a apresentação do corpo docente, iniciaremos a apresentação do corpo discente, buscando nos aproximarmos mais da turma. A <u>chamada</u> será realizada a partir da apresentação. Neste momento, cada um dirá o seu nome e responderá à pergunta: “O 4º será um sucesso se...?”. As respostas dos alunos serão, primeiramente, anotadas no quadro, para depois comporem um mural (Anexo 2), prevendo instituir um acordo entre alunos e professores para auxiliar na dinâmica das aulas e no comportamento dos alunos. As respostas deverão ser sintéticas, em uma única palavra. Depois que todos os alunos se apresentarem, o professor fará uma votação das respostas mais relevantes e estas serão registradas no mural e expostas na sala.	25 minutos
Com o fim da primeira etapa, passaremos para uma atividade com leituras e cruzadinhas. Primeiramente, entregaremos de maneira sortida 4 fábulas de Ítalo Calvino (Anexo 3) para os alunos fazerem uma leitura individual e silenciosa. Indicaremos que na sequência haverá um jogo valendo premiações, buscando, assim, uma maior	10 minutos

atenção dos alunos.	
Após a leitura, os alunos serão organizados em quatro grupos de acordo com a fábula que receberam. Cada um destes grupos ganhará uma cruzadinha correspondente (Anexo 4) ao texto lido e deverá respondê-la utilizando informações da fábula. O grupo que primeiro concluir a atividade mostrará aos estagiários e estes conferirão se suas respostas estão corretas. Se estiverem, o grupo ganhará um prêmio maior que os demais, pois todos ganharão, pois buscamos integrar os alunos, assim como desenvolver uma boa relação com todos.	20 minutos
Nos minutos finais, o estagiário-professor corrigirá as cruzadinhas no quadro, para que os alunos acessem as respostas.	15 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Cartaz em EVA;
- Fotocópias das fábulas e das cruzadinhas;
- Fotocópias do texto de apresentação do projeto que será desenvolvido;
- Bombons.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação nas atividades propostas, considerando a postura de concentração na atividade de leitura, assim como de respeito ao outro pela escuta atenta e ativa nas apresentações orais. A realização da cruzadinha fará parte de uma das notas avaliativas dos alunos e nesta atividade será considerada a adequação das respostas em relação ao texto lido.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia do texto de apresentação do projeto de docência

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

HOJE

— João, estou te dizendo, aquele dia foi diferente! Naquele dia eles entraram... Eram dois. Um homem e uma mulher. Não sei que idade tinham e não consigo lembrar o nome deles. Eles se sentaram ao fundo da sala e lá ficaram, como vultos, sempre nos observando. Não sei exatamente o que faziam, sei só que escreviam sem parar! Qualquer movimento nosso e lá iam eles: registravam. Talvez usassem aquilo contra nós! Você tá entendendo?

— Não, Pedro, qual o problema?

— O problema é que eles vão voltar! E vão fazer alguma coisa com a gente que eu também não lembro! Ou talvez eles não tenham explicado... eu não sei.

— Tá, mas e quando eles vão voltar?

— Hoje.

E eles voltaram. O nome deles era Aliny e Paulo, os dois vultos que registravam nossas aulas para serem professores. E o que eles vão fazer? Trabalharão com histórias populares, histórias que antes eram contadas oralmente, passadas de uma geração para outra. No final nós é que escreveremos uma história. E faremos um desenho dela. E eles transformarão todas em um livro. Até lá vamos ler e trabalhar com histórias de outros escritores.

Teremos três notas durante este período: uma de participação; outra de leitura; e a última que será a de produção da história. Sobre a nota de participação, eles nos disseram que todos começamos com 10! Sim e, se entregarmos todas as atividades, já teremos uma nota máxima garantida.

Eles disseram ainda que será um curto, mas longo caminho e que necessitarão da nossa ajuda. Esperam que este bimestre seja ótimo e que consigamos atingir todos os nossos objetivos.

Estagiários-professores

Aliny Sartor Nandi

Paulo Henrique Pergher

Anexo 2 - Foto do cartaz com sugestões dos alunos para o sucesso do 4º bimestre



Anexo 3 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *Corcunda, manca e de pescoço torto*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Corcunda, manca e de pescoço torto

Ítalo Calvino

Era uma vez um rei que saía a passeio. Observava as pessoas, as andorinhas, as casas, e estava contente. Passou uma velhinha, que ia cuidar de seus negócios, uma velhinha simpática, só que mancava um pouco de uma perna e era também meio corcunda, e além disso tinha o pescoço torto. O rei a observou e debochou:

— Corcunda, manca e de pescoço torto! Ah, ah, ah! — E explodiu numa risada na cara dela.

A velhinha era uma fada. Fixou o rei nos olhos e disse:

— Ria, ria, voltaremos a conversar amanhã.

E o rei explodiu noutra risada:

— Ah, ah, ah!

Esse rei tinha três filhas, três lindas moças. No dia seguinte, chamou-as para um passeio.

Apresentou-se a filha maior. E tinha corcunda.

— A corcunda? — disse o rei. — E como ela lhe apareceu?

— Acontece que — disse a filha — a camareira não arrumou direito minha cama e assim, esta noite, apareceu-me esta corcunda.

O rei começou a passear de um lado para outro pela sala; estava nervoso.

Mandou chamar a segunda filha, e esta se apresentou com o pescoço torto.

— Que história é esta? — disse o rei —, como se explica esse pescoço torto?

— Sabe — respondeu a segunda filha —, a camareira, ao me pentear, puxou um fio de cabelo... E eu fiquei assim, com o pescoço torto.

— E esta? — espantou-se o rei vendo a terceira filha que avançava mancando —, e esta, por que deu para mancar?

— Havia ido ao jardim — disse a terceira filha —, e a camareira colheu um jasmim e me deu. Caiu sobre um dos meus pés e fiquei manca.

— Mas quem é essa camareira? — gritou o rei. — Tragam-na à minha presença!

A camareira foi chamada: foi levada até o rei algemada e arrastada pelos guardas, pois — dizia — envergonhava-se de se mostrar: era corcunda, manca e de pescoço torto. Era a velhinha do dia anterior! O rei a reconheceu logo e gritou:

— Preparem-lhe uma camisola de piche!

A velhinha encolheu, encolheu, sua cabeça se tornou fina como um prego. Havia um buraco na parede e a velha se enfiou lá dentro, passou para o outro lado e desapareceu, deixando atrás de si apenas a corcunda, o pescoço torto e o pé manco.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 4 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *A ciência da preguiça*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

A ciência da preguiça

Ítalo Calvino

Era uma vez um velho turco que tinha só um filho e gostava mais dele que da luz dos próprios olhos. Sabe-se que para os turcos o maior castigo que deus impôs ao mundo é o trabalho; por isso, quando seu filho completou catorze anos, pensou em colocá-lo na escola, para que aprendesse o melhor método para não fazer nada.

No mesmo bairro do velho turco, morava um professor, conhecido e respeitado por todos, pois durante toda a vida só fizera aquilo que não pudera evitar de fazer. O velho turco foi visitá-lo e o encontrou no jardim, deitado à sombra de uma figueira, com uma almofada sob a cabeça, outra sob as costas e uma sob o traseiro. O velho turco disse consigo mesmo: “Antes de conversar com ele, quero ver como se comporta”, e se escondeu atrás de uma sebe para espia-lo.

O professor estava imóvel como um morto, de olhos fechados, e só quando ouvia: tchac!, um figo maduro que caía ao alcance da mão, esticava o braço de mansinho, levava-o à boca e o engolia. Depois, de novo imóvel como um tronco, esperava que caísse outro.

“Este é justamente o professor que desejo para meu filho”, disse o turco consigo mesmo e, saindo do esconderijo, cumprimentou-o e lhe perguntou se estava disposto a ensinar a seu filho a ciência da preguiça.

— Amigo — falou o professor com um fio de voz —, não fale tanto, pois me canso de ouvi-lo. Se quer educar seu filho e fazer com que se torne um turco de verdade, mande-o aqui, e basta.

O velho turco voltou para casa, pegou o filho pela mão, enfiou-lhe uma almofada de penas debaixo do braço e levou-o àquele jardim.

— Recomendo-lhe — disse-lhe — que faça tudo o que vir fazer o professor de ócio.

O moço, que já tinha inclinação por aquela ciência, deitou-se também ele embaixo da figueira e viu que o professor, toda vez que caía um figo, esticava um braço para recolhê-lo e comê-lo. “Por que essa canseira de esticar o braço?”, disse para si mesmo, e ficou deitado de boca aberta. Um figo caiu em sua boca e ele, lentamente, engoliu-o, e depois reabriu a boca. Outro figo caiu um pouco mais longe; ele não se moveu, mas disse, bem baixinho:

— Por que tão longe? Figo, caía na minha boca!

O professor, vendo quanto era esperto o estudante, disse:

— Volte para casa, pois não tem nada a aprender comigo, pelo contrário, sou eu quem deve aprender com você.

E o filho retornou ao pai, que agradeceu ao céu lhe ter dado um filho tão talentoso.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 5 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *José Peralta que, quando não arava, tocava flauta*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

José Peralta que, quando não arava, tocava flauta

Ítalo Calvino

Era uma vez um jovem chamado José Peralta que, quando não arava, tocava flauta. Flauteava e dançava pelos campos para descansar da fadiga da enxada quando, de repente, numa elevação do terreno, viu um morto estendido, sob uma nuvem de moscas. Tirou a flauta dos lábios, aproximou-se do cadáver, espantou as moscas e o cobriu de ramos verdes. Retornou ao lugar onde deixara a enxada e descobriu que a enxada se pusera a trabalhar sozinha e tinha revirado a terra de meio campo. Daquele dia em diante José Peralta passou a ser o lavrador mais feliz do mundo: trabalhava até ficar cansado, depois tirava a flauta do bolso, e a enxada se punha a funcionar sozinha.

Mas José Peralta trabalhava para um padraсто, e esse padraсто não gostava dele e queria mandá-lo embora de casa. Antes dizia sempre que lavrava bem mas pouco, agora se pôs a dizer que arava muito mas produzia pouco. Então, José Peralta pegou sua flauta e foi embora.

Bateu à porta de todos os patrões, mas nenhum lhe dava trabalho. Acabou encontrando um velho mendigo, pediu trabalho também a ele, por caridade, senão morria de fome.

— Venha comigo — disse-lhe o mendigo —, dividiremos as esmolas.

E assim José Peralta começou a andar com o mendigo, e cantavam:

Jesus, Maria, Jesus, Maria!

Um pãozinho para a travessia.

Mas todos davam esmolas ao velho, e a José Peralta diziam:

— Tão jovem e já pedindo esmolas? Por que não vai trabalhar?

— Não encontro trabalho — respondia José Peralta.

— É o que você diz. O rei tem tantas terras abandonadas e paga bem a quem as cultiva.

José Peralta foi até as terras do rei e levou o velho que sempre dividira suas esmolas com ele. As terras do rei nunca haviam sido aradas por ninguém; José Peralta as lavrou, semeou trigo nelas, capinou as ervas daninhas do trigo e depois o ceifou. E, quando estava cansado de ceifar, tocava a flauta e, quando estava cansado de tocar, cantava:

Alegre-se, foice, alegre-se, cortadeira,

Porque o rei quer me dar sua herdeira.

A princesinha, ouvindo cantar, debruçou-se na janela: viu José Peralta e se apaixonou por ele. Mas ela era filha de rainha e ele lavrador; era impossível que o rei consentisse no casamento. Por isso, decidiram fugir juntos.

À noite, fugiram de barca. Já estavam ao largo, quando José Peralta se lembrou do mendigo. Disse à amada:

— É preciso esperar o velho: dividia comigo suas esmolas. Não posso abandoná-lo assim.

E, naquele momento, viram o velho que vinha atrás deles. Andava sobre as águas do mar como se anda no chão e, quando alcançou a barca, disse:

— Havíamos combinado dividir tudo aquilo que tivéssemos e eu sempre partilhei minhas coisas com você. Agora, você tem a filha do rei: tem que dividi-la comigo. — E entregou uma faca a José Peralta para que cortasse a noiva em dois.

José Peralta pegou a faca com mão trêmula:

— Tem razão — disse —, tem razão. — E já estava a ponto de cortar a noiva ao meio quando o velho segurou sua mão.

— Pare: conheci-o como um homem justo. Saiba que sou aquele morto que você cobriu de ramos verdes. Vão, e vivam sempre felizes e contentes.

O velho se foi andando sobre o mar. A barca aportou numa ilha repleta de riquezas, com um palácio principesco que aguardava os noivos.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 6 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *Cric, Croc e Mão de Gancho*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Cric, Croc e Mão de Gancho

Ítalo Calvino

Era uma vez três malandros: Cric, Croc e Mão de Gancho. Fizeram uma aposta para ver quem era o malandro mais astuto. Puseram-se a caminho; Cric ia na frente e viu uma pega que chocava em seu ninho no alto de uma árvore. Disse:

— Duvidam que eu consigo tirar os ovos que estão debaixo daquela pega sem que ela perceba?

— Sim. Vejamos se é capaz!

Cric subiu numa árvore para roubar os ovos e, enquanto os estava roubando, Croc cortava os saltos dos sapatos dele e os escondia no chapéu. Mas, antes que pusesse o chapéu de volta na cabeça, Mão de Gancho já os tinha roubado. Cric desceu da árvore e disse:

— O malandro mais astuto sou eu, pois roubei os ovos que estavam debaixo da pega.

E Croc:

— O mais astuto sou eu, pois cortei as solas dos seus sapatos sem que você se desse conta. — E tirou o chapéu para lhe mostrar os saltos, mas não os encontrou.

Então Mão de Gancho falou:

— O mais astuto sou eu, pois lhe roubei os saltos do chapéu. E, visto que sou o mais astuto, quero me separar, porque com vocês saio perdendo.

Foi embora por conta própria e acumulou tantos objetos que ficou rico. Mudou de cidade, casou e abriu uma mercearia. Os outros dois, viajando para roubar, chegaram a essa cidade e viram a mercearia. Disseram-se:

— Vamos entrar, quem sabe há trabalho para nós.

Entraram, e estava só a mulher.

— Bela senhora, poderia dar-nos alguma coisa para comer?

— Que desejam?

— Uma fatia de queijo-cavalo.

Enquanto ela cortava o queijo, os dois olhavam em volta para descobrir o que havia para se roubar. Viram um porco esquartejado pendurado e combinaram por meio de sinais que viriam buscá-lo à noite. A mulher de Mão de Gancho percebeu os sinais deles, mas ficou quieta e, quando o marido chegou, contou tudo a ele. O marido, velho malandro que era, entendeu logo.

— Estes são Cric e Croc, que querem roubar o porco. Muito bem! Vou cuidar do caso!

— Pegou o porco e o colocou no forno — à noite foi dormir.

Mais tarde, Cric e Croc apareceram para roubar o porco, procuraram-no por toda parte e não o encontraram. Então o que pensou Croc? Pé ante pé, aproximou-se da cama, do lado em que estava deitada a mulher de Mão de Gancho, e disse:

— Escute, não acho o porco. Onde o colocou?

A mulher pensou que fosse o marido e lhe respondeu:

— Durma! Não lembra que o colocou no forno? — E voltou a dormir.

Os dois malandros foram até o forno, pegaram o porco e saíram. Primeiro saiu Croc, depois Cric com o porco nas costas. Passando pela horta do merceiro, notou que havia verdura para sopa; alcançou Croc e lhe disse:

— Volte à horta de Mão de Gancho e colha um pouco de verdura, assim poderemos cozinhá-la junto com um pernil de porco quando chegarmos em casa.

Croc retornou à horta e Cric seguiu adiante. Nesse meio-tempo, Mão de Gancho acordou, foi olhar no forno e não achou o porco, observou a horta e viu Croc que colhia verduras para a sopa. “É hora de agir”, pensou. Pegou um belo maço de couve que tinha em casa e saiu correndo, sem se deixar ver por Croc.

Alcançou Cric, que caminhava vergado com o porco nas costas, chegou perto dele e lhe fez sinal de que queria o porco. Cric pensou que fosse Croc que voltava com a verdura, pegou o maço que lhe estendia e lhe passou o porco. Com o porco nas costas, Mão de Gancho se virou e voltou correndo para casa.

Passado algum tempo, Croc alcançou Cric com a couve na mão e lhe disse:

— E o porco, onde é que você o colocou!

— Está com você!

— Eu? Eu não tenho nada!

— Mas se há pouco você fez a troca comigo!

— E quando? Você me mandou buscar verdura!

No final, entenderam que fora Mão de Gancho e que era ele o malandro mais astuto de todos.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 7 - Cópia da Cruzadinha do texto *Corcunda, manca e de pescoço torto*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

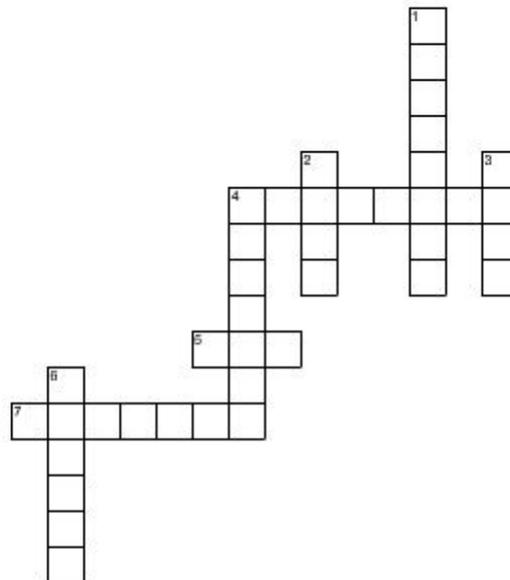
Ano: 6º - Turma: 01

Alunos: _____

Data: ___/___/_____

Corcunda, manca...

Ítalo Calvino



Horizontal

4. Qual característica da velha a filha maior tinha?
5. Qual é o personagem principal (protagonista) da história?
7. Era uma vez significa que a história se passa em qual tempo?

Vertical

1. Quem é a vilã (antagonista) da história?
2. Quantas filhas tinha o rei?
3. Que tipo de ser mágico era a camareira?
4. Tendo em vista os personagens, onde se passa a história?
6. Onde a terceira filha ficou manca?

Anexo 8 - Cópia da Cruzadinha do texto *A ciência da preguiça*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

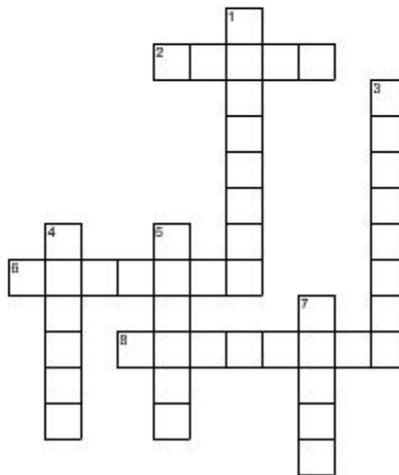
Ano: 6º - Turma: 01

Alunos: _____

Data: ___/___/_____

A ciência da preguiça

Ítalo Calvino



Horizontal

2. De que nacionalidade era o personagem principal?
6. Era uma vez significa que a história se passa em qual tempo?
8. Qual ciência o professor ensinava?

Vertical

1. Qual o maior castigo que Deus impôs à pessoas da nacionalidade do velho?
3. De que árvore vem o figo?
4. Onde o velho encontrou o professor pela primeira vez?
5. O velho e o professor moravam no mesmo _____?
7. Segundo o professor, quem era o mais sábio na arte da preguiça?

Anexo 9 - Cópia da Cruzadinha do texto *José Peralta, que quando não arava, tocava flauta*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

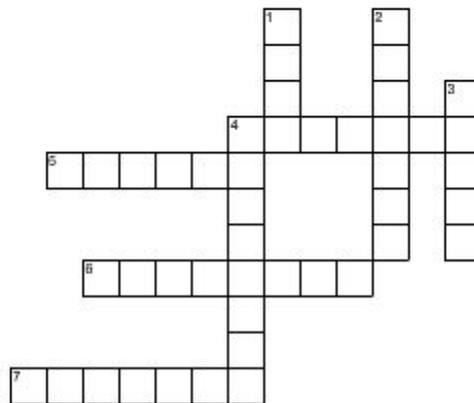
Ano: 6º - Turma: 01

Alunos: _____

Data: ___/___/_____

José Peralta...

Ítalo Calvino



Horizontal

4. Era uma vez significa que a história se passa em qual tempo?
5. Qual instrumento o personagem principal tocava?
6. O rei não permitiria o casamento do personagem principal, pois ele era _____.
7. Quem recebia mais esmolas?

Vertical

1. No final da história, onde a barca chegou?
2. Qual o segundo nome do personagem principal (protagonista)?
3. Quem era o mendigo no início da história?
4. No início da história, para quem o personagem principal trabalhava?

Anexo 10 - Cópia da Cruzadinha do texto *Cric, Croc e Mão de Gancho*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

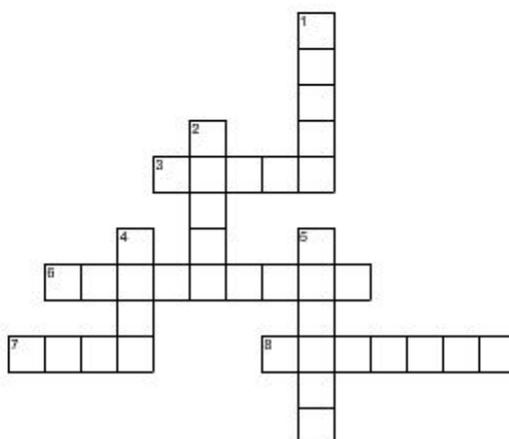
Ano: 6º - Turma: 01

Alunos: _____

Data: ___/___/_____

Cric, Croc...

Ítalo Calvino



Horizontal

3. Onde estava escondido aquilo que os capangas queriam roubar?
6. Que tipo de negócio Mão de Gancho abriu?
7. Quem roubou os ovos da pega?
8. Era uma vez significa que a história se passa em qual tempo?

Vertical

1. O que os capangas tentaram, mas não conseguiram, roubar de Mão de Gancho?
2. O que os capangas conseguiram roubar de Mão de
4. Quem roubou os saltos dos sapatos de um dos personagens?
5. Para que outro lugar Mão de Gancho se mudou?

2.2.7.2 Plano das aulas 3 e 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Aliny Sartor Nandi

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 3 e 4

(11/10 – Quarta-feira – 7:30 às 9:00 [2h/aula])

Tema: Contos Populares: introdução aos elementos estruturais do gênero

1. Objetivo Geral

- Analisar elementos da narrativa que se manifestam no gênero conto popular, a partir da leitura de textos do gênero.

2. Objetivos Específicos

- Realizar a leitura-estudo do conto popular “A terra onde não se morre nunca” de Ítalo Calvino;
- Expressar-se com clareza, expressividade, fluência na leitura jogralizada do conto “A terra onde não se morre nunca” de Ítalo Calvino;
- Discutir em conjunto a interpretação do conto popular “A terra onde não se morre nunca”, de Ítalo Calvino, com base em um roteiro de leitura;
- Identificar aspectos da estrutura narrativa em contos populares de Ítalo Calvino;
- Registrar os elementos da narrativa que se manifestam nos contos lidos em uma tabela disponibilizada pelo estagiário-professor.
- Ampliar o repertório de contos populares pela leitura-fruição de textos representativos do gênero;

3. Conhecimentos Trabalhados

- Leitura-estudo de contos populares;
- Expressividade, entonação, fluência e ritmo na leitura oral de contos populares;
- Leitura-fruição de contos populares;

- Análise formal do texto narrativo, considerando autor, personagens, tempo-espaço e enredo;
- A escrita como recurso para o aprimoramento da compreensão leitora.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Registro da pauta no quadro. Iniciaremos a aula com a leitura jogralizada do conto “A terra onde não se morre nunca” de Ítalo Calvino (Anexo 2). O estagiário-professor entregará o texto para todos os alunos. Em alguns destes textos, haverá destacado as falas de um personagem. Assim, o professor será o narrador da história, e os alunos que tiverem falas destacadas deverão ler suas partes.	15 minutos
Após a leitura, discutiremos o texto em grupo, indagando os alunos sobre: <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a história do conto? 2. Quais são os personagens? 3. Qual o clímax da história? 4. Qual a moral da história? 	10 minutos
Após a discussão dos aspectos gerais da história, o estagiário-professor entregará um roteiro de leitura em forma de tabela (Anexo 1) para cada aluno. Este roteiro será apresentado, ou seja, o estagiário-professor lerá os tópicos dele em voz alta, explicando cada um deles. Os alunos, então, deverão preencher a tabela com os dados do conto lido.	15 minutos
Correção no quadro das respostas da tabela.	5 minutos
Na segunda aula, levaremos os alunos à biblioteca para a aula de leitura. Os alunos lerão textos selecionados ainda do livro <i>Fábulas Italianas</i> de Ítalo Calvino. Serão 5 textos selecionados (Anexo 3) que serão distribuídos aleatoriamente para cada um dos alunos. Os alunos deverão ler o texto e preencher a tabela individualmente. A tabela será entregue ao estagiário-professor ao final da aula e avaliada posteriormente. Durante a realização da atividade de leitura, a <u>chamada</u> será realizada.	45 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Fotocópias de fábulas de Ítalo Calvino;
- Fotocópias dos roteiros de leitura;

- Livro *Fábulas Italianas* de Ítalo Calvino.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação em sala na discussão do texto, considerando a adequação das respostas do estagiário-professor, e, também, pela entrega da tabela na aula de leitura e pela adequação das respostas.

7. Referências

ANJOS, Roselene dos. *Contos de assombração*. Coleção Fórmula da Vitória. São Paulo: Global, 2011.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin*: Teoria Inclassificável. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia do roteiro de leitura

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Atividade de leitura 1

	TEXTO 1	TEXTO 2
Título do conto		
Autor Está abaixo do título		
Personagens Quem participa da história?		
Espaço Lugar(es) onde se passa a história? Como é esse(s) lugar(es)?		
Tempo Quando se passa a história?		
Diálogos Há diálogos no texto? Se sim, copie um trecho de		

um.		
Enredo Quais são os principais acontecimentos da história?		

Anexo 2 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *A terra onde não se morre nunca*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

A terra onde não se morre nunca

Ítalo Calvino

Certo dia, um jovem disse:

— Não me agrada muito esta história de que um dia todos devem morrer: quero procurar a terra onde não se morre nunca.

Despede-se do pai, da mãe, dos tios e primos, e parte. Anda dias, anda meses, e a todos os que encontrava perguntava se sabiam lhe ensinar o caminho do lugar onde não se morre nunca: mas ninguém sabia. Um dia encontrou um velho, com uma barba branca até o peito, que empurrava uma carriola cheia de pedras. Perguntou-lhe:

— Sabe me indicar onde é o lugar em que não se morre nunca?

— Não quer morrer? Fique comigo. Enquanto eu não tiver terminado de transportar com a minha carriola toda aquela montanha, pedra por pedra, você não há de morrer.

— E quanto tempo vai levar para desmanchá-la?

— Vou levar cem anos.

— E depois deverei morrer?

— Não há outro jeito.

— Não, este não é o lugar para mim: quero ir a um lugar onde não se morra nunca.

Cumprimenta o velho e segue em frente. Anda que anda, e chega a um bosque tão grande que parecia sem fim. Havia um velho com uma barba até o umbigo que cortava galhos com uma podadeira. O jovem lhe perguntou:

— Por favor, um lugar onde não se morra nunca, sabe me dizer onde é?

— Fique comigo — disse-lhe o velho. — Enquanto eu não tiver cortado o bosque inteiro com a minha podadeira, você não há de morrer.

— E quanto tempo vai levar?

— Hum! Duzentos anos.

— E depois deverei morrer do mesmo jeito?

— Certamente. Não lhe basta?

— Não, este não é o lugar para mim: vou em busca de um lugar onde não se morra nunca.

Despediram-se, e o jovem seguiu adiante. Depois de alguns meses, chegou à beira-mar. Havia um velho com a barba até os joelhos, que observava um pato beber água do mar.

— Por favor, conhece o lugar onde não se morre nunca?

— Se tem medo de morrer, fique comigo. Olhe: enquanto este pato não tiver enxugado o mar com seu bico, você não há de morrer.

— E quanto tempo vai levar?

— Cerca de trezentos anos.

— E depois será preciso que eu morra?

— E o que pretende? Quantos anos mais gostaria de viver?

— Não: tampouco este lugar serve para mim; tenho que ir para onde não se morre nunca.

Retomou o caminho. Uma noite chegou a um palácio magnífico. Bateu, e quem abriu foi um velho com a barba até os pés:

— O que deseja, bom jovem?

— Estou à procura do lugar onde não se morre nunca.

— Então acertou. Este é o lugar onde não se morre nunca. Enquanto ficar aqui comigo, esteja seguro de que não morrerá.

— Finalmente! Andei um bocado! Este é exatamente o lugar que procurava. Mas e o senhor? Está contente de que eu esteja aqui?

— Claro que sim, muito contente: vai me fazer companhia.

Assim o jovem se estabeleceu no palácio com aquele velho e levava vida de senhor. Passavam os anos e ninguém se apercebia: anos, anos e anos. Um dia o jovem disse ao velho:

— Puxa vida, junto com o senhor a gente se sente realmente bem, mas gostaria de ir ver como andam meus parentes.

— Mas que parentes você quer ir ver? A esta altura estão todos mortos há muito tempo.

— Bem, que quer que lhe diga? Tenho vontade de rever minha terra natal, e quem sabe não encontro os filhos dos filhos dos meus parentes.

— Se está mesmo decidido, vou lhe ensinar como deve fazer. Vá até a estrebaria, pegue meu cavalo branco, que possui a virtude de andar como o vento, mas lembre-se de não descer jamais da sela, por nenhuma razão, pois, se descer, morrerá no mesmo instante.

— Fique tranquilo, não desmonto: tenho muito medo de morrer!

Foi à estrebaria, preparou o cavalo branco, montou e lançou-se com a força do vento.

Passa no lugar em que encontrara o velho com o pato: onde antes ficava o mar agora havia um grande prado. De um lado havia uma pilha de ossos: eram os ossos do velho. “Veja só”, disse o jovem consigo mesmo, “fiz bem em seguir adiante; se tivesse ficado com esse aí a esta hora também eu estaria morto!”

Continuou seu caminho. Onde existia aquele grande bosque que um velho devia cortar com a podadeira, agora havia um descampado: não se via mais nem uma árvore. “Também junto com este aqui”, pensou o jovem, “já estaria morto há um bom tempo!”

Passou pelo lugar onde existia aquela enorme montanha que um velho devia desmanchar pedra por pedra: agora havia uma planície achatada como um bilhar.

— Com este aqui já estaria mais do que morto!

Anda que anda, e chega à terra natal, mas esta mudara tanto que não a reconhecia mais. Procura sua casa, mas não existia mais nem mesmo a rua. Pergunta pelos seus, porém

ninguém jamais ouvira seu sobrenome. Ficou mal. “É melhor que regresse logo”, disse para si mesmo.

Virou o cavalo e tomou o caminho de volta. Não estava nem mesmo na metade do caminho quando encontrou um carreteiro, que conduzia uma carroça cheia de sapatos velhos, puxada por um boi.

— Senhor, faça uma caridade! — disse o carreteiro. — desça um momento e me ajude a levantar esta roda, que saiu fora da trilha.

— Tenho pressa, não posso descer da sela — disse o jovem.

— Conceda-me esta graça, veja que estou sozinho, a noite vem chegando...

O jovem se apiedou dele e desmontou. Ainda estava com um pé no estribo e outro no chão quando o carreteiro o agarrou por um braço e disse:

— Ah! finalmente o peguei! Sabe quem sou? Sou a Morte! Está vendo todos aqueles sapatos furados ali na carroça? São todos os que me fez gastar para correr atrás de você. Agora consegui! Todos têm que acabar nas minhas mãos, não há escapatória!

E ao pobre jovem, também a ele só restou morrer.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 3 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *A menina vendida com as peras*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

A menina vendida com as peras

Ítalo Calvino

Era uma vez um homem que tinha uma pereira que produzia quatro cestos de peras por ano. Em certo ano, aconteceu que só conseguiu três cestos e meio, e era preciso levar quatro para o rei. Não sabendo como completar o quarto cesto, colocou dentro dele a menor de suas filhas e cobriu-a de peras e folhas.

Os cestos foram levados até a despensa do rei, e a menina rolou junto com as peras e se escondeu. Estava ali, na despensa, e, não tendo outra coisa para comer, mordiscava as peras.

Passado algum tempo, os empregados se deram conta de que a provisão de peras diminuía e encontraram também os talos. Disseram:

— Deve haver um rato ou uma toupeira que come as peras: precisamos verificar. — E mexendo entre as varas de vime encontraram a menina.

Perguntaram-lhe:

— O que faz aqui? Venha conosco, poderá trabalhar na cozinha do rei.

Chamaram-na de Perinha, e Perinha era uma menina tão dedicada que em pouco tempo sabia fazer o serviço melhor que as criadas do rei, e era tão graciosa que todos a adoravam. Também o filho do rei, que tinha a mesma idade que ela, estava sempre junto com Perinha, e entre eles nasceu uma grande simpatia.

Na mesma medida em que a menina crescia, crescia a inveja das criadas; aguentaram caladas algum tempo, depois começaram a pôr veneno. Assim, puseram-se a dizer que Perinha se gabava de poder tomar o tesouro das bruxas. O boato chegou aos ouvidos do rei, que chamou a menina e lhe disse:

— É verdade que você se gabou de poder tomar o tesouro das bruxas?

Perinha disse:

— Claro que não é verdade, Sagrada Coroa; não sei de nada.

Mas o rei insistiu:

— Sabe sim e palavra empenhada é palavra mantida. — E a expulsou do palácio até que voltasse com o tesouro.

Anda que anda, desceu a noite. Perinha encontrou uma macieira e não parou. Encontrou um pessegueiro e não parou. Encontrou uma pereira, acomodou-se entre os ramos e adormeceu.

De manhã, no pé da árvore havia uma velhinha.

— O que está fazendo aí em cima, bela criatura? — perguntou-lhe a velhota.

E Perinha contou a dificuldade em que se achava. A velhinha lhe disse:

— Pegue estas três libras de banha, estas três libras de pão e estas três libras de sorgo e vá em frente.

Perinha lhe agradeceu muito e seguiu pelo caminho.

Chegou a um lugar onde havia um forno. E havia três mulheres que arrancavam os cabelos e com os cabelos varriam o forno. Perinha lhes deu as três libras de sorgo e elas começaram a varrer o forno com o sorgo e a deixaram passar.

Anda que anda, chegou a um lugar onde havia três mastins que latiam e pulavam em cima das pessoas. Perinha lhes jogou as três libras de pão e a deixaram passar.

Anda que anda, chegou a um rio de água vermelha feito sangue e não sabia como atravessá-lo. Mas a velhota tinha lhe dito que dissesse:

*Torrentinha, linda torrentinha,
Se não estivesse apressadinha
Bem que beberia de canequinha.*

Perante tais palavras a água se retirou e a deixou passar.

Para além daquele rio, Perinha viu um dos palácios mais bonitos e maiores dentre todos os que existiam no mundo. Porém, a porta se abria e se fechava tão rápido que ninguém podia entrar. Então, Perinha untou os gonzos com as três libras de banha e a porta começou a se abrir e se fechar suavemente.

Tendo entrado no palácio, Perinha viu a arca do tesouro em cima de uma mesinha.

Pegou-a e se preparou para sair, quando a pequena arca se pôs a falar.

— Porta, acabe com ela, porta, acabe com ela! — dizia a pequena arca.

E a porta respondia:

— Não, não acabo com ela, pois há muito ninguém me untava e ela me untou.

Perinha chegou ao rio e a pequena arca dizia:

— Rio, afogue-a, rio, afogue-a!

E o rio respondia:

— Não, não a afogo, pois me chamou de torrentinha linda torrentinha.

Chegou perto dos cães, e a pequena arca:

— Cães, comam-na, cães, comam-na!

E os cães:

— Não, não a comemos, pois nos deu três libras de pão.

Passou pelo forno:

— Forno, queime-a, forno, queime-a!

E as mulheres:

— Não, não a queimamos, pois nos deu três libras de sorgo e assim economizamos nossos cabelos.

Logo que chegou perto de casa, Perinha, curiosa como todas as meninas, quis ver o que havia na pequena arca. Abriu-a e pulou fora uma galinha com pintinhos de ouro. Corriam tão rápido que era impossível pegá-los. Perinha se pôs a correr atrás deles. Passou pela macieira e não os encontrou, passou pelo pessegueiro e não os encontrou, passou pela pereira e lá estava a velhinha com uma vareta na mão cuidando da galinha com os pintinhos de ouro.

— Xô, xô — fez a velhota, e a galinha com os pintinhos de ouro entrou de novo na pequena arca.

Ao voltar para casa, Perinha foi acolhida pelo filho do rei.

— Quando meu pai perguntar o que quer como prêmio, indique aquele caixote cheio de carvão que está na adega.

Na entrada do palácio real, estavam as criadas, o rei e todos os cortesãos, e Perinha entregou ao rei a galinha com os pintinhos de ouro.

— Peça o que quiser — disse o rei — que lhe darei.

E Perinha respondeu:

— O caixote de carvão que está na adega.

Deram-lhe o caixote de carvão, ela o abriu e pulou fora o filho do rei que se escondera lá dentro. Então o rei ficou contente de que Perinha desposasse seu filho.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 4 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *A linguagem dos animais*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

A linguagem dos animais

Ítalo Calvino

Um rico comerciante tinha um filho chamado Babu, esperto e com muita vontade de aprender. O pai o deixou sob os cuidados de um professor muito sábio, para que lhe ensinasse todas as línguas.

Concluídos os estudos, Babu voltou para casa e, certa tarde, passeava com o pai pelo jardim. Numa árvore, os pássaros gritavam: um chilreio ensurdecedor.

— Estes passarinhos estouram meus tímpanos todas as tardes — disse o comerciante tapando os ouvidos.

E Babu:

— Quer que lhe explique o que estão dizendo?

O pai olhou para ele admirado.

— Como pretende saber o que dizem os pássaros? Será que você é um adivinho?

— Não, mas o professor me ensinou a linguagem de todos os animais.

— Ah, estou vendo que apliquei bem o meu dinheiro! — disse o pai. — O que terá entendido aquele professor? Eu queria que lhe ensinasse as línguas que falam os homens, não as dos animais!

— As línguas dos animais são mais difíceis, e o professor quis começar por elas.

O cão corria ao encontro deles latindo. E Babu:

— Quer que lhe explique o que ele está dizendo?

— Não! Parede me aborrecer com sua linguagem dos animais! Quanto dinheiro desperdiçado!

Passeavam ao longo de um fosso, e as rãs coaxavam.

— Só faltavam as rãs para me alegrar... — resmungava o pai.

— Pai, quer que lhe explique... — começou Babu.

— Vá para o diabo você e quem lhe ensinou!

E o pai, furioso por ter jogado dinheiro fora na educação do filho e com a ideia de que tal conhecimento da linguagem animal fosse uma espécie de bruxaria, chamou dois empregados e disse o que deveriam fazer no dia seguinte.

De manhã, Babu foi despertado, um dos empregados o fez subir na carruagem e se sentou ao lado dele; o outro, instalado no lugar do cocheiro, açoitou os cavalos e partiram a galope. Babu não sabia nada daquela viagem, mas notou que o criado que estava ao seu lado tinha os olhos tristes e inchados.

— Aonde vamos? — perguntou-lhe. — Por que está tão triste? — Mas o criado permanecia em silêncio.

Então os cavalos se puseram a relinchar, e Babu entendeu o que diziam:

— Triste viagem é esta, levamos o patrãozinho para a morte.

E o outro respondia:

— Cruel foi a ordem de seu pai.

— Então, vocês receberam ordem de meu pai para acabar comigo? — disse Babu aos criados.

Os criados estremeceram:

— Como é que soube? — perguntaram.

— Os cavalos me contaram — disse Babu. — Então me matem logo. Por que me fazer sofrer esperando?

— Não temos coragem para tanto — disseram os criados. — Procuramos um meio de salvá-lo.

Nisso, o cão os alcançou, latindo, pois perseguia a carruagem desde a partida. E Babu compreendeu que dizia:

— Para salvar meu patrãozinho, daria a minha vida!

— Se meu pai é cruel — disse Babu —, também existem criaturas fiéis; vocês, meus caros criados, e este cão que se diz disposto a dar a vida por mim.

— Então — disseram os criados —, vamos matar o cão e levar o coração dele para o patrão. O senhor, patrãozinho, fuja.

Babu abraçou os empregados e o cão fiel, e partiu para o desconhecido. À noite, chegou a uma casa e pediu pousada aos camponeses. Estavam jantando quando, do pátio, vieram os latidos do cão. Babu ficou escutando à janela, depois disse:

— Apressem-se, mandem as mulheres e os filhos para a cama, e vocês se armem até os dentes e fiquem alerta. À meia-noite, vai aparecer um bando de malandros para assaltá-los.

Os camponeses pensaram que ele tinha enlouquecido.

— Mas como é que sabe? Quem lhe disse?

— Soube por intermédio do cão que latia para avisá-los. Pobre animal, se não fosse por mim, teria desperdiçado o fôlego. Se me ouvirem, estão salvos.

Os camponeses, com os fuzis, ficaram de tocaia atrás de uma sebe. As mulheres e os filhos se fecharam em casa. À meia-noite, ouviu-se um assóvio, depois outro e mais outro; em seguida, gente se movendo. Da sebe partiu uma descarga de chumbo. Os ladrões se lançaram em fuga; dois ficaram estendidos na lama, com as facas na mão.

Foram feitos muitos elogios a Babu, e os camponeses queriam que permanecesse ali, mas ele se despediu e continuou sua viagem.

Anda que anda e, à noite, chega a outra casa de camponeses. Está em dúvida se bate ou não à porta, quando ouve um coaxar de rãs no fosso. Fica atento; discutiam:

— Vá, jogue a hóstia! Para mim! Para mim! Se não passarem a hóstia para mim, não jogo mais! Você não a segura e acaba rachando! Nós a conservamos inteira por tantos anos!

Aproxima-se e observa: as rãs jogavam bola com uma hóstia consagrada. Babu fez o sinal da cruz.

— Já são seis anos que está aqui no fosso! — disse uma rã.

— Desde que a filha do camponês foi tentada pelo demônio e, em vez de fazer a comunhão, escondeu a hóstia no bolso; e depois, voltando da igreja, jogou-a aqui no fosso.

Babu bateu à porta. Convidaram-no para jantar. Falando com o camponês, ficou sabendo que ele tinha uma filha, sofrendo de uma doença havia seis anos, mas que nenhum médico sabia qual era, e agora ela estava no fim da vida.

— É claro! — disse Babu. — É punição divina. Há seis anos, jogou no fosso a hóstia consagrada. É preciso procurar essa hóstia e depois fazê-la comungar devotamente; então ficará curada.

O camponês estremeceu.

— Mas quem lhe contou tudo isso?

— As rãs — disse Babu.

O camponês, mesmo sem entender, procurou no fosso, encontrou a hóstia, fez com que a filha comungasse e ela se curou. Não sabiam como recompensar Babu, mas ele não quis nada, despediu-se e retomou seu caminho.

Num dia de intenso calor, encontrou dois homens que descansavam à sombra de uma castanheira. Deitou-se ao lado deles e pediu se podia lhes fazer companhia. Começaram a conversar:

— Vocês dois vão para onde?

— Vamos para Roma. Não soube que o papa morreu e vão eleger o novo papa?

Entretanto, nos ramos da castanheira pousou um bando de pássaros.

— Estes passarinhos também estão indo para Roma — disse Babu.

— E como é que sabe? — perguntaram os dois.

— Entendo a linguagem deles — disse Babu. Apurou os ouvidos depois: — Sabem o que dizem?

— O quê?

— Dizem que um de nós três será eleito papa.

Naquele tempo, para eleger o papa, libertava-se uma pomba para que voasse pela praça de São Pedro cheia de gente. O homem em cuja cabeça a pomba pousasse devia ser eleito papa. Os três chegaram à praça apinhada de gente e se perderam no meio da multidão. A pomba voou, voou e pousou na cabeça de Babu.

Em meio a cantos e gritos de alegria foi erguido num trono e vestido com roupas preciosas. Levantou-se para dar a bênção e no silêncio que se fizera na praça se ouviu um grito. Um velho caíra por terra como morto. O novo papa acorreu e no velho reconheceu seu pai. O remorso o matara e mal tivera tempo de pedir perdão ao filho, antes de expirar entre seus braços.

Babu o perdoou e foi um dos melhores papas que a Igreja teve.

Anexo 5 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *As três velhas*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

As três velhas

Ítalo Calvino

Era uma vez três irmãs, todas as três jovens: uma tinha sessenta e sete anos, a outra setenta e cinco e a terceira noventa e quatro. E essas moças possuíam uma casa com um belo balcão, e este balcão tinha um buraco no meio, para ver as pessoas que passavam pela rua. A de noventa e quatro anos viu passar um lindo jovem; depressa, pegou seu lencinho mais fino e perfumado e, enquanto o jovem passava sob o balcão, deixou-o cair. O jovem recolheu o lencinho, sentiu aquele odor suave e pensou: “Deve ser de uma belíssima donzela”. Deu alguns passos, voltou e tocou a campainha da casa. Uma das três irmãs veio abrir e o jovem lhe perguntou:

— Por favor, nesta casa reside uma moça?

— Sim, senhor, e não é só uma!

— Faça-me um favor: gostaria de ver a que perdeu este lenço.

— Não, sabe, não é permitido — respondeu ela —, nesta casa é costume não se poder ver a mulher antes do casamento.

O jovem já se deixara envolver, imaginando a beleza daquela moça, e disse:

— Não faz diferença. Casarei com ela mesmo sem vê-la. Agora vou ter com minha mãe para lhe dizer que encontrei uma belíssima jovem e quero desposá-la.

Foi para casa e contou tudo à sua mãe, que lhe disse:

— Querido filho, pense bem no que faz, cuidado para não ser enganado. Antes de fazer uma coisa dessas é preciso pensar bem.

E ele:

— Para mim dá no mesmo. Palavra de rei não volta atrás. — Pois aquele jovem era um rei.

Volta à casa da noiva, toca a campainha e sobe.

Aparece a mesma velha e ele lhe pergunta:

— Só uma coisa, a senhora é a avó dela?

— Sim, sim: a avó dela.

— Já que é avó dela, faça-me este favor: mostre-me pelo menos um dedo daquela moça.

— Por enquanto não. É preciso que venha amanhã.

O jovem se despediu e foi embora. Assim que ele saiu, as velhas fabricaram um dedo falso, com um dedo de luva e uma unha postiça. Entretanto, roído pelo desejo de ver aquele dedo, ele não conseguiu dormir à noite. Amanheceu, vestiu-se, correu até a casa.

— Senhora — disse à velha —, estou aqui: vim para ver o dedo de minha noiva.

— Sim, sim — disse ela —, já, já. Poderá vê-lo por este buraco da porta.

E a noiva exibiu o dedo falso pela fechadura. O jovem viu que era um belíssimo dedo; deu-lhe um beijo e colocou nele um anel de diamantes. Depois, loucamente apaixonado, disse à velha:

— Vovó, fique sabendo que desejo casar o mais rápido possível, não posso mais esperar.

E ela:

— Amanhã mesmo, se quiser.

— Muito bem! Caso amanhã, palavra de rei!

Ricos como eram, podiam providenciar as núpcias de um dia para o outro, já que não lhes faltava nada; e no dia seguinte a noiva se preparava com a ajuda das duas irmãs. O rei chegou e disse:

— Vovó, estou aqui.

— Espere aqui um momento, que já vamos trazê-la.

E as duas velhas vieram conduzindo a terceira pelo braço, coberta por sete véus.

— Lembre-se bem — disseram ao noivo —, até chegar ao quarto nupcial, não é permitido vê-la.

Foram à igreja e casaram-se. Depois o rei queria que participassem de um banquete, mas as velhas não permitiram.

— Sabe, a noiva não está habituada a estas coisas.

E o rei teve de calar-se. Não via a hora que chegasse a noite, para ficar sozinho com a esposa. Mas as velhas acompanharam a mulher até o quarto e não o deixaram entrar porque tinham de despi-la e colocá-la na cama. Finalmente ele entrou, sempre com as duas velhas atrás, e a esposa estava debaixo das cobertas. Ele se despiu e as velhas foram embora levando o candeiro. Mas ele trouxera uma vela no bolso, acendeu-a e quem encontrou pela frente? Uma velha decrépita e enrugada!

A princípio, ficou imóvel e sem palavras devido ao susto; depois, foi tomado de uma raiva tão grande, que agarrou a mulher com violência, levantou-a e a fez voar pela janela.

Sob a janela havia a pérgola de uma vinha. A velha arrebitou a pérgola e ficou pendurada num pau pela fimbria da camisola.

Naquela noite, três fadas passeavam pelos jardins: passando sob a pérgola, viram a velha balançando. Diante de tal espetáculo inesperado, todas as três fadas explodiram em risos, tanto que no final sentiam a barriga doer. Mas, quando pararam de rir, uma delas disse:

— Agora que rimos tanto às suas custas, temos que lhe dar uma recompensa.

E uma das fadas adiantou-se:

— Claro que vamos lhe dar. Ordeno, ordeno que você se torne a mais bela jovem que se possa ver com dois olhos.

— Ordeno, ordeno — disse outra fada — que você tenha um belíssimo marido que a ame e proteja.

— Ordeno, ordeno — disse a terceira — que você seja uma grande senhora por toda a vida.

E as três fadas foram embora.

Assim que clareou, o rei despertou e se lembrou de tudo. Para certificar-se de que tudo não havia passado de um sonho terrível, abriu as janelas para ver aquele monstro que havia jogado lá embaixo na noite anterior. E eis que vê, apoiada na pérgola da vinha, uma belíssima jovem. Pôs as mãos na cabeça.

— Coitado de mim, o que fiz!

Não sabia como fazer para trazê-la para cima; por fim, pegou um lençol da cama, jogou-lhe uma ponta para que pudesse se agarrar e a puxou para o aposento. E quando a teve ao seu lado, feliz e ao mesmo tempo cheio de remorsos, começou a lhe pedir perdão. A esposa o perdoou e assim passaram a entender-se muito bem.

Depois de algum tempo ouviu bater.

— É a vovó — disse o rei. — Entre, entre!

A velha entrou e viu na cama, no lugar da irmã de noventa e quatro anos, aquela belíssima jovem. E essa belíssima jovem, como se não houvesse acontecido nada, disse-lhe:

— Clementina, traga o café para mim.

A velha tapou a boca com uma das mãos para sufocar um grito de espanto; controlou-se e levou o café para ela. Mas, assim que o rei saiu para tratar de seus negócios, correu até a mulher e lhe perguntou:

— Mas como é que você se tornou assim tão jovem?

E a mulher:

— Silêncio, silêncio, por caridade! Se soubesse o que fiz! Deixei que me aplinassem!

— Aplinassem! Conte-me, conte-me logo! Quem fez isso? Pois quero que me aplainem.

— O marceneiro!

A velha voou até o marceneiro.

— Marceneiro, poderia me dar uma aplainada?

E o marceneiro:

— Oh, por deus! Certo que a senhora é magra como uma tábua, mas, se eu a aplainar, vai direto para o outro mundo.

— Não pense nisso, senhor.

— Como: não penso? E depois que eu a tiver matado?

— Não pense nisso. Dou-lhe uma moeda de ouro.

Quando ouviu dizer “ouro”, o marceneiro mudou de ideia. Pegou a moeda e disse:

— Deite-se aqui no banco que a aplaino quantas vezes quiser. — E começou aplainar uma bochecha.

A velha deu um berro.

— Como é que é? Se gritar, não fazemos nada.

Ela se virou para o outro lado, e o marceneiro lhe aplinou a outra bochecha. A velha não gritou mais: já estava morta.

Da outra nunca se soube que fim levou. Se foi sufocada, degolada, morta em sua cama ou quem sabe onde: não se pode saber.

E a mulher ficou sozinha em casa com o jovem rei, e foram felizes para sempre.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Anexo 6 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *O casamento de uma rainha com um bandido*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

O casamento de uma rainha com um bandido

Ítalo Calvino

Conta-se que era uma vez um rei e uma rainha. Tinham uma filha e queriam casá-la. O rei mandou afixar um edital segundo o qual todos os reinantes e possuidores de títulos deviam comparecer ao palácio real para serem examinados. Todos compareceram e o rei, de braço dado com sua filha, assistia ao desfile. O primeiro que agradasse à sua filha lhe seria dado como esposo. Primeiro, desfilaram todos os reis, depois os príncipes, a seguir os barões, os cavaleiros e os professores. A filha do rei não encontrou nenhum rei que lhe agradasse e tampouco um príncipe. Desfilaram os barões e nem mesmo eles lhe agradavam.

Com os cavaleiros foi a mesma coisa. Passaram os professores e ela apontou o dedo para um deles:

— Meu pai, meu esposo será aquele.

Era um professor forasteiro, que ninguém conhecia. O rei dera sua palavra e teve de casá-la com o professor. Depois do casamento, o esposo quis viajar logo. A esposa se despediu do pai e da mãe, e partiram, seguidos pela tropa. Depois de ter marchado meia jornada, os soldados disseram ao esposo:

— Alteza, é hora de almoçar.

E ele:

— A esta hora não se almoça.

Depois de outro trecho percorrido, fizeram-lhe a mesma proposta. E ele respondeu de novo:

— A esta hora não se almoça.

Os soldados, que não aguentavam mais, disseram-lhe:

— Então, vão para aquele lugar, o senhor e sua régia esposa.

E ele:

— Vão vocês e todo o estado-maior. — Os soldados deram meia-volta e o casal prosseguiu sozinho.

Chegaram a um lugar solitário, cheio de plantas selvagens e penhascos.

— Chegamos em casa — disse o esposo.

— Como? Aqui não há nenhuma casa! — exclamou a filha do rei, que começava a ficar com medo.

O esposo bateu três vezes seu bastão, e se abriu uma caverna subterrânea.

— Entre.

Mas a esposa disse:

— Estou com medo.

— Entre ou acabo com você!

A esposa entrou. A caverna estava cheia de mortos. Mortos jovens e velhos, jogados uns sobre os outros, em pilhas.

— Está vendo estes mortos? — disse o esposo. — Seu trabalho é este: pegue-os um por um e coloque-os em pé, alinhados contra a parede. Todas as noites levo um carro cheio.

Assim, a filha do rei começou sua vida de casada. Erguia os mortos da pilha e os colocava em pé, apoiados na parede, de modo que ocupassem menos espaço e coubessem mais deles. E todas as noites chegava o marido com um carro cheio de mortos frescos. Era um trabalho duro, pois os mortos, além de tudo, pesavam. E ela nunca podia sair da caverna porque inclusive desaparecera a abertura.

A filha do rei levava consigo alguma mobília, e no meio desta havia uma velha cômoda, presente de uma tia que era meio fada. Tendo a esposa aberto uma gaveta da cômoda, esta falou e disse:

— Ordene, patroazinha!

E ela, depressa:

— Ordeno que me leve já para a casa de meu pai e de minha mãe.

Então, da cômoda saiu uma pomba branca, que disse:

— Escreva uma carta a seu pai e a coloque em meu bico.

Assim fez a esposa, e a pomba a levou ao rei e aguardou a resposta. O rei escreveu: “Filha, informe-se sem demora sobre como sair da sua caverna e confie em minha ajuda”.

Quando a pomba entregou à jovem a resposta do pai, ela decidiu ser amigável com o marido naquela noite, para fazê-lo revelar o segredo. De manhã, acordou como se estivesse sonhando.

— Sabe o que sonhava? — disse. — Que tinha saído da caverna.

— É, você não quer mais nada? — disse o marido.

— Por quê? O que é preciso? — falou ela com ar inocente.

— Bem, para começar, é preciso um setemesinho como eu que bata o bastão três vezes na rocha para que a caverna se abra.

Tão logo a pomba transmitiu ao rei o segredo do setemesinho, o rei espalhou os soldados pelas cidades e campos para achar um setemesinho. Uma lavadeira que punha as roupas para secar, vendo aquele movimento de tropas, pensou: “Aqui me roubam os lençóis”, e começou a tirá-los depressa dos varais.

— Não tenha medo, pois não viemos para roubar — disse-lhe um cabo de esquadra. — Estamos à procura de um setemesinho, não importa sua origem, porque o rei o quer.

— Oh — disse a lavadeira —, tenho justamente um filho setemesinho. — Foi até sua casa e o apresentou aos soldados. O setemesinho, muito frágil, pôs-se com o rei à frente dos soldados para ir libertar a rainhazinha. Bateu o bastão três vezes na rocha, abriu-se a caverna, a rainhazinha já estava pronta à espera deles e foi embora com o pai, o setemesinho e os soldados.

No caminho, viram uma velha numa horta.

— Vovó — disseram-lhe —, se passar um homem e perguntar por nós, não nos viu nem de raspão!

— Como? — falou a velha —, querem uvas passas e laranjas de recordação?

— Perfeito — disseram eles —, a senhora é exatamente quem procurávamos.

Dali a pouco, passou o bandido, que encontrara a caverna aberta e a mulher desaparecida.

— Viu uma mulher com a tropa? — perguntou à velha.

— O quê? Quer uma cebola para a sopa?

— Que cebola o quê! Um setemesinho e o rei junto com a filha.

— Ah! Cem gramas de salsinha e ervilha!

— Não: a filha do rei com soldados!

— Não, não, pepinos salgados!

O bandido deu de ombros e se foi.

— Mas, senhor, por que se ofendeu? — dizia-lhe a velha atrás dele. — Ninguém nunca me falou em pepinos salgados!

A rainhazinha, a salvo na casa de seu pai, voltou a casar pouco depois com o rei da Sibéria. Seu primeiro esposo bandido, porém, continuava a seguir sua pista e arquitetou um plano. Vestiu-se de santo e fez com que o colocassem num quadro. Era um quadro grande com uma grossa moldura fechada com três ferrolhos, e dentro dele estava o bandido em pé, parecendo um santo, atrás de um vidro espesso. O quadro foi oferecido ao rei da Sibéria, que o achou tão bonito que parecia de verdade e o comprou para colocá-lo na cabeceira da cama. Quando não havia ninguém no aposento, o bandido saiu do quadro e pôs um papel enfeitiçado debaixo do travesseiro do rei. A rainha, quando viu à cabeceira aquele quadro de santo, teve um sobressalto, pois achou o santo parecido com seu primeiro marido bandido. Mas o rei a repreendeu, pois não devia ter receio de um quadro de santo.

Foram dormir. Assim que adormeceram, o bandido abriu o primeiro cadeado para sair. A rainha acordou com o barulho do cadeado e deu um beliscão no marido, para que apurasse o ouvido também ele, mas o rei dormia, pois o encantamento daquele papel era que quem o tivesse debaixo do travesseiro dormia e não conseguia acordar. O bandido abriu o segundo cadeado: o rei não acordava e a rainha estava gelada de medo. Abriu o terceiro cadeado, saiu e disse à rainha:

— Agora lhe corto a cabeça, ajeite o pescoço no travesseiro.

A rainha, para manter o pescoço bem alto, pegou também o travesseiro do marido e, ao fazê-lo, o papel enfeitiçado foi para o chão. O rei acordou no mesmo instante, tocou a trompa que trazia pendurada no pescoço noite e dia, como fazem os reis, e todos os soldados correram. Viram o bandido, mataram-no e assim tudo terminou.

Anexo 7 - Cópia da fábula de Ítalo Calvino, intitulada *A velha da horta*

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

A velha da horta

Ítalo Calvino

Era uma vez uma horta de couves. Era um ano de carestia, e duas mulheres saíram em busca de alguma coisa para comer.

— Comadre — disse uma —, vamos àquela horta colher couves.

E a outra:

— Mas haverá alguém!

A primeira foi ver:

— Não há ninguém! Vamos!

Entraram na horta e colheram duas grandes braçadas de couves. Levaram tudo para casa, fizeram um bom jantar e, no dia seguinte, voltaram para pegar outras duas braçadas.

A horta era de uma velha. A velha regressou e viu que lhe tinham roubado couves. “Já cuido disso”, disse consigo. “Pego um cão e o amarro na porta.”

As comadres, quando viram o cão:

— Não, desta vez não vou lá colher couves — disse uma.

E a outra:

— Deixe disso, pegamos um pedaço de pão duro, jogamos para o cão e assim podemos fazer o que quisermos.

Compraram o pão e, antes que o cão fizesse “Au!”, atiraram-lhe o pão. O cão se lançou sobre o pão e ficou quieto. As comadres roubaram as couves e se foram.

Apareceu a velha e viu aquele estrago.

— Ah! Então você deixou que colhessem as couves debaixo do seu nariz! Não é bom para ficar de guarda! Fora! — E pôs um gato de guarda. — Quando fizer “Miau! Miau!” darei um salto e surpreenderei os ladrões!

As comadres chegaram para pegar couves e viram o gato. Pegaram um pedaço de pulmão e, antes que o gato tivesse feito “Miau!”, atiraram-lhe o pulmão e o gato ficou quieto. Colheram as couves, foram embora e só quando terminou de comer o pulmão é que o gato fez “Miau!”. A velha apareceu, não viu mais nem couves nem ladrões. E brigou com o gato.

— Agora, quem ponho lá? O galo! Desta vez os ladrões não me escapam.

As duas comadres. Uma:

— Nossa Senhora, desta vez não vou lá! É o galo!

E a outra:

— Vamos jogar comida para ele, e não cantar.

Enquanto o galo bicava a comida, fizeram uma limpeza na horta. O galo terminou a comida e então cantou: “Cocorocó!”. A velha aparece, vê as couves arrancadas, pega o galo e torce o pescoço dele. Depois diz a um aldeão:

— Cave uma cova do meu tamanho! — Deitou-se na cova e mandou que a enterrassem, deixando só uma orelha para fora da terra.

De manhã cedo, chegam as comadres, examinam a horta inteira e não veem viva alma. A velha mandara cavar a cova no caminho por onde as comadres passariam. Na ida, não perceberam nada; na volta, carregadas de couves, a primeira comadre viu a orelha saindo da terra e disse:

— Ó comadre, veja que lindo cogumelo! — Inclinou-se e se pôs a puxar o cogumelo.

Puxa, puxa, puxa; mais um puxão e a velha pulou para fora.

— Ah! — berrou a velha. — Foram vocês que me colheram as couves? Esperem que já lhes mostro. — E agarrou a comadre que a puxara pela orelha. A outra, pernas para que te quero, e fugiu.

A velha segurava a comadre entre suas garras:

— Agora vou comê-la viva de uma vez só!

E a comadre lhe disse:

— Espere: estou para ter um filho; se me salvar a vida, prometo que, homem ou mulher, quando ele fizer dezesseis anos eu o darei para você. Aceita?

— Aceito! — disse a velha. — Colha todas as couves que quiser e suma; mas não se esqueça da promessa.

Mais morta que viva, a comadre voltou para casa.

— Ah, comadre, você teve a sorte de fugir, mas eu fiquei em maus lençóis e prometi à velha que o filho ou a filha que eu tiver, darei a ela aos dezesseis anos!

Passados dois meses, a comadre deu à luz uma menininha.

— Ah, pobre da minha filha! — dizia-lhe a mãe. — Eu a amamento, eu a crio, e vai acabar sendo devorada! — E chorava.

Quando a moça estava para completar dezesseis anos, indo comprar óleo para a mãe, encontrou a velha.

— E você, mocinha, é filha de quem?

— De dona Sabeda.

— Ficou grande e bonita... deve ser saborosa... — E a acariciava. — Pegue este figo, leve-o para a sua mãe e lhe diga isto: “E a promessa?”.

A moça foi até sua mãe e lhe contou tudo.

— ...E me falou para lhe dizer: “E a promessa?”.

— A promessa? — disse a mãe e rompeu em pranto.

— Por que está chorando, Vossa Senhoria minha mãe?

Porém, a mãe não lhe respondia: depois de ter chorado por um bom tempo, disse:

— Se encontrar a velha, diga-lhe: “Ainda sou criança”.

Mas a mocinha já tinha dezesseis anos e se envergonhava de dizer que era criança. Assim, quando a velha tornou a encontrá-la e perguntou: “O que disse sua mãe?”, ela respondeu:

— Já sou grandinha...

— Então venha com sua vovó que lhe dará de presente tantas coisas lindas — disse a velha e agarrou a moça.

Levou-a para sua casa e a encerrou numa capoeira de frangos, e lhe dava de comer para engordá-la. Passado algum tempo, queria ver se estava gorda e lhe disse:

— Venha, mostre-me seu dedinho.

A moça pegou um ratinho que fizera seu ninho na capoeira e, em vez de lhe mostrar o dedo, mostrou o rabo do rato.

— Eh, está magra, ainda está magra, minha pequena. Coma, coma.

Porém, passado mais um tempo, não resistia à vontade de comê-la e a fez sair da capoeira.

— Ah, agora sim, está bem gorda. Vamos esquentar o forno, pois quero fazer o pão.

Fizeram o pão. A moça esquentou o forno, varreu-o e o preparou para poder assar.

— Agora, enforne o pão.

— Não sei enfornar o pão, vovó. Sei fazer tudo, menos enfornar o pão.

— Já lhe mostro. Passe-me o pão.

A moça lhe passava o pão e a velha o enforrava.

— Agora, pegue a laje para fechar o forno.

— E como faço para levantar a laje, vovó?

— Eu a levanto! — disse a velha.

Assim que a velha se inclinou, a moça a pegou pelas pernas e a jogou dentro do forno.

Depois pegou a laje e fechou o forno com a velha lá dentro.

Correu imediatamente para chamar a mãe e se tornaram donas da horta e das couves.

CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

2.2.7.3 Plano das aulas 5 e 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 5 e 6

(18/10 – Quarta-feira – 7:30 às 9:00 [2h/aula])

Tema: Modos de narrar: microcontos de terror e os diferentes narradores

1. Objetivo Geral

- Compreender que há diferentes formas de narrar e diferentes tipos de narradores, a partir da leitura de microcontos de terror.

2. Objetivos Específicos

- Diferenciar o foco narrativo, com base na análise das marcas pronominais e verbais de 1ª e 3ª pessoa, em microcontos de terror;
- Identificar a estrutura e os elementos específicos do texto narrativo;
- Empregar adequadamente as marcas pronominais e verbais de 1ª e 3ª pessoa na reescrita de microcontos.
- Expressar-se com clareza, entonação, fluência e ritmo na leitura oral de microcontos.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Tipos de narradores (1ª e 3ª pessoa);
- Leitura de microcontos de terror;
- Pronomes de 1ª e 3ª pessoa
- Desinências verbais de 1ª e 3ª pessoa;
- Elementos do texto narrativo: enredo, personagens, narrador, tempo e espaço.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Iniciaremos a aula com a entrega das tabelas, da aula de leitura anterior, corrigidas. Registro da pauta no quadro.	15 minutos
O professor entregará uma síntese (Anexo 1), para cada aluno, para recordar e sistematizar os principais elementos do texto narrativo, explicando os tópicos, buscando relacioná-los aos textos lidos. A síntese parte de um microconto. Os alunos deverão participar preenchendo a síntese com os exemplos do texto lido.	15 minutos
O professor entregará para cada aluno uma cópia contendo microcontos de terror que serão lidos em voz alta por alunos selecionados no momento.	15 minutos
Após a leitura, o professor, com a participação dos alunos, retomará a síntese e focará na figura do narrador, distinguindo o narrador em 1ª pessoa do narrador em 3ª pessoa através da comparação do primeiro e do segundo microconto (Anexo 2). Os únicos microcontos destacados em negrito são os que contém um narrador em 3ª pessoa. Todos os demais não estarão destacados, pois utilizam o narrador em 1ª pessoa. É importante lembrar que todos os textos lidos até então faziam uso do narrador em 3ª pessoa. O professor analisará com os alunos as marcas de pronomes e verbos nos dois contos, buscando tornar visível a diferença entre 1ª e 3ª pessoa.	15 minutos
O professor passará uma atividade (Anexo 3) na qual os alunos deverão, em dupla, reescrever microcontos de terror, daqueles lidos anteriormente, mudando o foco narrativo. Ou seja, se o narrador for em 1ª pessoa, o aluno deverá reescrever o microconto em 3ª e vice-versa. Ao final da aula os alunos deverão entregar a atividade para o professor. Durante a realização da atividade, a <u>chamada</u> será realizada.	25 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Caderno;
- Caneta e lápis;
- Fotocópias dos microcontos e da atividade;
- Atividade de Leitura 1 corrigida.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação em sala, considerando a postura de escuta e atenção na explicação sobre os elementos da narrativa; pela expressividade, entonação, fluência, ritmo na leitura oral dos microcontos e pela entrega da atividade sobre microcontos, considerando a adequação do emprego das marcas de 1ª e 3ª pessoa na narrativa.

7. Referências

ANJOS, Roselene dos. *Contos de assombração*. Coleção Fórmula da Vitória. São Paulo: Global, 2011.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

ESSES incríveis microcontos de terror vão te deixar de cabelo em pé em duas frases.

Disponível em:

<<http://www.hypeness.com.br/2016/07/esses-incriveis-microcontos-de-terror-vaio-te-deixar-de-cabelo-em-pe-em-duas-frases/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Síntese dos elementos do texto narrativo

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Síntese dos elementos do texto narrativo

Uma garota ouviu sua mãe chamar seu nome do andar de baixo, então se levantou para descer. Quando chegou na escada, sua mãe a puxou para dentro de seu quarto e disse: “Eu também ouvi”.

Enredo é aquilo que acontece na história, ou seja, são as ações que são narradas ou realizadas pelos personagens. Este microconto fala de uma garota que _____.

Personagens são aqueles que participam da história. Normalmente são pessoas, mas podem ser animais ou objetos animados. Neste microconto há três personagens: _____.

Narrador é aquele que conta a história. Se ele contar a história de outra pessoa, dizemos que é em 3ª pessoa. Se ele contar a própria história, participando dela, dizemos que é em 1ª pessoa. Neste microconto o narrador é em ____ pessoa. Aqui está um trecho em __ pessoa: ____

Lugar é onde as ações da história acontecem, como: castelo; casa; jardim; Florianópolis; etc. Este microconto se passa em uma _____, pois o narrador fala em: _____.

Tempo se refere a quando a história aconteceu. Nos contos, normalmente, as ações narradas já aconteceram, ou seja, encontram-se no passado. Algumas palavras nos mostram isso, como: _____.

Diálogos são as falas dos personagens na história. Normalmente os diálogos são introduzidos pelo uso do travessão (—), mas também podem ser introduzidos por aspas (“ ”). Este microconto possui uma fala introduzida por _____, na qual a mãe diz: _____.

Anexo 2 - Cópia dos Microcontos de Terror

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Microcontos de terror

Vários Autores

Ao longo de todo o tempo que vivi sozinho nessa casa, juro por deus que fechei mais portas do que abri.

Uma garota ouviu sua mãe chamar seu nome do andar de baixo, então se levantou para descer. Quando chegou na escada, sua mãe a puxou para dentro de seu quarto e disse: “Eu também ouvi”.

A última coisa que vi foi meu despertador piscando 12:07 antes que ela arranhasse suas longas unhas podres pelo meu peito, com sua outra mão abafando meus gritos. Então me sentei na cama e percebi que era somente um sonho, mas assim que vi meu despertador marcar 12:06, ouvi o barulho do armário se abrindo.

Por ter crescido com cães e gatos, me acostumei com o barulho de arranhões na porta enquanto dormia. Agora que moro sozinho, é muito mais perturbador.

Ela perguntou por quê ele estava respirando tão forte. Ele não estava.

Minha mulher me acordou na noite passada para me dizer que alguém havia entrado na casa. Ela foi assassinada por um invasor dois anos atrás.

Eu despertei com o som de uma voz ninando meu filho recém nascido pela babá eletrônica. Enquanto mudava de posição para voltar a dormir, meu braço encostou na minha mulher, dormindo ao meu lado.

Não há nada como a risada de um bebê. A não ser que seja 1 da manhã, e você esteja sozinho em casa.

Estava tendo um sonho delicioso quando despertei com o som de marteladas. Depois disso, eu mal pude ouvir o som da terra caindo sobre o caixão e cobrindo meus gritos.

Eu estava cobrindo meu filho e ele me disse: “Papai, veja se tem algum monstro embaixo da minha cama”. Eu fui olhar para acalmá-lo e então o vi, um outro ele, debaixo da cama, me olhando trêmulo e sussurrando: “Papai, tem alguém na minha cama”.

Tinha uma foto de mim mesmo dormindo em meu telefone. Eu moro sozinho.

Fonte:

<http://www.hypeness.com.br/2016/07/esses-incriveis-microcontos-de-terror-vaio-te-deixar-de-cabelo-em-pe-em-duas-frases>

Anexo 3 - Cópia da atividade sobre microcontos

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno(s): _____

Data: ___/___/_____

Atividade sobre microcontos

Escolha **dois** microcontos lidos na aula e o **reescreva alterando o foco narrativo**, ou seja, se o microconto tiver um narrador em 3ª pessoa, reescreva-o em 1ª pessoa, e se o microconto tiver um narrador em 1ª pessoa, reescreva-o em 3ª pessoa.

2.2.7.4 Plano das aulas 7 e 8

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 7 e 8

(19/10 – Quinta-feira – 8:15 às 9:45 [2h/aula])

Tema: Franklin Cascaes: contos populares e a linguagem informal

1. Objetivo Geral

- Compreender a utilização da linguagem informal na literatura de Franklin Cascaes, assim como na fala do *manezinho*.

2. Objetivos Específicos

- Ler contos populares de Franklin Cascaes;
- Apreciar a produção artística de Franklin Cascaes, através da análise de algumas de suas gravuras;
- Diferenciar a linguagem informal da linguagem formal, com base na análise de falas das personagens do conto “Bruxas atacam pescador” de Franklin Cascaes;
- Identificar palavras da linguagem informal a partir da leitura, do conto Franklin Cascaes, e da escuta de um áudio - “Nutéla” do Dezarranjo Ilhéu.

3. Conhecimentos Trabalhados

- A literatura e as ilustrações de Franklin Cascaes;
- Usos da linguagem informal e formal.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
----------------------	-----------------------

<p>A aula iniciará com a devolução das atividades sobre microconto corrigidas.</p>	<p>10 minutos</p>
<p>Registro da pauta no quadro. O estagiário-professor trará para a aula gravuras (Anexo 1) impressas de Franklin Cascaes e passará as gravuras para que os alunos as vejam. Enquanto os alunos olham as imagens, o estagiário-professor perguntará que lembranças, ou histórias, surgem quando eles se deparam com aquelas imagens, isto é, quais conhecimentos prévios eles têm a respeito do assunto.</p>	<p>15 minutos</p>
<p>O estagiário-professor explicará que os desenhos são de Franklin Cascaes, um artista catarinense, e perguntará se os alunos já ouviram sobre ele. Após este momento, o estagiário-professor entregará o conto, de Cascaes, “Bruxas atacam pescador” (Anexo 2) para os alunos. O estagiário-professor fará a leitura do conto em voz alta, visto tratar-se de um conto de maior complexidade, em termos de vocabulário.</p>	<p>15 minutos</p>
<p>Após a leitura, o estagiário-professor discutirá com os alunos o texto e suas possíveis interpretações, falando também um pouco sobre as lendas da Ilha da Magia. Algumas perguntas nortearão o debate:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o enredo da história? 2. Quais são os personagens principais? 3. Onde se passa a história? 4. Onde aparece linguagem informal e onde aparece linguagem formal? 	<p>15 minutos</p>
<p>O estagiário-professor entregará uma atividade (Anexo 3), que também contém uma síntese dos conceitos de “linguagem informal e formal”, para ser desenvolvida. O estagiário-professor passará um áudio de um programa do grupo Dezarranjo Ilhéu. Os alunos deverão, em duplas, ouvir o áudio e anotar 5 palavras do áudio, ou do conto, que sejam informais, assim como descrever o que significam.</p>	<p>30 minutos</p>
<p>Antes do final da aula, o estagiário-professor entregará, e explicará, uma atividade que será realizada em casa (Anexo 4), na qual os alunos deverão conversar com familiares sobre histórias populares que eles conheçam ou tenham vivido e registrar, de forma resumida, na folha para compartilhar com os colegas na aula seguinte.</p>	<p>5 minutos</p>

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Imagens impressas das ilustrações de Franklin Cascaes;

- Fotocópias do conto de Franklin Cascaes;
- Fotocópias da atividade sobre linguagem informal e formal;
- Livro *O fantástico na ilha de Santa Catarina* de Franklin Cascaes;
- Celular;
- Caixinha de som.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação em sala na discussão do texto, considerando a adequação das respostas do estagiário-professor, e, também, pela entrega da atividade de escrita, considerando a adequação do uso da linguagem informal e formal.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DEZARRANJO ilhéu - Nutéla. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=lYN1bv9eQD4>>. Acesso em: 23 set. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

RBS 30 anos: Franklin Cascaes. Galeria de imagens do artista Franklin Cascaes. 2009.

Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>>.

Acesso em: 10 set. 2017.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia das ilustrações de Franklin Cascaes

Imagem 1 - O Boitatá / 1960 / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 2 - Comunicação telebruxólica / 1970 / Nanquim sobre papel pardo



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 3 - A bruxa grande / 1976 / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 4 - Boitatá / 1970 / Nanquim sobre papel



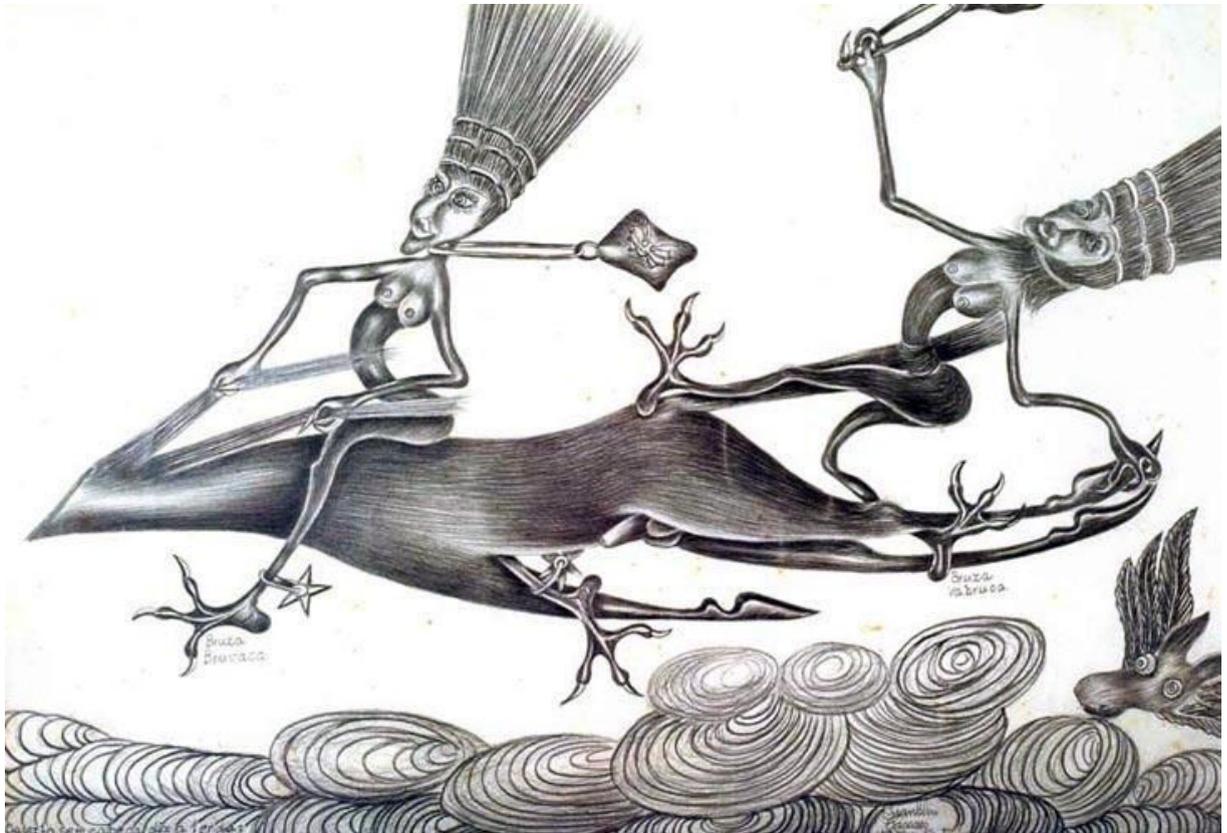
Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81.0.564.17775 franklin-cascaes.html>

Imagem 5 - Boitatá do Rio Tavares / 1961 / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 6 - Cavalo sem cabeça diz a lenda: é padre apóstata / Grafite sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 7 - Bruxa fera da ilha da madeira / Nanquim sobre papel e colagem



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 8 - Bruxa dos tempos modernos / 1976 / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 9 - Lobis homem / 1971 / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Imagem 10 - Vampiro, o sugador / Nanquim sobre papel



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>

Anexo 2 - Cópia do conto *Bruxas atacam pescador* de Franklin Cascaes

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01



Bruxas atacam um pescador (1973)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 49,1 x 68 cm

▪ 11

Bruxas atacam pescador

[1973]

Um narrador de estórias fantásticas contou-me que o Deolindo, um pescador artesanal, possuía uma filhinha de dez meses de idade, muito bonita e robusta. Certo dia, numa sexta-feira, o casal recebeu a visita de uma prima, que morava num sítio bastante longe de sua casa.

Dedela, chamava-se a mulher. Era solteirona e não tolerava qualquer gracejo enfeitado com pétalas amorosas dirigido a ela. Mascava rapé feito com folhas de fumo-brabo, torrado na frigideira de torrar café e pilado num pilão de malandro. Os dilatadores das asas do nariz não possuíam qualquer espécie de pena, mas sim uma camada de pelo tão grosso e espesso que até se tornava difícil, para qualquer tesoura comum, desbastá-los. No céu da boca, entre estratosfera e atmosfera límbica, ela possuía um dentão em forma de lua quarto crescente, razão pela qual ela não topava qualquer gracejo, grosso ou delicado, "pra mo'de" não mostrar o dentão-lua, ornamento bruxólico celestial de sua boca. Fumava cachimbo feito com canudo de bambu. Carregava-o com fumo de corda, bem forte. Expelia a fumaça do cachimbo pelos ouvidos, narinas e boca. Quando a fumaça do cachimbo começava a sair pelos buracos dos ouvidos, os martelos deles entravam em ação nicotínica e davam batidas

113

violentas nos tímpanos, que se escutavam até de muito longe. Não dispensava o uso do facão na bainha, preso à cintura. Só calçava tamancos de cepo pesado; não apreciava olhar galos nem, muito menos, ouvir seu cantarolar; para evitá-los, andava com os buracos dos ouvidos arrolhados com mechas de algodão. Da existência de alho, arruda, mostarda e cisco das três marés, não gostava nem de ouvir falar. Era uma bruxa autêntica, dentro da vida da sua comunidade bruxólica.

Passados dois dias após a sua visita indesejada na casa de seus parentes, no caso o pescador, a menina dele apareceu com o corpo crivado de manchas roxas, forte diarreia, trazendo as mãos e os pés sempre cruzados.

Seu Deolindo, o pai da criança, após haver dialogado com a mulher, resolveu procurar o doutor da cidade, para saber do que é que a criança estava sofrendo. Aconteceu que a vizinha do casal, a sinhá Simplicia, chegou na ocasião do diálogo e, como não podia deixar de ser, apresentou o seu palpite clínico bruxólico:

– So Diulindo, vancê me adescurpe, mági eu quero pidi licença sua e da sua muié pra mo'de dá o mo parecê neste caso. Pelo qu'eu sê, o sinhôri vai gastá o seu tempo e dinheiro pra mo'de chegá intê na Vila Capitáli pra pidi consurta do dotôri de lá. Ele vai arreceitá rumedo de butica pro mo'de que ele não tem cunhecimento desta duença que a sua fia 'tá sofrendo. Eu vô usá de franqueza cum vancês. A duença desta criança é empresamento, e isto não é duença pra dotôri da cidade curá. Só se cura c'as palavra que o Nosso Sinhôri insinô quando andô aqui pela Terra. Memo ansim, é perciso que a pessoa tenha a virtude de usá as palavra dele. Senão, não adienta nada. O sinhôri tome um cavalo e vá intê a Fraguesia da Lagoa e traga aqui, pra mo'de curá a sua fia, a Chica do Mané Pedro Maré Seca. Aquela sim, como binzidera, arrecebeu toda graça do podê das palavra santa da santa binzidura que Deus dexô cá na Terra. Vá, so Diulindo, vá, num preca tempo!

114

Seu Deolindo, após ter tomado conselho com a sua mulher, arreou seu cavalo zarollo numa charrete e partiu para a Freguesia da Lagoa. Quando chegou no terreiro da casa da sinhá Chica benzedeira, ela estava recolhendo um lençol com polvilho de mandioca que havia colocado ao sol para secar. Seu Deolindo morava na Ponta do Sambaqui, no norte da Ilha, tendo chegado na casa da benzedeira muito cansado. A velha atendeu, ofereceu-lhe uma caneca de café torrado em casa com beiju e, logo em seguida, partiram.

Quando seu Deolindo chegou em casa com a benzedeira, o sol já estava se recolhendo por detrás da montanha do dia, para mais um seu sono secular, notívago. A benzedeira foi recebida com muita deferência pelos presentes, que logo a encaminharam para o quarto onde se achava a criança embruxada.

Ao entrar no quarto, a benzedeira avistou, acocorada num canto, a bruxa que estava empresando a criança. Sinhá Chica iniciou imediatamente um desafio contra o poder bruxólico.

– Ah! antão 'tás aí assentada no canto da casa, sua discarada! Cumigo tu não tiras farinha não, sua mula sem cabeça! Eu, c'as minhas santas palavra, vô currê cuntigo desta casa pra sempre. Vô te jogá no fundo do mári sargado, onde o boi preto não berra, nem criança de peito chora.

Enquanto a sinhá Chica benzedeira retirava de dentro de sua cesta de folha de taboa os aparelhos cirúrgicos espirituais, lançou essa ameaça contra a bruxa, que se achava ali propositadamente com a ideia macabra de sugar, mais uma vez, o sangue da inocente criancinha, já às portas da morte. As pessoas presentes apenas escutavam as palavras de desafio da benzedeira dirigidas à megera bruxa.

Sinhá Chica possuía, sim, o privilégio congênito de ver a bruxa assim mesmo como a descrevi: fumando cachimbo de canudo de bambu, calçada de tamancos, facão na cintura,

115

soltando fumaça pela boca, narinas, ouvidos e por todos os poros da pele do seu corpo fadórico.

Sinhá Chica tomou um dente de alho com casca, que colocou na boca, um rosário de bagas pretas, que pendurou no pescoço, e, com ramos de arruda, junto com uma cruz de prata, deu início à operação espiritual contra os ataques bruxólicos desferidos pela mulher demoníaca contra a inocente criancinha de argila humana.

A bruxa não resistiu ao efeito cirúrgico espiritual da benzedura e ganhou rumo direto aos castelos vermelhos do seu chefe, Lúcifer, a fim de científicá-lo do ocorrido. Depois de terminar o trabalho cirúrgico espiritual, tudo voltou à santa paz dentro daquela casa, onde todos se reconciliaram com a vitória curandeirística da sinhá Chica. Ela garantiu a cura da criança, alcançada através da sua madame Medicina Espiritual. Pela manhã daquele dia, seu Deolindo havia colocado um espinhel de pescaria no mar, com iscas de camarão, para apanhar corvinas, bem ao lado leste das ilhotas Rationes. Não pôde recolhê-lo no período da tarde, porque sua filhinha ficou mal de saúde e ele teve que procurar recursos espirituais médicos. Como tudo estava serenado, graças ao milagre milagreiro da sinhá Chica, ele pediu licença aos presentes, tomou a canoa [de] borda lisa e fez-se ao mar na direção onde seu espinhel de trezentos anzóis se achava pescando.

A Lua sorria poeira cósmica lá no céu, com toda a sua brancura – hoje desvirginada – na direção em que ele ofereceu sua vela de canoa ao vento para enfuná-la e alcançar o objetivo pesqueiro. Quando avistou o primeiro catuto velador do espinhel, ferrou a vela e começou a recolhê-lo. O mar estava sereno; eram aproximadamente vinte e duas horas e trinta minutos. Porém, quando ele alcançou o espinhel, sua canoa foi sacudida por um terrível temporal de vento, acompanhado por uma turma de mulheres bruxas metamorfoseadas em sereias, que flutuavam

116

sobre o mar. Elas o atacaram impiedosamente, jogando ao mar toda a palamenta de pesca que estava na canoa, numa atitude de escárnio contra a ação da benzedura que curou sua filhinha.

Os peixes que estavam ferrados nos anzóis, elas os transformaram em monstros exóticos. Seu Deolindo sabia que as mulheres bruxas têm horror à cruz de sino-saimão, pelo que pensou em desenhar uma cruz no fundo da canoa. Bastou pensar na cruz, notou que elas haviam deixado de levantar a canoa de sobre as ondas do mar e se retiraram para longe. Só a muito custo físico, ele conseguiu recolher o espinhel e alcançar um remo que boiava perto dele, para poder acionar a canoa na direção da praia.

Quando remava, sentia que as megeras bruxas mergulhavam por debaixo da canoa que nem cardume de botos em gozo de férias marítimas. Após chegar à praia, embicou a canoa – pois já era aproximadamente meia-noite –, apanhou um pedaço de pau, desenhou a cruz de sino-saimão na areia e colocou-se em cima dela.

Atraídas pelo efeito milagroso da cruz, as bruxas passaram a trilhá-la em volta e a gargalharem cinicamente, com deboches luciferinos. Quando deu meia-noite nos relógios da Terra, elas perderam o estado fadórico e se apresentaram nuas na frente de Deolindo. Este, ao fitá-las, reconheceu sua prima que o havia visitado, mais três mulheres da comunidade.

Pediram-lhe perdão de tudo o que haviam praticado e foram apanhar suas roupas, que haviam escondido nas tocas das pedras daquela praia, antes de praticarem as palavras de encanto fadórico.

Daquela hora em diante, elas perderam o poder do fado e nunca mais buliram com sangue de crianças inocentes desta Terra, onde já impera bastante o mal.

Assim, mais uma vez, a medicina espiritual milagreira natural da sinhá Chica do Pedro Maré Seca triunfou contra os poderes avermelhados do anjo Lúcifer.

117

Anexo 3 - Atividade e síntese sobre linguagem informal e formal

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno(s): _____

Data: ___/___/_____

Atividade sobre linguagem informal e formal

Quais palavras da linguagem informal você notou em *Bruxas atacam pescador* e em *GPS*? Anote **cinco** palavras que você ouviu no conto ou no áudio e diga o que elas significam ou como são utilizadas.

Lembre-se que:

O português é uma língua bastante rica e diversa. Nela, existem variações, isto é, formas diferentes de se dizer o mesmo.

A **linguagem informal** é aquela que usamos no dia-a-dia, em nossa comunidade. A linguagem informal se aproxima do nosso grupo, isto é, falamos de acordo com a linguagem dos nossos amigos, familiares e conhecidos.

A **linguagem formal** é aquela que usamos na escola e em situações formais, como: entrevistas de emprego; provas nacionais, como o vestibular (para entrar em uma universidade); etc. A **linguagem formal** é definida em uma norma que todos devem seguir, nessas situações, por isso nem sempre ela se aproxima da linguagem que usamos no dia-a-dia ou em nosso grupo de amigos e familiares.

Anexo 4 - Atividade de coleta de história na família

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Atividade para casa

Na próxima semana, em sala, faremos uma **roda de conversa** para contar histórias. Assim, queremos que você converse com seus pais, avós e vizinhos, ou outros familiares, para descobrir **histórias** aqui da região da ilha. As histórias podem envolver mistério ou assombrações, como bruxas, lobisomens, lugares estranhos e mal-assombrados... Anote, aqui em baixo, um resumo da história que você ouviu, para facilitar na hora de contar e para nos **entregar!** Busque anotar o **lugar** onde aconteceu, **quem** se envolveu com a história, assim como outros detalhes importantes. Lembre-se que nem sempre é fácil encontrar histórias, então tente falar com mais de uma pessoa, ok?

2.2.7.5 Plano das aulas 9 e 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Aliny Sartor Nandi

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 9 e 10

(25/10 – Quarta-feira – 7:30 às 9:00 [2h/aula])

Tema: Relato de histórias da ilha de Santa Catarina

1. Objetivo Geral

- Desenvolver a oralidade a partir da narração de contos populares lidos silenciosamente e de relatos de histórias pesquisadas com familiares e vizinhos.

2. Objetivos Específicos

- Cumprir responsabilidades de apresentação e entrega de atividades realizadas a distância;
- Compartilhar histórias advindas de relatos familiares, expressando-se com clareza, entonação e fluência;
- Ouvir histórias apresentadas pelos colegas, demonstrando postura de escuta atenta e ativa;
- Identificar elementos da narrativa em contos populares da Ilha da Magia, registrando as compreensões na atividade de leitura.;
- Narrar oralmente histórias populares, com base na leitura de contos populares da Ilha da Magia;

3. Conhecimentos Trabalhados

- Contos populares: função social;
- Oralidade: a contação e a escuta de contos populares;
- Expressividade, fluência, entonação, ritmo na contação de histórias;
- Elementos do texto narrativo: enredo, personagens, lugar...

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Devolução das atividades de adaptação da linguagem do conto de Franklin Cascaes.	15 minutos
A primeira aula será utilizada para a socialização das histórias trazidas de casa. O estagiário-professor organizará a turma em círculo, para que os alunos possam se ouvir melhor, pedindo para que cada aluno leia o relato que trouxe. O estagiário-professor mediará a roda, estabelecendo relações entre as diferentes histórias e buscando incentivar os alunos a aprofundarem suas falas, quando necessário.	30 minutos
O estagiário-professor distribuirá, em sala, três textos sobre a Ilha da Magia (Anexo 1, 2 e 3) para que os alunos leiam. Cada aluno receberá um texto e deverá preencher a tabela (Anexo 4). A leitura será realizada individualmente e em silêncio. O estagiário-professor indicará que após a leitura, e preenchimento da tabela, eles deverão contar a história lida para os colegas. Durante a leitura o estagiário-professor realizará a <u>chamada</u> .	20 minutos
O estagiário-professor levará os alunos para o pátio e fará uma roda no chão. Ele organizará a turma perguntando quais alunos leram o <i>Texto 1</i> . Os alunos que leram o <i>Texto 1</i> contarão a história, explicando quem são os personagens, qual o tipo de narrador, onde se passa, etc... Depois o estagiário-professor perguntará quais alunos leram o <i>Texto 2</i> e assim sucessivamente.	25 minutos

5. Recursos Didáticos

- Fotocópias dos contos populares sobre a Ilha da Magia;
- Cópia da Atividade de Leitura 2.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação e envolvimento nas discussões propostas, pela entrega da atividade e pela desenvoltura nas apresentações orais, considerando clareza, expressividade, entonação, fluência e ritmo..

7. Referências

ANJOS, Roselene dos. *Contos de assombração*. Coleção Fórmula da Vitória. São Paulo: Global, 2011.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LENDAS de Santa Catarina. Disponível em:

<<http://www.lendas-de-santa-catarina.noradar.com/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia do conto popular *Inveja de bruxa*

Inveja de bruxa

Dizem que isso ainda acontece, mas vou contar apenas o que o Sr. Gelci, da Enseada de Brito, em Palhoça, tem na lembrança. Na época do ano em que mudam as estações, as bruxas de Florianópolis costumavam se reunir na praia do Bairro Itaguaçu, no Continente, pra prestar satisfações ao chefe: o Coisa-Ruim. Belas damas da sociedade iam chegando e revelando suas identidades bruxólicas na medida em que pisavam na areia da praia. O encontro começava com cada uma beijando o rabão do pé-cascudo. Em seguida, passavam um relatório das maldades feitas e diziam as que planejavam fazer (enrolar a rede de pescador, dar nó na roupa do varal e até roubar crianças). E o Diabo ali, no centro das atenções, respeitado por elas e ouvindo tudo.

Depois da reunião, quando o capeta ia embora, as bruxas ficavam contando os causos de suas vidas como mulheres normais. Uma delas, sócia de um clube da alta sociedade (que existe até hoje), começou a se gabar do baile que tinha ido. "Eram muitos vestidos lindos, luvas, penteados, homens bem-arrumados, orquestra...". As outras bruxas arregalaram os olhos de tanta vontade e não resistiram a tanta tentação. Começaram a planejar uma festa igual. Uma até que lembrou: "Ei... tem que pedir permissão pro Diabo". A outra retrucou: "Não, não... ele fede enxofre. Vai estragar a festa".

Pois bem, tomaram a decisão errada: fazer a festa sem avisar o chefe.

Numa madrugada de quinta pra sexta-feira, ali em Itaguaçu, se reuniram na praia, lugar bonito pra combinar com a vaidade delas, e começaram a festança. Bem do jeito que era no tal clube: com luvas, vestidos, música.

Mas uma bruxa estragara tudo. Essa tinha guardado uma inveja sem tamanho da colega que vivia na alta sociedade e resolveu avisar o Diabo.

Chamou, chamou até que ele apareceu. Aí, ela cutucou: "Olha, elas estão fazendo a maior festa em Itaguaçu e nem te avisaram".

Num pialo, o cheiro de enxofre se espalhou na praia. O Rabudo apareceu e ralhou: "Tão fazendo festa escondida de mim? Vão se arrepender pra sempre".

Balançou o tridente e transformou a bruxarada em pedra. O resultado da maldição tá ali em Itaguaçu até hoje. As pedras que enfeitam a praia são as bruxas que fizeram a festa. Aquela que entregou tudo pro Diabo também foi castigada, pra deixar de ser fofqueira.

Baseado na história contada por Gelci José Coelho, morador da Enseada de Brito, em Palhoça.

Fonte: <http://www.lendas-de-santa-catarina.noradar.com/inveja-de-bruxa.htm>

Anexo 2 - Cópia do conto popular *A encantada da cachoeira*

A encantada da cachoeira

A tia benzedeira sempre lembrava: "Melhor não ficar na rua às seis da tarde. É a hora morta". E o Sr. Arante, com meia dose de medo e meia de respeito, se esforçava pra sair do Pântano do Sul de manhã cedinho, ir até o Ribeirão da Ilha a pé pela Costa de Dentro e voltar antes daquela hora maldita. Não foi por falta de aviso que um dia ele se atrasou e descobriu no que dá atravessar o Sertão do Ribeirão quando não se deve.

Era inverno de algum ano da década de 1960 e, como em todo inverno, o sol ia embora mais cedo. Arante José Monteiro ainda esbanjava juventude com seus 30 e poucos anos. Peixe dava de monte no Pântano do Sul, no chão do Ribeirão nascia de tudo. Levava-se o peixe de um lado pra trocar pelas verduras e farinha do outro.

Nesse dia, o Sr. Arante fez tudo como sempre: levantou no breu, antes das 6h, carregou o cavalo com dois balaios atolados de peixe - um balaio de cada lado para não ficar pesado pro cavalo, e se pôs na estrada. Ele a pé, guiando o bicho pela rédea. Ao meio-dia, já tinha passado o Morro da Boa Vista e, no Sertão do Ribeirão, visitado a avó. Seguiu viagem, trocou o peixe pelas verduras e farinha, mas resolveu ir mais longe, deu uma esticada até a casa da irmã, Maria, na Costeira do Ribeirão. Não devia ter feito isso.

O tempo, coisa mais rápida que tem, passou e ele não viu. Quando resolveu voltar pro Pântano do Sul, o sol já pedia pra ir embora. Ele e o cavalo eram as únicas vivas almas no caminho. Eram eles, o luscofusco e o silêncio, vez ou outra quebrado pelo mato mexido com o vento Sul. O passinho era miúdo, mas rápido, a barriga apertada de medo. Arrepiava tudo. Estavam no meio do Sertão e a hora morta já tinha alcançado eles. Sr. Arante ouvia o barulho da cachoeira do lugar. Deu mais um dois ou três passos de cabeça baixa, quando sentiu o cavalo refugar e puxar pra trás. Ergueu a cabeça, olhou pra frente e ficou congelado com o que viu. Uma mulher, vestido branco arrastando no chão, cabelo preto comprido e uma cara de quem faz questão de dizer: "Eu já morri". Ela encarava Arante como se quisesse levar ele pra lugar de onde não se volta. Do lado dela, esticada no chão, uma toalha vermelha lembrava sangue derramado, mas pra Arante isso é um mistério até hoje.

O jovem nem se lembrou da reza pra espantar visagem, "Te benzo em nome do Pai, do Cristo e Espírito Santo", agarrou-se no cavalo, apertou os olhos e só abriu quando sentiu o arrepio passar. A mulher tinha sumido, do mesmo jeito como apareceu, por encanto. Contando a história, hoje com 80 anos, Seu Arante fita a vista no nada e jura que foi tudo assim e que a mulher de branco ficou conhecida como a Encantada da Cachoeira.

Baseada na história contada por Arante José Monteiro e Arante Monteiro Filho, do Pântano do Sul

Fonte: <http://www.lendas-de-santa-catarina.noradar.com/a-encantada-da-cachoeira.htm>

Anexo 3 - Cópia do conto popular *O defunto e o táxi*

O defunto e o táxi

O Sr. Moacir nem gosta de lembrar. Mas pediu um café preto e forte pra esposa e resolveu me contar o que aconteceu uns 70 anos atrás em Florianópolis. E começou dizendo: "Quem é taxista antigo deve saber da história".

O Moacir pediu pra chamar assim, um nome fictício, para evitar as brincadeiras. Pois bem voltemos pra história, ele trabalhava no ponto de táxi da Praça XV e dirigia um Ford daqueles que a porta era uma lona de correr. Era taxista experiente, cuidadoso, bom motorista. Mas não imaginava que, quando aquele Dia de Finados estivesse quase acabando, iria viver o que viveu.

Passava das 23:00h., quando ele fez a última corrida. Deixou o passageiro no Itacorubi e, no retorno, na porta do Cemitério São Francisco de Assis, uma jovem fez sinal pra ele parar. Bonita, bem vestida, cabelos longos e aparentando menos de 20 anos.

Então, Moacir parou, ela embarcou, pediu com voz calma que queria ir pra sua casa na Rua Conselheiro Mafra, número 50, e calou-se com o olhar fixado à frente. Moacir, como todo bom taxista, puxava assunto, mas a moça não respondia. Tentava mudar a prosa, mas nada da jovem responder.

Foi assim até chegarem ao destino, no Centro da cidade, quando ela apontou onde queria desembarcar. Saiu do carro e disse que ia subir para pegar o dinheiro com o pai. Moacir concordou, ajudou a garota a sair do carro e acompanhou só com os olhos ela subir os 20 degraus que levavam à casa, no segundo piso de uma construção.

Os minutos passaram e Moacir perdeu a paciência exatamente à meia-noite. Subiu a escada e bateu na porta. Um senhor, com os seus 60 anos, atendeu por uma fresta da porta. Moacir deu "Boa noite", desculpou-se, disse que não queria incomodar, mas que a filha daquele senhor havia subido pra pegar o dinheiro da corrida. Só que já tinha se passado 20 minutos e nada dela descer.

Foi então que o Sr. olhou para Moacir com surpresa e disse: "Deve ter sido engano. Pois eu não tenho filha". Mais surpreso ainda, o taxista espichou o pescoço para dentro da casa e viu um retrato na parede. "É dela que estou falando".

Já com a esposa parada ao lado da porta, o senhor consertou o que tinha dito: "Realmente eu tinha uma filha, mas ela morreu tem muitos anos. Está sepultada lá no Itacorubi, e hoje nem consegui ir lá deixar umas flores pra ela. Minha esposa não está bem de saúde... fiquei cuidando dela".

Moacir gelou, o coração disparou. Nem se despediu. Desceu mudo, não cobrou a corrida, não olhou pra trás, enfiou-se no carro e foi embora.

Sentindo a falta dos pais no Dia de Finados, a jovem tinha saído da cova pra ver o que tinha acontecido em casa, naquele segundo andar da Rua Conselheiro Mafra.

Baseado na história contada por Manoel Joaquim da Costa, do bairro João Paulo, na Capital Catarinense.

Fonte: <http://www.lendas-de-santa-catarina.noradar.com/o-defunto-e-o-taxi.htm>

Anexo 4 - Cópia da Atividade de Leitura 2

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Atividade de leitura 2

	TEXTO 1
Título do conto	
Quem relatou a história Está no final do texto	
Personagens Quem participa da história?	
Espaço Lugar(es) onde se passa a história? Como é esse(s) lugar(es)?	
Tempo Quando se passa a história?	
Diálogos Há diálogos no texto? Se sim, copie um trecho de um.	

<p>Enredo Principais acontecimentos da história?</p>	
---	--

2.2.7.6 Plano das aulas 11 e 12

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Aliny Sartor Nandi

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 11 e 12

(26/10 – Quinta-feira – 8:15 às 9:45 [2h/aula])

Tema: Produção da 1ª versão de conto popular

1. Objetivo Geral

- Produzir um conto popular a partir do relato de histórias coletadas com familiares e vizinhos e das leituras realizadas em sala de aula.

2. Objetivos Específicos

- Escrever a 1ª versão de um conto popular, considerando sua função social e forma de composição, assim como os recursos linguísticos e expressivos;
- Planejar o que irá escrever, organizando um esquema das ideias antes de iniciar a produção textual;
- Fazer uso dos elementos da estrutura da narrativa adquiridos nas aulas anteriores sobre o gênero conto;
- Empregar adequadamente os recursos linguísticos para demarcar o foco narrativo, o tempo e o espaço da narrativa;
- Fazer uso da pontuação para demarcar as falas das personagens.

3. Conhecimentos trabalhados

- Produção escrita de conto popular;
- Elementos da estrutura narrativa;
- Regularidades do gênero conto;
- Normas da escrita formal da Língua Portuguesa;
- Marcas pronominais de 1ª e 3ª pessoa;

- Marcas verbais de 1ª e 3ª pessoa;
- Marcas de tempo e espaço;
- Os sinais de pontuação na fala das personagens.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Iniciaremos a aula expondo aos alunos que eles deverão escrever um conto, com base nas histórias coletadas nas aulas anteriores, e que, no final do nosso projeto de docência, as produções elaboradas por eles, farão parte do livro ilustrado da turma 61. O estagiário-professor irá entregar aos alunos uma folha com algumas orientações para a escrita do conto, como: a história deverá ter começo, meio e fim; título; escolher um tipo de narrador (1ª e 3ª pessoa); pequena história com poucos personagens; uso do travessão nos diálogos e paragrafação. Deixar claro aos alunos, que esta é uma atividade muito importante, pois fará parte do planejamento das próximas aulas. Portanto, pedir muita atenção, e que se esforcem ao máximo. Explicando que ninguém precisa ficar com medo de errar, e que a escrita é individual, sendo assim, sem copiar do colega.	15 minutos
Após a explicação, o estagiário-professor entregará a folha (anexo 1) onde deverá ser escrito o conto.	5 minutos
Os alunos começarão a produzir o conto. Neste momento, os estagiários-professores poderão auxiliar os alunos que apresentarem dúvidas. A folha da atividade será entregue ao estagiário-professor no final da aula e avaliada posteriormente. A <u>chamada</u> será realizada através das produções dos alunos, o estagiário-professor irá repassar as presenças no final da aula.	65 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Folha pautada;
- Fotocópias para a 1ª produção textual.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a sua produção textual. O estagiário-professor deverá verificar se o aluno respeitou as características do gênero conto, e se seguiu as normas da escrita formal da língua portuguesa. A avaliação

permitirá ao estagiário-professor identificar as dificuldades específicas dos alunos para que sejam retomadas na aula de análise linguística.

7. Referencias

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino. Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia da atividade de 1ª produção textual

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

1ª Produção textual

Chegou o tão esperado momento! A sua vez de escrever um conto! Lembrando que para que o conto fique muito bem escrito, ele deve conter os seguintes critérios:

- Ter um **enredo** bem interessante que prenda a atenção do leitor, uma pequena história com poucos personagens;
- Escolher um **título**;
- Não esquecer dos **personagens**;
- **Espaço**: um lugar onde tudo acontece;
- **Narrador** é alguém que conte a história, escolher um tipo de narrador (1ª e 3ª pessoa);
- A **história** deverá ter começo, meio e fim;
- Usar o **travessão** (-) nos diálogos e **paragrafação**.

Vale lembrar ainda que, o seu conto irá fazer parte de um livro, então vamos nos esforçar ao máximo! Ah, a história deverá ter no mínimo 10 linhas. Boa escrita galerinha!

2.2.7.7 Plano das aulas 13 e 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Aliny Sartor Nandi

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 13 e 14

(01/11 – Quarta-feira – 7:30 às 9:00 [2h/aula])

Tema: Diferentes versões do conto Chapeuzinho Vermelho

1. Objetivo Geral

- Estabelecer relações entre os diferentes pontos de vista, a partir da leitura de duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho.

2. Objetivos Específicos

- Estabelecer relações entre o conteúdo de um texto com outros textos;
- Reconhecer características do gênero conto, como paragrafação e uso de travessão para marcar falas das personagens, pela análise de duas versões de Chapeuzinho Vermelho;
- Desenvolver a habilidade de ouvir uma história, demonstrando postura de escuta atenta e ativa;
- Identificar os recursos estilísticos e linguísticos empregados pelos autores das duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Leitura de diferentes versões do conto clássico Chapeuzinho Vermelho;
- Relações entre textos;
- Paragrafação;
- Travessão na marcação das falas dos personagens;
- Leitura-estudo de contos clássicos.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
A aula iniciará com o estagiário-professor organizando a turma em círculo, para que os alunos possam escutar melhor, logo após, irá realizar a chamada. Posteriormente, perguntará aos alunos se eles conhecem a história da Chapeuzinho Vermelho, abrindo para o diálogo. Neste momento, o professor estagiário irá perguntar qual é a história que eles conhecem, redirecionando a discussão para o tema que será proposto em seguida. Informará aos alunos, que existem algumas diferentes versões da mesma história, e que fará a leitura de duas delas, e a partir da leitura, os alunos responderão algumas questões com o objetivo de identificarem as distinções entre uma versão e outra (Anexo 1).	10 minutos
O estagiário-professor iniciará a leitura da história Chapeuzinho Vermelho (Anexo 2), versão escrita pelos irmãos Grimm, fazendo um breve comentário sobre os autores. Após a leitura, será aberto um espaço para a discussão, questionando os alunos com perguntas como: vocês já conheciam esta história?; O final era diferente ou o mesmo?.	20 minutos
O estagiário-professor fará a leitura da segunda versão da história (Anexo 3), escrita por Charles Perrault, fazendo um breve comentário sobre o autor. Abrindo novamente para uma nova discussão, levantando questões como: nas duas histórias, o que se repetiu, o que foi diferente, qual estilo de cada autor.	20 minutos
Após a participação dos alunos no debate sobre as leituras, eles responderão em dupla, um roteiro de leitura (Anexo 1) que será entregue pelo estagiário-professor, e posteriormente, colado nos seus cadernos. Neste momento, os estagiários-professores poderão auxiliar os alunos que apresentarem dúvidas. Aos que finalizarem as respostas das questões de interpretação, o professor irá entregar ao aluno, um desenho para colorir (anexo 4).	30 minutos
Para finalizar a aula, o estagiário-professor, irá passar aos alunos, o desenho Chapeuzinho Vermelho da Turma da Mônica.	10 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Caneta;
- Fotocópias dos contos da Chapeuzinho Vermelho e desenho;
- Projetor multimídia;

- Computador;
- Extensão.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação e envolvimento na leitura dos textos pela postura de escuta atenta e ativa e nas discussões realizadas no decorrer da aula, pela adequação das respostas aos questionamentos do estagiário-professor, assim como pela pertinência das questões a serem propostas pelos alunos. Também será avaliada a adequação das respostas ao roteiro de interpretação dos textos lidos.

7. Referências

ABREU, Ana Rosa et al. **Alfabetização: livro do aluno**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000589.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de formação de professores alfabetizadores**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/provinha_brasil/professor/profa/2009/profa_textos2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

TURMA da Mônica. **Chapeuzinho Vermelho**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=mX-rQ594DBo>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia da atividade sobre os contos da Chapeuzinho Vermelho

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Atividade de leitura 3 – Interpretação de duas versões da história da Chapeuzinho Vermelho

Como foi o encontro entre a Chapeuzinho Vermelho e o lobo nas duas versões?

Versão 1

Versão 2

Como os autores descrevem a Chapeuzinho em cada uma das versões?

Versão 1

Versão 2

Quais foram as recomendações da mãe no início das histórias?

Versão 1

Versão 2

Qual foi o final do lobo nas duas versões?

Versão 1

Versão 2

A mãe da Chapeuzinho pede para ela levar comida para vovó. Quais são as comidas nas duas versões?

Versão 1

Versão 2

O lobo engana Chapeuzinho Vermelho e chega antes dela à casa da vovó. O que ele diz a ela para enganá-la na versão dos Irmãos Grimm?

A Chapeuzinho chega na casa da vovó, e faz perguntas ao lobo, que está deitado na cama. Existem diferenças nas perguntas e respostas do diálogo entre o lobo e a Chapeuzinho Vermelho nas duas versões?

Anexo 2 - Cópia do conto *Chapeuzinho vermelho* dos Irmãos Grimm

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimárcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Chapeuzinho Vermelho

Irmãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geléia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geléia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pêlo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.

— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma idéia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três, e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geléia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o vôo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geléia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

— Coloque as broinhas, a geléia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha

avó, que o lobo comeu antes de mim. O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu caminho”.

Anexo 3 - Cópia do conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimárcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Chapeuzinho Vermelho

Charles Perrault

Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia; era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda. A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu assentou-lhe tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, tendo feito alguns bolos, sua mãe disse-lhe:

— Vá ver como está passando a sua avó, pois fiquei sabendo que ela está um pouco adoentada. Leve-lhe um bolo e este potezinho da manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa da avó, que morava numa aldeia vizinha. Ao atravessar a floresta, ela encontrou o senhor Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo, respondeu:

— Vou à casa da minha avó, para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou.

— Ela mora muito longe? — quis saber o Lobo.

— Mora, sim! — falou Chapeuzinho Vermelho. — Mora depois daquele moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da aldeia.

— Muito bem — disse o Lobo. — Eu também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Ele bate: toc, toc.

— Quem é? — pergunta a avó.

— É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho — falou o Lobo, disfarçando a voz. — Trouxe para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que minha mãe mandou.

A boa avozinha, que estava acamada porque não se sentia muito bem, gritou-lhe:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

O Lobo fez isso e a porta se abriu. Ele lançou-se sobre a boa mulher e a devorou num segundo, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho.

Passado algum tempo ela bateu à porta: toc, toc.

— Quem é?

Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grossa do Lobo, a princípio, ficou com medo; mas, supondo que a avó estivesse rouca, respondeu:

— É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que mamãe mandou.

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

Chapeuzinho Vermelho fez isso e a porta se abriu. O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondido sob as cobertas:

— Ponha o bolo e o potezinho de manteiga sobre a arca e venha deitar aqui comigo.

Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como a avó estava esquisita, em seu traje de dormir. Disse a ela:

— Vovó, como são grandes os seus braços!

— É para melhor te abraçar, minha filha!

— Vovó, como são grandes as suas pernas!

— É para poder correr melhor, minha netinha!

— Vovó, como são grandes as suas orelhas!

— É para ouvir melhor, netinha!

— Vovó, como são grandes os seus dentes!

— É para te comer!

E assim dizendo, o malvado lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

Anexo 4 - Cópia da atividade de colorir sobre Chapeuzinho Vermelho

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Atividades para colorir e se divertir



Fonte:

<http://atividadesparaprofessores.com/34-desenhos-da-chapeuzinho-vermelho/?print=print>

2.2.7.8 Plano das aulas 15 e 16

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 15 e 16

(08/11 – Quarta-feira – 7:30 às 9:00 [2h/aula])

Tema: Análise linguística: rever os aspectos que apresentaram dificuldade na primeira produção textual

1. Objetivo Geral

- Refletir sobre os recursos discursivos, composicionais e linguísticos empregados pelos alunos na primeira versão do conto, de modo que possam aprimorá-los para adequar o texto ao gênero.

2. Objetivos Específicos

- Realizar a leitura-estudo do conto produzido por um colega da turma, identificando a adequação do texto ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa;
- Identificar os elementos da narrativa que precisam ser adequados no próprio texto, considerando as indicações do colega e dos estagiários-professores;
- Ampliar as capacidades de leitura e produção textual, pela análise da produção do colega e pela análise da própria produção.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Leitura-estudo da primeira produção textual;
- Elementos da narrativa: enredo, narrador, personagens, tempo, espaço;
- Marcas linguísticas de narrador, tempo, espaço;
- Paragrafação e travessão nas falas das personagens;
- Leitura-fruição de contos.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
A aula iniciará com a entrega da produção textual já avaliada pelo estagiário-professor. Nesse momento, o aluno irá verificar quais são as indicações feitas pelo professor para aprimorar o seu texto. O estagiário-professor, com base nos registros feitos ao corrigir a 1ª versão do conto produzido na aula do dia, irá escrever no quadro a retomada dos aspectos que os alunos apresentaram maiores dificuldades na produção da 1ª versão do conto.	45 minutos
Na segunda aula, o professor-estagiário irá fazer a troca dos contos para que sejam avaliados entre os alunos. Neste momento, o estagiário-professor irá aproveitar o momento de leitura para realizar a chamada. A avaliação ocorrerá através da leitura do conto do colega, para isso, irão seguir uma ficha de avaliação (anexo 1), e se necessário, sugerir ao autor do conto, que faça algumas adequações em seu texto.	45 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- 1ª versão do conto;
- Fotocópia com a ficha de avaliação para o texto do colega.

6. Avaliação

- A avaliação será realizada com base na participação dos alunos às atividades propostas na sala de aula, e também, na postura dos alunos em relação à avaliação do texto do colega.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin*: Teoria Inclassificável. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Ficha de avaliação do texto do colega

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Ficha de avaliação

Vamos agora ler a história do seu colega, e vamos ajudar o seu colega, para que seu conto fique perfeito! Vamos seguir a ficha de avaliação que segue abaixo.

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CONTO	OK	PRECISA MELHORAR (descrever o motivo)
Há no início do conto um título?		
Na história tem personagens? Eles estão bem identificados e caracterizados?		
O espaço (lugar) onde se passa a história está bem caracterizado?		
O enredo está claro na história?		
Há diálogos na história? Eles estão pontuados e indicados adequadamente?		
O ponto alto (clímax) da história está claro?		
A história tem narrador? Ele está em 1ª e 3ª pessoa?		



9 dicas para escrever uma história

1 Use letras maiúsculas ao iniciar uma frase.

Letras maiúsculas em meio de frases devem ser usadas apenas para nomes próprios, nomes de instituições ou de lugares.

2 Use parágrafos para organizar o seu texto.

Parágrafo: divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha e pelo recuo, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto.

Era uma vez um rei que saía a passeio. Observava as pessoas, as andorinhas, as casas, e estava contente. Passou uma velhinha, que ia cuidar de seus negócios, uma velhinha simpática, só que mancava um pouco de uma perna e era também meio corcunda, e além disso tinha o pescoço torto. O rei a observou e debochou:

– Corcunda, manca e de pescoço torto! Ah, ah, ah! – E explodiu numa risada na cara dela.

A velhinha era uma fada. Fixou o rei nos olhos e disse:

– Ria, ria, voltaremos a conversar amanhã.

Exemplo de parágrafos em um texto.

3 Uma história deve ter *início*, *meio* e *fim*.

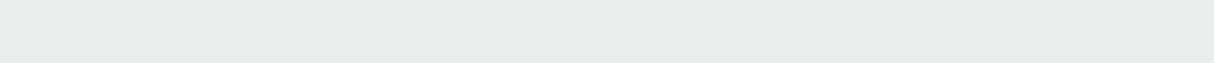
1. **Início:** situe o leitor na história (onde se passa, quem está envolvido...).
2. **Meio:** desenvolva a história (o que acontece com os personagens, qual o ponto alto da narrativa, de maior tensão...).
3. **Fim:** feche a história dizendo o que aconteceu com os personagens depois de todos os eventos.

4 Lembre-se de concordar *plurais* e *verbos*.

Por exemplo:

Aquelas pessoas ficava com medo.	Aquelas pessoas ficavam com medo.
Aqui vivia muitas bruxas.	Aqui viviam muitas bruxas.
As bruxa disse:	As bruxas disseram:

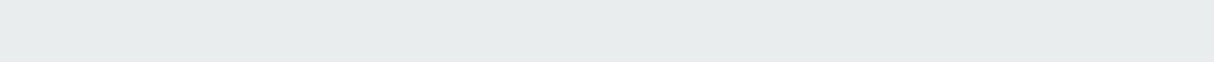
—
5 Tipooo contar uma história é uma coisa, mas **tipooo** escrever é outra, **tipooo** entende?.




Por exemplo:

As bruxas iam fazer uma festa **aí** o Diabo soube da festa das bruxas **aí** as bruxas arrumaram a festa **aí** quando elas estavam dançando...

- As bruxas iam fazer uma festa. O Diabo ficou sabendo. Elas, ainda sem saber, arrumaram o salão e quando estavam dançando...




Por exemplo:

Então ele precisava de uma corrente e ele foi procurar no mato. **Então** ele viu um cachorro com um buraco na cabeça e com uma coleira. **Então** o menino correu pra sua casa e nunca mais saiu.

- Ele precisava de uma corrente e foi procurar no mato. Enquanto procurava, viu um cachorro com uma coleira e um buraco na cabeça. Assustado, o menino correu para sua casa e nunca mais saiu.

Por exemplo:

Bom, depois contrataram um guarda...

Depois, contrataram um guarda...

Após o ocorrido, contrataram um guarda...

6 Cuidado com as repetições! As repetições incomodam, pois quem lê as repetições só lembra das repetições.

Por exemplo:

Um dia numa casa havia uma família de cinco irmãos e a mãe. Um dia o irmão mais novo fez comida e o irmão mais velho riu...

- Cinco irmãos viviam em uma casa com sua mãe. Um dia, o mais novo fez comida e o mais velho riu...

Por exemplo:

Era uma vez uma casa lá naquela casa morava uma família e do lado daquela casa tinha um cemitério e na casa tinha uma menina os pais dela.

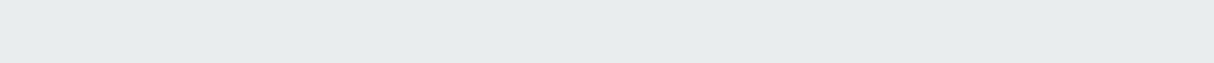
- Era uma vez uma menina que morava com seus pais em uma casa ao lado de um cemitério.

7 Além de parágrafos, use *vírgulas e pontos* para organizar o seu texto.

Vírgulas comuns...

1 Para separar elementos que você pode listar:

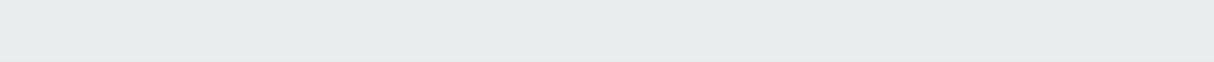
- Em meu quarto, havia um guarda-roupa, uma cama, uma mesa e uma TV.
- Ele queria ficar bonito, sem barba, ter cabelo, dentes brancos e um rosto jovem.




Vírgulas comuns...

2 Separar explicações no meio da frase:

- Um menino, que comia todo dia no mesmo lugar, viu uma pessoa estranha na praia.




Vírgulas são usadas para...

3 Separar o lugar, o tempo ou o modo que vier no **início da frase**:

- Na praia de Itaguaçu, há pedras que eram bruxas.
- Certo dia, eu estava ajudando meu pai...
- Normalmente, não sinto medo do escuro, mas...

Vírgulas são usadas para...

4 Separar orações independentes:

- Eu contei para o meu pai, **mas** ele não acreditou.
- A mãe foi até a escola buscar sua filha, **porém** ela não estava lá.

Há outras **conjunções adversativas**, como: mas; porém; contudo; todavia; no entanto; não obstante; apesar disso...

8 Lembre-se que o seu texto precisa fazer *sentido* para quem o lê.

Por exemplo:

Um certo dia, um menino comia todo dia no mesmo lugar.

Um certo dia, um menino, que comia todo dia no mesmo lugar, viu...

A perna do homem amoleceu e desmaiou por um bom tempo.

A perna do homem amoleceu e ele desmaiou por um bom tempo.

9 Releia o seu texto e o arrume quantas vezes forem necessárias! Todos os textos podem ficar melhor.

2.2.7.9 Plano das aulas 17 e 18

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 17 e 18

(09/11 – Quinta-feira – 8:15 às 9:45 [2h/aula])

Tema: Reescrita da produção da 1ª versão do conto e ilustração do conto

1. Objetivo Geral

- Reescrever o conto a partir das orientações apresentadas pelo estagiário-professor e pelo colega na 1ª versão do texto, de modo a adequá-lo ao gênero.

2. Objetivos Específicos

- Refletir sobre as orientações feitas, por escrito, em relação aos aspectos discursivos, textuais e linguísticos, pelo estagiário-professor durante a leitura da primeira versão do conto;
- Fazer uso das anotações feitas em seus cadernos, para lembrar o que compõe o gênero conto, assim como suas características, antes de iniciar a reescrita;
- Reescrever o conto, considerando as indicações dos estagiários-professores em relação aos elementos da estrutura da narrativa de modo a adequar o texto ao gênero;
- Empregar adequadamente os recursos linguísticos para demarcar o foco narrativo, o tempo e o espaço da narrativa na reescrita do conto;
- Fazer uso da pontuação para demarcar as falas das personagens, na reescrita do conto;
- Relacionar a literatura e arte, ilustrando com um desenho a sua produção escrita, tendo em vista a publicação em um livro.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Produção escrita de conto popular;
- Elementos da estrutura narrativa;

- Regularidades do gênero conto;
- Normas da escrita formal da Língua Portuguesa;
- Marcas pronominais de 1ª e 3ª pessoa;
- Marcas verbais de 1ª e 3ª pessoa;
- Marcas linguísticas de tempo e espaço;
- Paragrafação e travessão nas falas das personagens.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
A aula iniciará com o estagiário-professor falando sobre a produção textual final do projeto de docência com os alunos. Nesta aula, os alunos deverão reescrever o conto a partir das orientações feitas, por escrito, em relação aos aspectos discursivos, textuais e linguísticos, durante as aulas anteriores, podendo fazer uso das anotações feitas em seus cadernos. Ao terminarem a reescrita do texto, deverão fazer uma ilustração do seu conto, que fará parte do livro ilustrado da turma 61. Sempre será lembrado aos alunos, que deverão fazer silêncio e respeitar os colegas que não terminaram as suas produções.	10 minutos
Após a explicação, o estagiário-professor entregará a folha (anexo 1) onde deverá ser escrita a versão final do conto, e uma folha branca para que os alunos possam fazer a ilustração dos seus contos.	5 minutos
Durante o processo de reescrita, os estagiários-professores poderão auxiliar os alunos que tiverem dúvida. No final, deverão entregar ao estagiário-professor as suas produções, folha de reescrita e desenho, para que seja avaliada posteriormente. Enquanto os alunos estiverem reescrevendo, o estagiário-professor irá realizar a <u>chamada</u> .	75 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- 1ª versão do conto;
- Fotocópias para a produção textual final;
- Folha pautada;
- Folha branca;
- Lápis de cor;
- Giz de cera.

6. Avaliação

- Nesta aula, os alunos serão avaliados de acordo com a reescrita da produção textual e a ilustração, considerando o aprimoramento em relação à 1ª versão. O estagiário-professor deverá verificar se o aluno respeitou as características do gênero conto, e se seguiu as normas da escrita formal da Língua Portuguesa. Também serão avaliados pela participação e comportamento em sala de aula, considerando a postura de concentração no momento da reescrita e da elaboração da ilustração.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia da atividade de produção textual final

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Ano: 6º - Turma: 01

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Produção textual final

Agora vamos reescrever o conto, seguindo as orientações do estagiário-professor. É muito importante a reescrita de um texto, pois você poderá compreender melhor a linguagem escrita, sabendo diferenciar a linguagem informal da formal; irá aprimorar a sua competência leitora, desenvolverá a leitura e a interpretação de texto. Vocês sabiam que os grandes escritores reescrevem os seus textos também? Vamos caprichar, pois o nosso livro está chegando :) Acreditamos no seu potencial, boa reescrita!

2.2.7.10 Plano das aulas 19 e 20

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiário(a) responsável pela aula: Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano das aulas 19 e 20

(16/11 – Quinta-feira – 8:15 às 9:45 [2h/aula])

Tema: Socialização dos contos e fechamento do projeto

1. Objetivo Geral

- Socializar com os colegas a versão final do conto, assim como a imagem que o ilustra, elaborado na aula anterior, expressando-se com clareza, entonação, fluência e ritmo

2. Objetivos Específicos

- Expressar-se com clareza, entonação, fluência e ritmo, demonstrando atitude e confiança na socialização dos contos aos colegas;
- Ouvir com atenção e respeito os colegas e professores estagiários, atribuindo sentidos às falas dos colegas na socialização dos seus contos;
- Avaliar, coletivamente, as aprendizagens concretizadas durante o estágio de docência, considerando os objetivos que foram estabelecidos no projeto de docência.

3. Conhecimentos Trabalhados

- O conto popular: função social, forma de composição, recursos estilísticos e linguísticos;
- Expressividade, clareza e confiança na socialização na produção final do conto e da ilustração;
- A escuta da fala do outro;
- Análise dos temas abordados na sala de aula.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
A aula será iniciada com os alunos organizando suas carteiras em um círculo. Após este momento, o estagiário-professor irá fazer a <u>chamada</u> e explicar aos alunos que eles deverão socializar com a turma as suas produções e ilustrações que foram feitas na aula anterior.	10 minutos
Cada aluno irá ler a sua produção textual, e fará uma apresentação da sua ilustração aos colegas, de forma clara e segura.	30 minutos
Logo após a apresentação, os alunos ajudarão os estagiários-professores na preparação da exposição das produções textuais ao anexar na parede da escola, para que todos possam ler.	10 minutos
Neste momento, com os alunos sentados em círculo, perguntaremos a eles, o que mais gostaram e não gostaram do nosso projeto de docência.	10 minutos
Nos momentos finais, os estagiários-professores irão organizar um lanche para todos os envolvidos, e assim, dar como encerrado o projeto de docência na Escola de Educação Básica Simão José Hess.	30 minutos

5. Recursos Didáticos

- Quadro;
- Canetão;
- Cola;
- Tesoura;
- Barbante;
- Salgados;
- Doces;
- Sucos.

6. Avaliação

- Nesta aula, os alunos serão avaliados de acordo com a atividade de socialização dos seus trabalhos e pela participação e comportamento em sala de aula, considerando a expressividade, fluência, entonação, ritmo na apresentação do próprio conto, e a postura de escuta atenta e ativa quando da apresentação do conto pelos colegas.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo da Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino. Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

2.3 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta seção, buscamos descrever e analisar as aulas que desenvolvemos ao longo do projeto de docência. Há, ao longo desta, uma variação entre a 1ª e a 3ª pessoa. Essa variação se deve ao modo como as aulas foram observadas, pois apenas um dos estagiários-professores observava a aula. Assim, os momentos de descrição, em geral, apresentam-se em 3ª pessoa e, os momentos de reflexão, em 1ª, pois tratam-se de ponderamentos da dupla.

2.3.1 Aula 1 e 2 - 5 de outubro de 2017

A primeira aula começou com a apresentação dos estagiários-professores, assim como da professora supervisora do estágio, para que os alunos a conhecessem. A professora supervisora comentou, por sua vez, como funcionaria a dinâmica das aulas e do estágio. E, antes que a aula iniciasse, o professor regente entregou as notas do bimestre anterior (3º), para que nenhuma pendência restasse.

A estagiária-professora, então, começou sua aula distribuindo pastas para os alunos, para que guardassem os materiais que seriam entregues ao longo das aulas. A pasta continha, inicialmente, um texto: o de apresentação do projeto. Ao entregar todas as pastas, depois dos alunos discutirem, sobre as cores que gostariam de receber e trocarem entre si, a estagiária-professora indicou que leria o texto de apresentação do projeto de docência. Os alunos ficaram em silêncio para ouvir o texto e, ao final, perguntaram se o texto havia sido escrito pelos estagiários-professores, ao que a estagiária-professora respondeu que sim. Ela, ainda, perguntou quem havia lido *A jaula das Bestas*, um livro produzido como resultado de um processo de estágio, explicando que, ao final do projeto, faríamos um livro também com os contos escritos por eles. Os alunos, nesse momento, perguntaram se iriam escrever histórias de terror e se seria em grupo, ao que a estagiária-professora respondeu que seria individual e sobre histórias populares.

Após a apresentação e a leitura, os alunos ficaram um pouco agitados, o que foi resolvido com o início da próxima atividade. A estagiária-professora iniciou, então, a atividade, escrevendo no quadro *Este 4º bimestre será um sucesso se...* Ela, inicialmente, entregou um papel para cada aluno, solicitando que escrevessem uma palavra que respondesse a pergunta proposta. A partir daí, passou a chamar os alunos na ordem da chamada, para que

indicassem suas palavras. Os alunos, na ordem, falaram: atenção; diferente; amizade; estudo; diversão; respeito; silêncio; carinho; carinho; comportamento; legal; paz; equipe; atividades; desafio; política; e emoções. Algumas palavras se repetiram, quais sejam: atenção; amizade; estudo; diversão; respeito; e silêncio. Para o mural, foram necessárias dez palavras. Assim, precisávamos ainda de quatro. As últimas foram escolhidas por votação. No final, tínhamos: estudo; amizade; atenção; política; emoções; desafio; diferente; respeito; silêncio e diversão. As palavras foram fixadas em um mural e este na parede.

Fig. 1 - Imagem do mural, criado em conjunto com os alunos, sobre questões importantes para o sucesso do 4º bimestre



Após a fixação do mural na parede, a estagiária-professora explicou a atividade seguinte, que seria a leitura individual de um texto, seguida por uma espécie de gincana, e entregou os textos. Alguns alunos, com essas informações, compreenderam que os textos diferentes resultariam em equipes diferentes. Os alunos leram os textos em silêncio, após alguns pedidos de cooperação. E, em silêncio, a leitura fluiu rapidamente. Aos poucos eles terminaram de ler e começaram a conversar baixinho. A estagiária-professora esperou até que o último aluno terminasse e, então, informou que formassem os grupos, de acordo com os textos que tinham. Todos os professores ajudaram, para que os quatro grupos fossem

formados e durante a execução da atividade de cruzadinha. Esta atividade teve como objetivo introduzir alguns conceitos da estrutura narrativa, como personagens, tempo e lugar, assim como de servir como verificação de leitura.

Muitos alunos responderam rapidamente e acharam fácil. Outros, entretanto, levaram mais tempo, buscando não copiar. Outros simplesmente copiaram dos colegas do grupo. Em verdade, pensamos, nenhum grupo resolveu, de fato, em grupo. Talvez porque os grupos eram muito grandes (6-7 alunos), ou talvez porque eles não se gostavam - alguns alunos mostraram-se não amigáveis quando colegas foram se juntar a eles no grupo -, visto que os grupos foram sorteados aleatoriamente. Sentimos que a decisão de sortear os grupos, nesta aula, não funcionou, apesar de acreditarmos que a convivência e o respeito são conteúdos a serem trabalhados durante as aulas. Quando notamos, inclusive, que alunos não queriam determinadas colegas no seu grupo, conversamos com eles para que fossem mais inclusivos e amigáveis. De qualquer forma, decidimos por não sortear grupos novamente, pois pareceu-nos pouco produtivo.

Fig. 2 - Cópia da atividade sobre o conto *Corcunda, manca e de pescoço torto* e de Ítalo Calvino

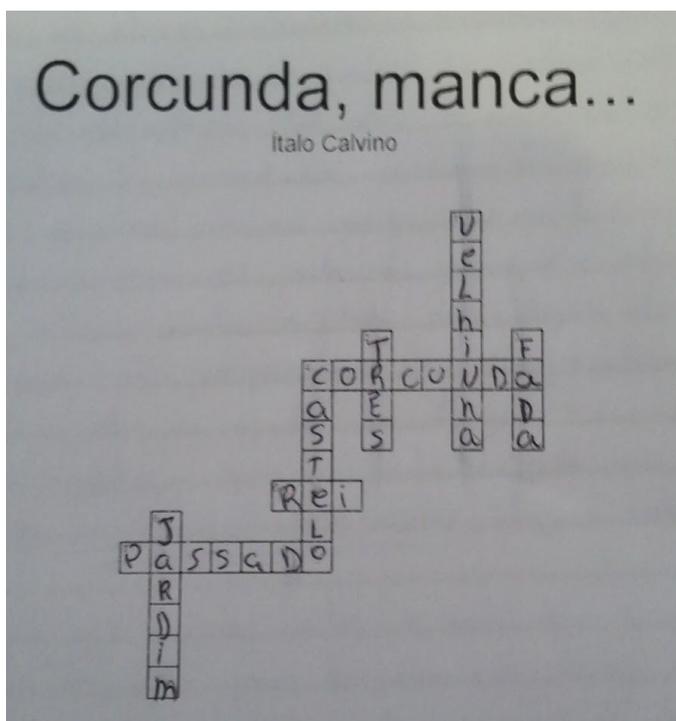
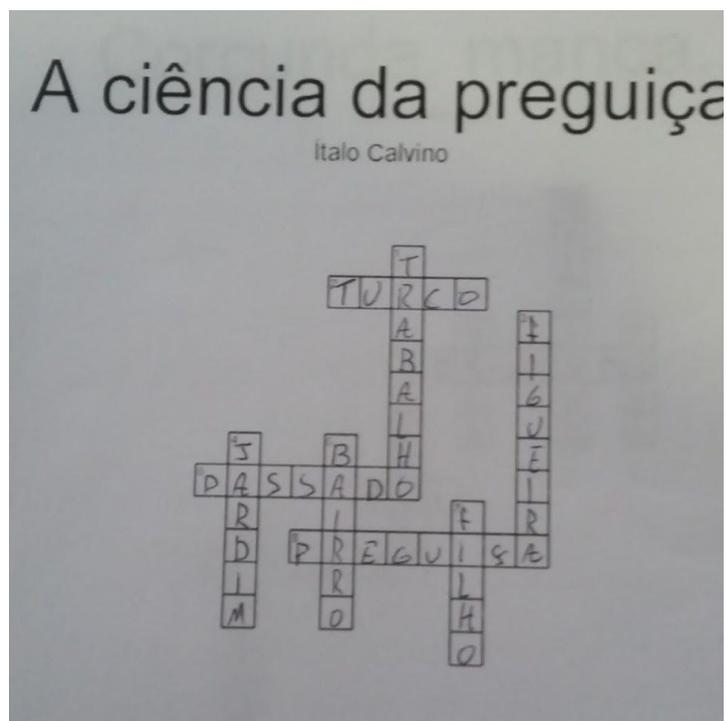


Fig. 3 - Cópia da atividade sobre o conto *A ciência da preguiça* de Ítalo Calvino



Depois que todos haviam concluído, a estagiária-professora pediu para que os grupos escolhessem um representante e que este, na frente da sala, contasse para os colegas sua história. A aula estava terminando quando iniciaram as contações e, assim, apenas um aluno conseguiu contar a história lida pelo seu grupo. De qualquer forma, na aula seguinte, continuamos.

2.3.2 Aula 3 e 4 - 11 de outubro de 2017

A segunda aula iniciou com os alunos contando as histórias lidas na primeira aula, para a atividade com a cruzadinha. A estagiária-professora perguntou quem gostaria de iniciar e um aluno se prontificou. Enquanto contava, o aluno solicitou a ajuda de um colega, que foi até a frente da sala para ajudá-lo. Os alunos, no geral, usaram as palavras-chave da cruzadinha para resumir suas histórias. Em alguns momentos, a estagiária-professora retomava palavras para que eles continuassem.

Depois de terminadas as contações, a estagiária-professora escreveu a pauta do dia no quadro e pediu para que os alunos copiassem. A pauta serviu para descrever o que seria realizado durante as aulas, assim como registrar, no caderno, os conteúdos que foram trabalhados, visto que utilizamos, muitas vezes, recursos impressos. Nesse dia, a sala estava

um pouco vazia, com alguns faltantes. De qualquer modo, a atividade desenvolvida, neste momento, foi a de leitura jogralizada de um texto de Ítalo Calvino. A estagiária-professora pediu a ajuda de cinco alunos para ler o texto com ela e vários se prontificaram a ler. Nesta turma, os alunos gostavam muito de participar das leituras em grupo ou com o professor. Todos foram até a frente da sala, com seus textos devidamente marcados nas falas que deveriam ler, e iniciaram a leitura, após a estagiária-professora explicar como aconteceria. A estagiária-professora leu as partes do narrador e os alunos leram os personagens, cada um leu um personagem diferente.

A leitura, nesse momento, fluiu bastante bem. Os alunos participaram coordenadamente, tendo compreendido a dinâmica e sem se perder. Aplaudimos, ao final, e os alunos se agitaram um pouco, para contar o que acharam da história. Uma das perguntas que a estagiária-professora fez foi: “qual é a moral da história?”, pois se tratava de uma fábula. E um dos alunos respondeu, corretamente, que ninguém vence a morte. Depois, a estagiária-professora perguntou: “quais são as características dos *velhos*?”, pois os personagens não tinham nomes, apenas características. E, aos poucos, os alunos lembraram e contaram as diferenças nos tamanhos de suas barbas.

Após a discussão dos elementos centrais da narrativa, (pois se tratava de uma fábula) a estagiária-professora entregou uma tabela de leitura, que deveria ser preenchida pelos alunos. Durante a atividade, vários alunos continuavam a repetir a moral da história, de forma irônica: “você vai morrer”. Por conta da leitura em grupo, assim como da discussão, os alunos não apresentaram grande dificuldade no preenchimento da tabela de leitura. Todavia, algumas dúvidas surgiram, como: o que seria um diálogo; e onde o conto se passava, o lugar.

Na sequência, a estagiária-professora levou os alunos à biblioteca, para uma nova atividade. Nesta parte, os alunos leram outro texto de Ítalo Calvino e preencheram a segunda parte da tabela de leitura. A leitura foi realizada de forma individual, assim como o preenchimento. Havia cinco textos diferentes e, por isso, alguns alunos pediram para ler o mesmo que o colega. Na biblioteca do Simão, há três mesas. Os alunos se dividiram e formaram grupos. Alguns grupos funcionaram melhor do que outros.

Fig. 4 - Cópia da Atividade de Leitura 1 respondida parcialmente

M de 1

Atividade de leitura 1

	TEXTO 1	TEXTO 2
Título do conto	A terra onde não se morre ^{nunca}	A menina vendida para os piratas
Autor Está abaixo do título	Italo Calvino	Italo Calvino
Personagens Quem participa da história?	Jovem, velho 1, velho 2, velho 3, morte	menina homem, menina, velhinha,
Espaço Onde se passa a história? Como é esse(s) lugar(es)?	cidade natal, natalice, florido	
Tempo Quando se passa a história?	presente	
Diálogos Há diálogos no texto? Se sim, copie um trecho de um.	Não me agrada esta história de que um dia todos vamos	
Enredo Quais são os principais acontecimentos da história?	A parte onde o jovem descobre o cavaleiro e morre pelo morto.	

Em um dos grupos, o das meninas, houve muita cooperação, pois elas se ajudaram e trocaram informações sobre os seus textos, querendo saber qual era a história do texto da colega. Em outros grupos, todavia, os alunos não conseguiram se concentrar para ler, o que resultou no preenchimento parcial da atividade.

Fig. 5 - Cópia da Atividade de Leitura 1 respondida integralmente

Atividade de leitura 1

	TEXTO 1	TEXTO 2
Título do conto	A Terra onde não se morre nunca	O casamento de uma rainha com um bandido
Autor Está abaixo do título	Italo Calvino	Italo Calvino
Personagens Quem participa da história?	Jovem, velho 1, velho 2, velho 3, velho 4, "Carreteiro" e a morte	Rainha, Rei, Bandido, os soldados, príncipes, bruxas, Polono, velho, Princesa.
Espaço Onde se passa a história? Como é esse(s) lugar(es)?	Cidade, Montanha, Beira do Mar, florido E um Palácio	Reino e a Caserna.
Tempo Quando se passa a história?	No passado, pois reconheço da história até em "Tudo em um instante" mais de 300 anos	Passado
Diálogos Há diálogos no texto? Se sim, copie um trecho de um.	"Sabe me indicar onde é o lugar que não se morre nunca?" "Não quer morrer? Fique comigo, então."	"Atéza, a hora é agora" "A esta hora não se olha"
Enredo Quais são os principais acontecimentos da história?	Um jovem não quer morrer então procura o lugar onde não se morre nunca, então depois de muito andar ele acha. Então, para um visitar a sua terra, então porém não pode deixar do cavaleiro magico e o rei, morreu. Então a morte é obrigada de carreteiro a razão a ele morre	Uma princesa que casou com um bandido e se deu mal, E viveu muitas aventuras.

2.3.3 Aula 5 e 6 - 18 de outubro de 2017

A aula foi ministrada pelo estagiário-professor, o qual iniciou escrevendo a pauta do dia no quadro: “1º momento: revisão dos elementos da narrativa” e “2º momento: leituras de microcontos de terror e atividade”.

Posteriormente, foi feita a devolutiva das atividades de leitura corrigidas da aula anterior aos alunos (a tabela de leitura). A partir desse momento, o estagiário-professor informou aos alunos que a aula seria sobre microcontos de terror. Entregou aos alunos uma síntese, que partiu da leitura em conjunto de um microconto, para recordar e sistematizar os principais elementos do texto narrativo, lembrando aos alunos a função do narrador, se é de 1ª pessoa ou 3ª pessoa, quais os personagens, qual o enredo, o lugar, o tempo e se havia diálogo no texto. O microconto utilizado para sistematizar o conteúdo foi o seguinte:

Uma garota ouviu sua mãe chamar seu nome do andar de baixo, então se levantou para descer. Quando chegou na escada, sua mãe a puxou para dentro de seu quarto e disse: “Eu também ouvi”.

Neste momento, grande parte da turma participou da conversa, mostrando algumas respostas bem diferentes umas das outras, como por exemplo, o lugar que se passava a história, grande parte respondeu que era em uma casa, um aluno, entretanto, talvez influenciado pelas leituras anteriores, respondeu que se passava em um castelo, outro aluno respondeu baixinho que era em um triplex e logo em seguida disse: “um apartamento, mas apartamento não pode ser, pois não tem escada dentro”.

Após esse momento, o estagiário-professor entregou uma folha contendo microcontos de terror de diversos autores, e, sem o professor solicitar, alguns alunos dispuseram-se imediatamente para realizar a leitura em voz alta para os demais. Após a leitura de cada microconto, o estagiário-professor dialogou com os alunos para que eles pudessem identificar no texto, através dos verbos e dos pronomes, se o narrador era em 1ª pessoa ou em 3ª pessoa. Novamente a participação dos alunos foi bem expressiva, pois, ao serem questionados, responderam e comentaram o porquê da escolha da resposta, sempre dialogando com os colegas.

Por último, foi entregue uma atividade para ser devolvida no final da aula. Em duplas, eles deveriam escolher dois microcontos de terror para mudar o foco narrativo, ou seja, se o

narrador estivesse em 1ª pessoa, o aluno teria de reescrever o microconto em 3ª pessoa, e vice-versa. Os alunos, organizados em dupla, resolveram a atividade, alguns apresentaram dúvidas, mas, com a ajuda dos estagiários-professores, conseguiram finalizar a atividade.

Fig. 6 - Estagiário-professor recordando aos alunos os principais elementos do texto narrativo



Abaixo estão algumas das atividades realizadas pelos alunos. No geral, os alunos alcançaram o objetivo proposto e não apresentaram grandes dificuldades em mudar o foco narrativo dos microcontos. Apresentaram, entretanto, dificuldade com verbos, de mudar as desinências verbais, conteúdo que ainda não haviam estudado. Os pronomes oblíquos, da mesma forma, demonstraram-se mais complexos de serem utilizados e alterados.

Fig. 7 - Exemplo de resolução da atividade sobre microcontos

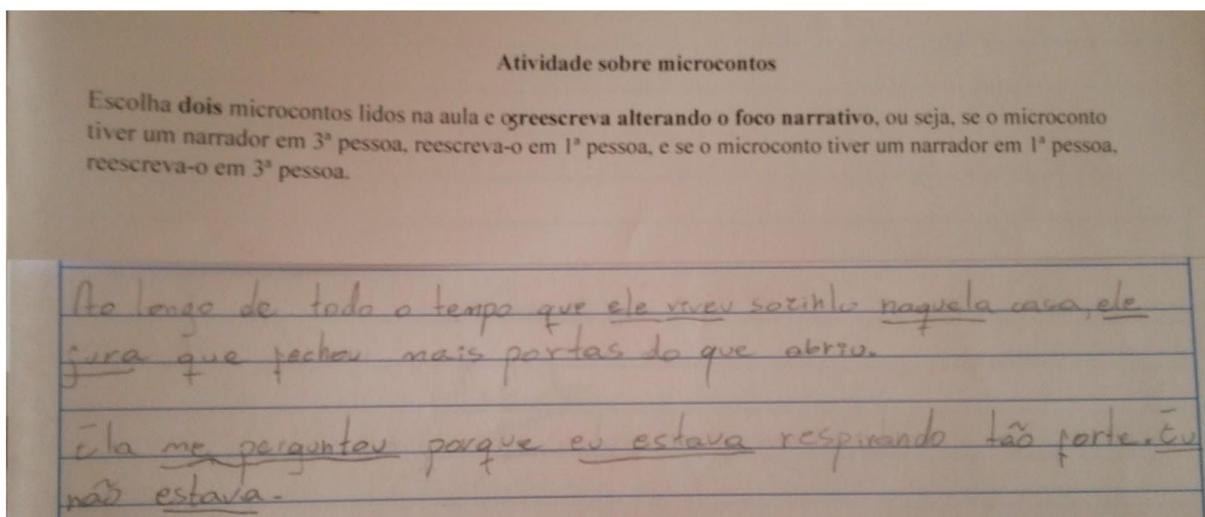
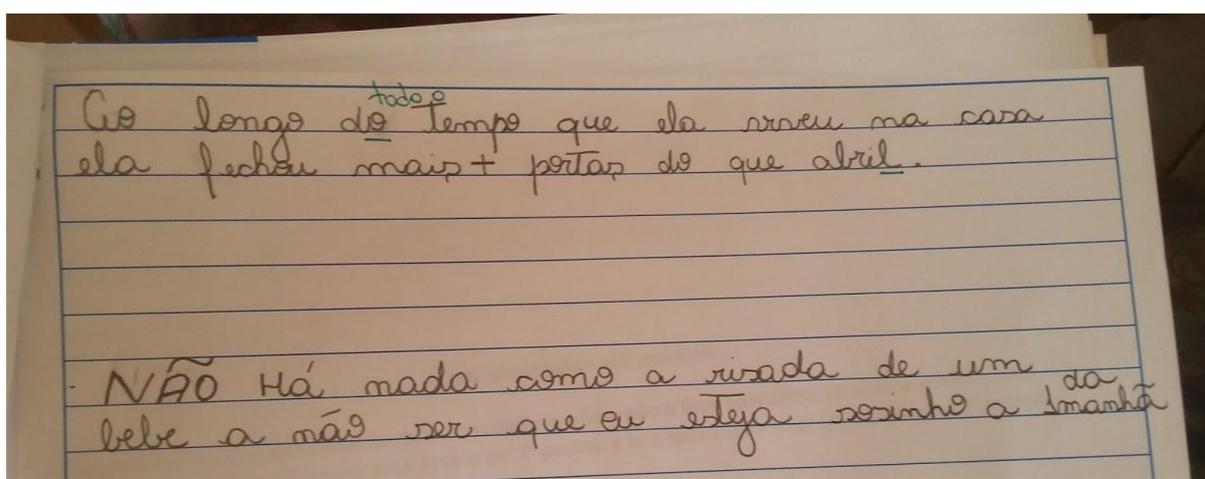


Fig. 8 - Exemplo de resolução da atividade sobre microcontos



2.3.4 Aula 7 e 8 - 19 de outubro de 2017

Neste dia, a aula foi ministrada pelo estagiário-professor, que colocou no quadro os encaminhamentos da aula: “1º momento: leitura de conto de Franklin Cascaes; 2º momento: discussão e atividade; e 3º momento: atividade para casa”. Um aluno notou, logo no início, que a pauta ficara incompleta, pois a aula iniciou com uma síntese sobre os conteúdos da aula anterior (pronomes e verbos). O estagiário-professor, então, explicou que aquele momento serviria para complementar a aula anterior, mas que ele estava correto. Neste momento, percebemos que os alunos já haviam percebido a função da pauta, sendo capazes, inclusive, de notar incoerências em sua utilização.

O estagiário-professor, antes da sistematização dos conteúdos, entregou as atividades sobre microcontos corrigidas. Alguns alunos ficaram em dúvida se a atividade valia nota, o estagiário-professor explicou que essas atividades eram parte da nota de participação. Logo em seguida, foi efetuada a leitura pelo estagiário-professor da síntese entregue aos alunos sobre pronomes e verbos, para reforçar e relembrar os alunos sobre o assunto.

No segundo momento, o estagiário-professor fez um breve comentário sobre Franklin Cascaes, questionando os alunos se já haviam escutado falar sobre o escritor de Florianópolis, notando que poucos sabiam da sua existência. Então, mostrou aos alunos o livro *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, e entregou aos alunos algumas gravuras impressas do livro, para que, em duplas, analisassem e depois discutissem sobre o que constava nas gravuras. Neste momento, os alunos relataram o que conseguiram compreender sobre a imagem, mas, alguns alunos apresentaram dificuldades em entender o significado.

Sendo assim, para ampliar o conhecimento sobre o tema em questão, o estagiário-professor entregou o conto *Bruxas atacam pescador* e fez a leitura em voz alta, como se tratava de um conto de maior complexidade, em termos de vocabulário. No decorrer da leitura, o estagiário-professor explicava aos alunos os significados das palavras que eles tinham dúvidas, para facilitar a compreensão do conto.

Após a leitura, foi entregue uma atividade sobre linguagem formal e informal, que consistiu em: escutar um áudio, chamado *GPS*, do grupo Dezarranjo Ilhéu, e anotar cinco palavras, assim como seus significados. As palavras poderiam também ser retiradas do conto lido, mas deveriam se caracterizar como linguagem informal. Neste momento, os alunos se reuniram ao redor da caixa de som, pois o volume não era muito alto, e a fala dos personagens era muito rápida, e escutaram atentamente. Como era um áudio engraçado, os alunos se divertiram e riram bastante, e realizaram a atividade com sucesso.

A maioria dos alunos conseguiu identificar palavras da linguagem informal no áudio, ou no texto, mas poucos escreveram seus significados, possivelmente devido a uma falta de exposição clara dos objetivos da atividade - por nossa parte. Alguns, entretanto, consideraram quaisquer palavras como linguagem informal, por exemplo, “Palhoça”, que apareceu em alguns casos. Buscamos, por isso, tentar esclarecer, nas devolutivas, tais questões. Infelizmente, não fizemos, na aula seguinte, uma devolutiva em grupo, na qual poderíamos explorar tais respostas para desenvolver o conteúdo. No geral, ao longo do estágio, dedicamos

pouco tempo, em sala, às devolutivas em grupo, dedicando-nos mais às individuais, fato que, hoje, consideramos negativo e que deveria ser repensado em uma próxima experiência.

Fig. 9 - Cópia da atividade sobre linguagem formal e informal em que os objetivos não foram alcançados

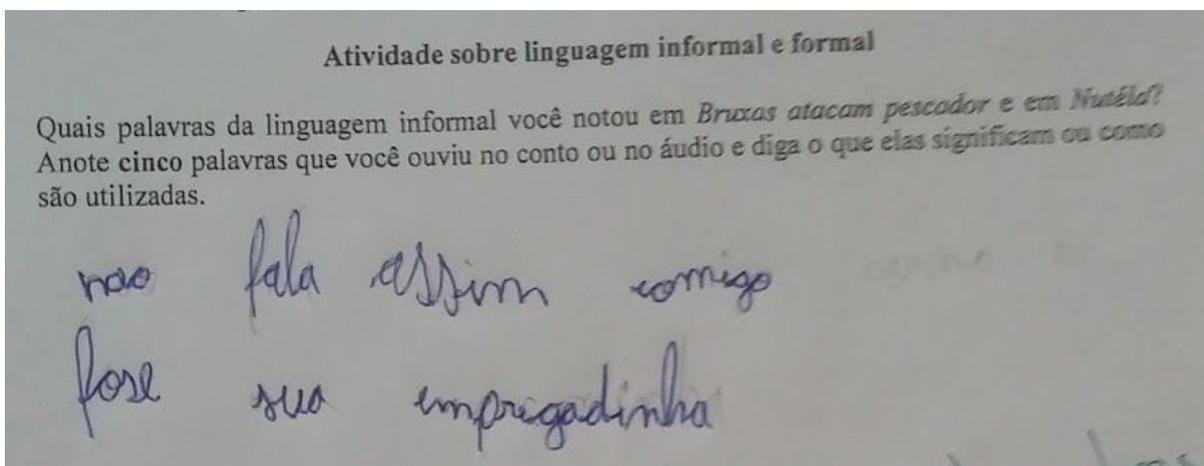


Fig. 10 - Cópia da atividade sobre linguagem formal e informal em que os objetivos foram parcialmente alcançados

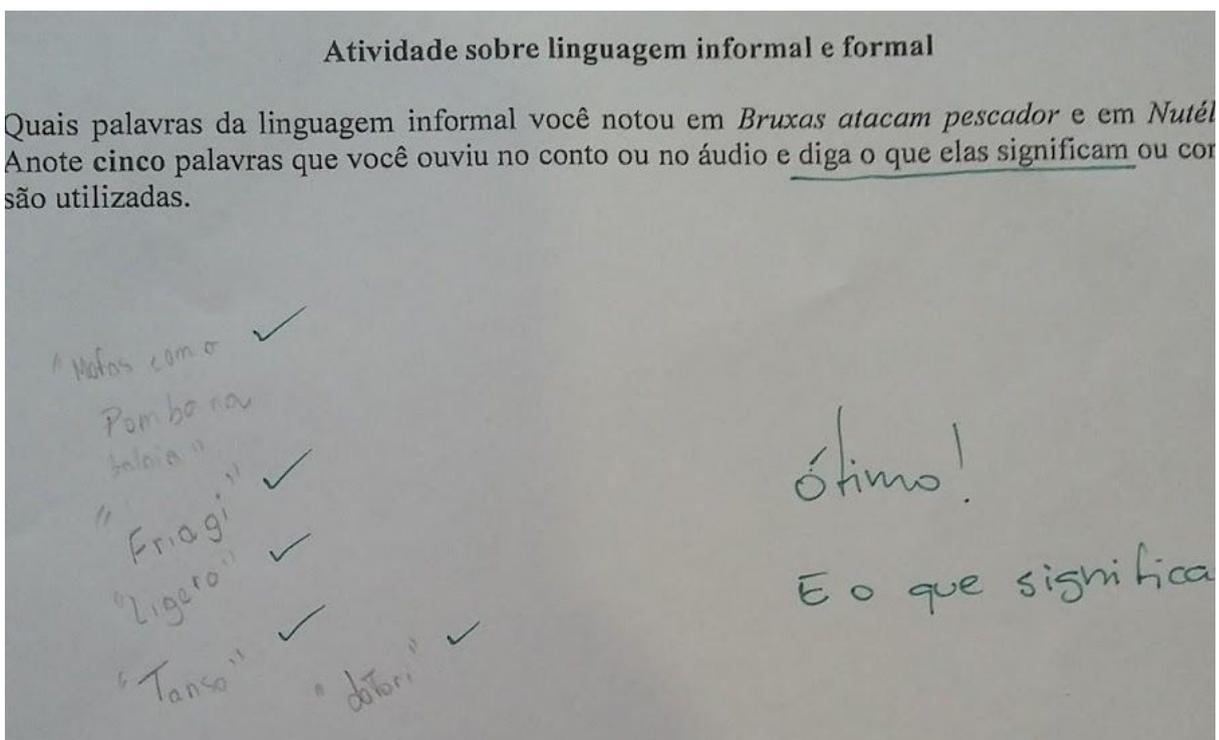
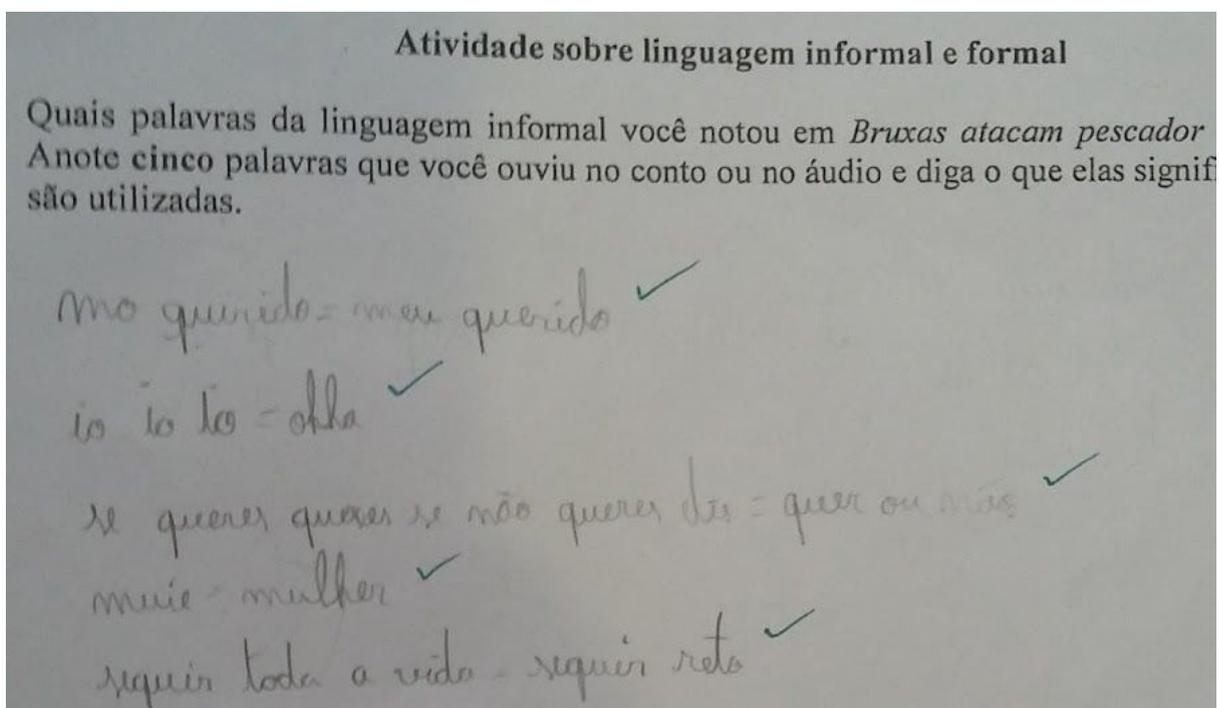


Fig. 11 - Cópia da atividade sobre linguagem formal e informal em que os objetivos foram completamente alcançados



Nos minutos finais, o estagiário-professor entregou a atividade para ser elaborada em casa, explicou que os alunos deveriam conversar com familiares sobre histórias populares que eles conhecem, ou tenham vivido e registrar, de forma resumida, em uma folha, ou em áudio, para compartilhar com os colegas na aula seguinte.

2.3.5 Aula 9 e 10 - 25 de outubro de 2017

Ao iniciar a aula, a estagiária-professora alterou a organização das carteiras, formando um círculo, para que os alunos se enxergassem melhor ao contar suas histórias. A estagiária-professora, então, perguntou se os alunos haviam lembrado de coletar os relatos, ao que alguns indicaram que sim. A contação foi organizada em ordem alfabética e, assim, o primeiro da lista de chamada começou a contar sua história, até o último. No geral, todos os alunos participaram, alguns, todavia, não haviam coletado e contaram histórias que conheciam de outros modos. Outros, ainda, não quiseram participar e entregaram a história por escrito.

As histórias relatadas pelos alunos foram bastante diversas das coletadas por Cascaes. Em termos gerais, traziam elementos pouco regionais e mais ligados aos contos de mistério ou

assombração. Os alunos contaram histórias sobre florestas assombradas, chupa-cabras, lugares amaldiçoados, vultos... Obviamente que, aqui, é difícil precisarmos quais contos seriam locais e quais não. De qualquer modo, o objetivo da aula foi alcançado, visto que a maioria dos alunos marcou em sua fala de onde vinham suas histórias: da avó, da tia, da madrinha...

Inicialmente, para esta aula, havíamos estipulado 45 minutos para a contação, o que se mostrou longe de suficiente. Em verdade, as duas aulas foram utilizadas para que todos os alunos pudessem contar suas histórias. E todos se mostraram bastante estimulados para fazê-lo. Durante a aula, entretanto, os alunos demonstraram maior facilidade em contar, do que em ouvir. Fato que se mostrou verdadeiro em outras ocasiões.

2.3.6 Aula 11 e 12 - 26 de outubro de 2017

A aula foi ministrada pelo estagiário-professor que começou com a apresentação de dois alunos contando suas histórias, dando continuidade às histórias contadas pelos alunos na aula anterior.

Em seguida, o estagiário-professor avisou que neste dia, seria realizada a primeira produção do conto popular, com base nas histórias coletadas na aula anterior, e lembrou que, no final do nosso projeto de docência, as produções elaboradas por eles, irão fazer parte do livro ilustrado da turma 61.

Antes de iniciar as produções, o estagiário-professor recapitulou com os alunos os assuntos trabalhados nas aulas anteriores, tais como, o conto deverá ter um narrador em 1ª ou 3ª pessoa; uso dos sinais de pontuação; marcas de tempo e espaço; título; que a história deverá ter começo, meio e fim. Após a explicação, o estagiário-professor entregou aos alunos uma folha onde foi escrito o conto.

A partir deste momento, todos os alunos começaram as suas produções textuais. Alguns alunos apresentaram algumas dificuldades na hora da escrita, mas puderam contar com o auxílio dos professores e dos estagiários-professores, ajudando a resolver as questões levantadas por eles.

No final da aula, todos os alunos conseguiram escrever a sua primeira produção textual, e entregaram ao professor-estagiário para realizar a correção.

Fig. 12 - Estagiário-professor recapitulando a matéria para a Produção da 1ª versão de conto popular



2.3.7 Aula 13 e 14 - 1 de novembro de 2017

Nesta aula, a estagiária-professora iniciou fazendo um círculo. Após a organização das carteiras, a estagiária-professora perguntou se os alunos conheciam histórias antigas, ao que alguns responderam e citaram: lobisomem, bruxa, Sherlock Holmes, entre outros. A estagiária-professora, então, especificou mais, tentando resgatar histórias de quando eles eram menores, como: Pinóquio, Cinderela, Branca de Neve... Vários alunos respondem que conhecem tais histórias e a estagiária-professora explicou que tais histórias, antes de serem animadas por o cinema, foram contadas oralmente e escritas.

Após a introdução do assunto, a estagiária-professora mostrou cinco livros sobre a *Chapeuzinho Vermelho* e explicou que, naquele encontro, eles leriam duas versões do conto. Antes da leitura, a estagiária-professora perguntou, ainda, qual o final do conto da *Chapeuzinho* que eles conheciam. Vários alunos responderam que o caçador, ao final da

história, matava o lobo e salvava a chapeuzinho. A estagiária-professora pediu que prestassem atenção ao final dos contos que leriam e perguntou quem gostaria de participar da leitura, que seria jogralizada.

A estagiária-professora e os alunos iniciaram a leitura em voz alta, na frente da sala. Os alunos, durante a leitura, ouviram atentamente. Ao final, da segunda história, os alunos foram pegos de surpresa e não acreditaram que a história terminou, chegando a virarem a folha para se certificar. O choque ocorreu, pois a chapeuzinho, na segunda versão lida, morre. A estagiária-professora comenta que as histórias são diferentes e fala, ainda, sobre os escritores, discutindo que eles também coletaram essas histórias.

Na última parte da aula, a estagiária-professora realizou uma atividade de verificação de leitura com os alunos, na qual eles deveriam identificar e descrever diferenças, a partir de um roteiro, entre as duas versões. No geral, os alunos não apresentaram dificuldade em realizar a atividade.

2.3.8 Aula 15 e 16 - 8 de novembro de 2017

Neste dia, o estagiário-professor, após a correção e reflexão sobre os recursos discursivos, composicionais e linguísticos empregados pelos alunos na primeira versão do conto, realizou em sala de aula, a análise linguística, apresentando e explicando aos alunos nove dicas para se escrever uma história. Para isso, utilizou slides como forma de demonstrar e exemplificar os aspectos problemáticos apresentados nas escritas.

Revisou as marcas de tempo, espaço; personagem e narrador (1ª ou 3ª pessoa); o uso dos parágrafos; uso da letra maiúscula no início de frase, nomes próprios, lugares e instituições; para que a história seja compreendida por todos, ela deve ter começo, meio e fim; concordância verbal e repetição de palavras, temas já trabalhados nas aulas anteriores, buscando suprir as necessidades dos alunos manifestadas na realização das atividades que foram propostas nas aulas anteriores.

No segundo momento, o professor-estagiário fez a troca dos contos escritos na aula anterior, para que os alunos assumissem a posição de leitores do texto do colega para contribuírem com o próprio aprendizado e o aprendizado do outro. Para isso, os alunos seguiram uma ficha de avaliação, que consistia em saber se havia título na história, se as personagens estavam bem caracterizadas, se o enredo estava claro, se o narrador era de 1ª ou

3ª pessoa, e por último, avaliar a letra do colega. A participação dos alunos foi excelente, e todos escreveram e nos entregaram no final da aula, para posteriormente, fazer a devolutiva ao autor do texto, servindo como mais uma ferramenta de apoio para a reescrita do conto.

2.3.9 Aula 17 e 18 - 9 de novembro de 2017

Após a aula de análise linguística, a partir da 1ª produção textual, neste dia, a estagiária-professora realizou a atividade de reescrita. Os alunos, assim, deveriam reescrever os seus contos, a partir da aula de análise, da correção e das sugestões do professor, assim como das sugestões dos colegas, relativas à atividade de troca de textos para avaliação. Alguns alunos, inicialmente, mostraram-se pouco interessados, ou cansados, mas, com o tempo, acabaram realizando a reescrita.

Durante as aulas, os estagiários-professores percorreram a sala, tirando dúvidas e conversando sobre os textos dos alunos, quando solicitados. Neste dia, os alunos ficaram mais livres e aproveitaram para trocar ideias e conversar sobre suas produções uns com os outros. A aula, no geral, foi bastante produtiva e interessante. Alguns, infelizmente, decidiram não reescrever seus textos, mas escrever um novo, o que resultou em um não aproveitamento dos apontamentos iniciais dos estagiários-professores e dos colegas.

Notamos, no decorrer das aulas, que alguns alunos, com maior dificuldade, mantiveram-se nas sugestões de ortografia e organização do texto. Outros, que já tinham uma primeira versão mais bem construída, buscaram, não só corrigir questões ortográficas, como tentar aproveitar as sugestões de construção de narrativas. Infelizmente, nessa tentativa, e notamos isso somente depois, alguns acabaram apagando partes muito interessantes de seu texto.

Fig. 13 - Cópia da atividade de reescrita de um aluno que atingiu plenamente os objetivos

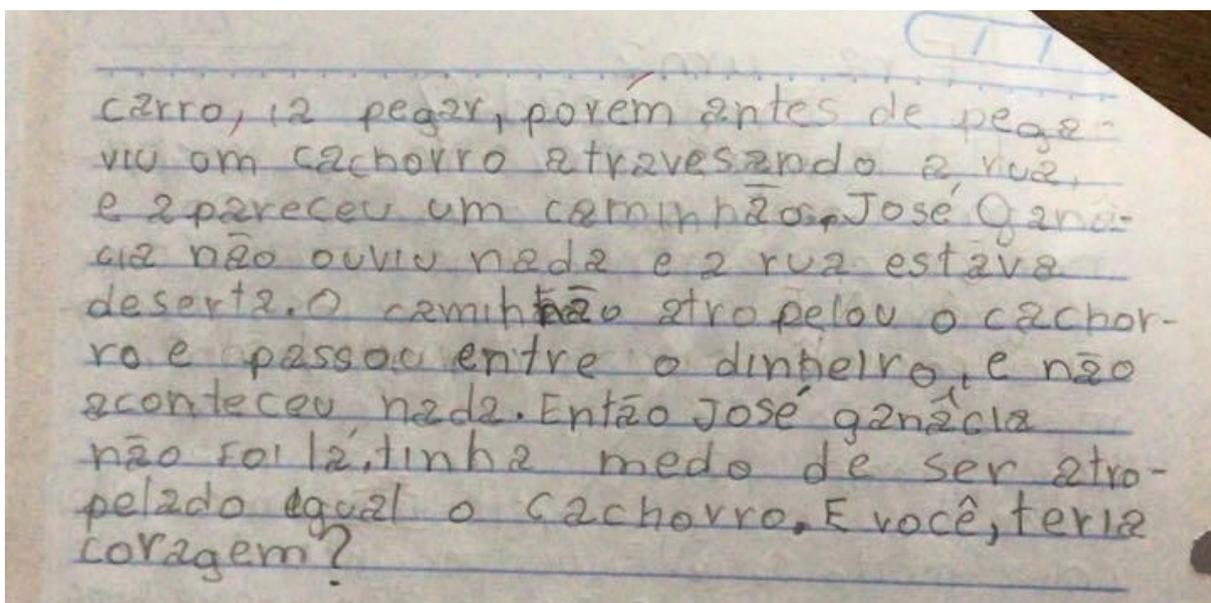
11
Era um?

Emboscada?

Há tempos atrás, minha madrinha me contou sobre o seu vizinho José. Ele era estranho, e não falava com ninguém. A Éra muito generosa, perguntar o porquê para minha madrinha mas ela falou, só uma coisa "não posso falar, prometi para ele que não iria falar para ninguém, ele ^{fez} uma coisa muito séria". Fiquei perguntando para ela o que ele fez de tão grave, mas ela não falou nada, e continuou a história.

Para você ter ideia, ele dizia que venderia a alma por dinheiro. Ele vivia dizendo isso todo tempo, até que um dia, ele, José Gznância (o apelido dele era esse), ouviu uma voz, uma voz do além. A voz não o dava para ser indentificada, pois um minuto era calma, por outro era estressada. A voz disse: "amanhã, na estrada, na estrada da morte". Essa estrada tinha esse nome porque muitas pessoas morriam atropeladas, tanto por carros, como caminhões.

José gznância queria ver se era verdade ou era coisa da cabeça dele. Quando chegou lá, viu o dinheiro no meio da estrada. Ele não ouviu nenhuma



2.3.10 Aula 19 e 20 - 16 de novembro de 2017

Neste dia, ocorreu o nosso último encontro como estagiários-professores da turma 61. A sala foi organizada em círculo, para que todos pudessem socializar os seus contos e suas ilustrações. Neste momento, os alunos estavam agitados, pois sabiam (pela disposição das carteiras no centro da sala, coberta por TNT) que no final da aula, haveria um lanche.

Após um breve tempo, conseguimos com que os alunos iniciassem as leituras dos seus contos, os quais mostraram-se bem participativos, lendo os contos e interagindo com os colegas, pedindo aos que não queriam fazer a leitura, para que lessem, pois queriam saber qual era a sua história.

Após a socialização dos contos, retomamos a atividade realizada em conjunto com os alunos no primeiro dia do projeto de docência, sobre questões importantes para o sucesso do 4º bimestre. Paulo questionou os alunos se todas as palavras que estavam fixadas no mural teriam sido respeitadas nas aulas, e os mesmos disseram que não seguiram todos os itens, como por exemplo, o silêncio que não foi respeitado, pois fizeram bagunça em alguns momentos no decorrer das aulas, mas que aprenderam coisas legais e diferentes.

Em seguida, finalizamos a aula agradecendo a todos os alunos e ao professor regente pelo excelente período de aprendizado que tivemos na turma 61, da Escola de Educação Básica Simão José Hess, e servimos o tão esperado lanche.

Fig. 14 - Fechamento do projeto de docência



Fig. 15 - Fechamento do projeto de docência



3 A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE

Nesta seção, a segunda parte do relatório, descrevemos o projeto extraclasse *Receitas de poções mágicas do universo de Harry Potter*, desenvolvido em uma turma do Programa Mais Educação. Esta, está dividida em duas partes: o projeto de docência; e reflexão sobre a prática pedagógica.

3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1.1 Justificativa

Para o Projeto Extraclasse, componente obrigatório da disciplina de Estágio I, recebemos a demanda da Escola de Educação Básica Simão José Hess, escola na qual também desenvolvemos o Estágio de Docência, de atuar em um projeto específico: o Programa Mais Educação (PME). O PME, criado em 2007, tem como objetivo construir uma agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, ampliando a jornada escolar para no mínimo sete horas diárias. Segundo o Portal do MEC, as atividades propostas no contraturno devem se enquadrar nos campos: “acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica” (BRASIL, 2007). No Simão, o PME oferece, atualmente, aulas de Karatê, Teatro e de reforço de Matemática e Língua Portuguesa. Segundo fomos informados, o PME, no Simão, já admitiu mais de 50 crianças no período matutino, mas, hoje, por questões de falta de financiamento, tem apenas em torno de 15 alunos matriculados, do 1º ao 5º ano. Em geral, os alunos que atualmente participam do programa, frequentam, em razão de serem crianças em condições de vulnerabilidade social.

A demanda apresentada pela escola, assim, foi de que trabalhássemos com o Projeto Mais Educação, na disciplina de Língua Portuguesa, propondo aulas menos tradicionais e mais lúdicas, envolvendo atividades de leitura e escrita, visto que os alunos já frequentam o período normal e não apresentam grandes demandas de aprendizagem. Tendo isso em vista, pensamos em trabalhar com o gênero *receita*, a partir do universo mágico de Harry Potter, discutindo e criando poções mágicas. O gênero *receita* é bastante comum no cotidiano de qualquer pessoa. Lidamos com ele no dia a dia, em programas de televisão, em sítios

eletrônicos e em redes sociais. Mas, para além do ordinário, o gênero também é incorporado em universos ficcionais, como o de Harry Potter, abrindo espaço para o metafísico, o impossível, o místico e o criativo. Independente do universo, todavia, as receitas funcionam do mesmo modo e qualquer mudança em sua formulação ou preparo pode levar ao desastre. Um bolo sem fermento não crescerá, assim como uma poção mágica da sorte, se formulada de forma errônea, terá outro efeito, ou nenhum.

Dessa forma, o gênero receita está indicado no planejamento escolar do Ensino Fundamental I e, com isso, pode-se refletir sobre o aprendizado dos alunos do Projeto Mais Educação e também houve a possibilidade de dialogar com as diferentes áreas de conhecimento como, por exemplo, a matemática. É necessário, também, que os alunos possam refletir sobre a função social da língua. Para isso, foi solicitado aos alunos que fosse elaborada uma receita de poção mágica, com base nas leituras de receitas do universo de Harry Potter, e assim trabalhando com o gênero textual receita, prevista no currículo escolar.

3.1.2 Fundamentação teórica

O Projeto Extraclasse teve como base teórica as propostas apresentadas para o Projeto de Docência, tendo em vista, principalmente, o conceito de sujeito de Geraldi (2010), que enfatiza o lugar único dos alunos na relação de ensino-aprendizagem, assim como seu tempo histórico, e o conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (2006), que assim denomina a relativa estabilidade de determinados enunciados. A concepção bakhtiniana de gêneros do discurso não impossibilita que escritores, como por exemplo, J. K. Rowling criem a partir da estabilidade encontrada nos enunciados do mundo real. A escritora de Harry Potter faz uso do gênero *receita* para criar poções mágicas, impossíveis na realidade imediata, mas sem quebrar com os limites do gênero. No primeiro livro da série, por exemplo, intitulado *Harry Potter e a pedra filosofal*, Snape, professor encarregado das aulas de poções, fala à Harry e Hermione os ingredientes de algumas poções:

Sente-se — disse com rispidez a Hermione. — Para sua informação Potter, asfódelo e losna produzem uma poção para adormecer tão forte que é conhecida como a Poção dos Mortos Vivos. O bezoar é uma pedra tirada do estômago da cabra e pode salvá-lo da maioria dos venenos. Quanto aos dois acônitos são plantas do mesmo gênero botânico. Então? Por que não estão copiando o que estou dizendo? (ROWLING, J. K., 2000).

Na sequência, há um evento interessante, no qual o personagem Neville prepara uma poção de forma errada, alterando seu efeito: a poção, se preparada corretamente, deveria curar furúnculos, mas, no caso, ela encheu o personagem da doença. O professor Snape, nessa ocasião, fala: “— Menino idiota! — vociferou Snape, limpando a poção derramada com um aceno de sua varinha. — Suponho que tenham adicionado as cerdas de porco-espinho antes de tirar o caldeirão do fogo?” (ROWLING, J. K., 2000). As receitas de poções mágicas no universo de Harry Potter, assim, podem ser comparadas as receitas comuns, excluindo-se o efeito obviamente. Há, nelas, ingredientes específicos que devem ser utilizados, assim como modos de preparo, que, se não seguidos à risca, podem criar resultados indesejados.

Dessa forma, a escolha do gênero receita e o seu estudo devem se dar em função das características de cada conjuntura comunicativa, envolvendo os alunos nas suas atividades comunitárias. Para Schneuwly e Dolz (1997, p. 15):

[...] quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como ferramenta e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagens diversas que a ele estão associadas. O objeto de trabalho sendo, pelo menos em parte, descrito e explicitado, tornando-se acessível a todos nas práticas de linguagem de aprendizagem.

Logo, os gêneros do discurso estão intrinsecamente conectados à vida social dos alunos. Isso significa dizer que, o contexto escolar-acadêmico deve ser um ambiente no qual os alunos possam ter acesso aos textos com os quais façam parte das suas práticas sociais.

3.1.3 Objetivos

- Expressar-se com clareza, expressividade, fluência na discussão sobre o filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, socializando saberes dos filmes e da saga, e sobre as poções, relacionando os elementos encontrados no filme com o gênero;
- Demonstrar respeito em relação à fala do outro pela postura de escuta atenta e ativa durante todas as aulas, especialmente nas atividades de discussão e socialização;
- Expressar-se com clareza, expressividade, fluência na leitura das poções;
- Planejar e escrever uma receita de poção mágica, considerando sua função social e estrutura - descrição, ingredientes e modo de preparo -, assim como os recursos

linguísticos e expressivos da língua, para então confeccionar uma poção, seguindo a receita.

3.1.4 Conhecimentos trabalhados

- Clareza, objetividade, expressividade, entonação na apresentação individual, assim como expressividade, entonação, fluência e ritmo na leitura oral das poções;
- A fala do outro e a atribuição de sentidos;
- Gênero receita: função social e forma de composição;
- Leitura-estudo de poções mágicas;
- A escrita de poções mágicas como recurso para o aprimoramento da compreensão leitora.

3.1.5 Metodologia

O projeto extraclasse *Receitas de poções mágicas do universo Harry Potter* foi desenvolvido através de dois encontros, envolvendo atividades lúdicas, pois estas contribuem para desenvolver várias habilidades, tais como: atenção, memorização, imaginação, entre outros, a fim de auxiliar o desenvolvimento da criança.

Dessa forma, no primeiro encontro (31 de outubro de 2017), os alunos assistiram ao filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, para que pudessem imergir no mundo mágico de Harry Potter, e com isso, auxiliar na discussão que ocorreu posteriormente ao filme, sobre o que acharam da história, se alguém já leu os livros, e, quais elementos encontrados nas aulas de poções da Escola de Hogwarts, buscando averiguar o entendimento do mesmo, assim como, fazendo notar que cada poção, no filme, tinha um efeito, ingredientes e um modo de preparo. Esses três elementos, na segunda aula, foram utilizados para que os alunos escrevessem suas próprias poções.

No segundo encontro (7 de novembro de 2017), os alunos assistiram um trecho do filme *Harry Potter e o enigma do príncipe*, o qual mostrou aos alunos, uma aula de poções, onde o aluno Harry Potter, realiza uma poção seguindo exatamente o que está escrito na receita, resultando em uma poção correta. Após esse momento, os alunos realizaram a leitura de poções mágicas, e ao lerem os ingredientes, os alunos deveriam relacioná-los com as

figuras que foram colocadas à disposição pelos estagiários-professores. Em seguida, escreveram a sua própria poção, a partir dos elementos encontrados nas receitas lidas anteriormente. Após a elaboração das poções, os alunos confeccionaram suas próprias poções com o “kit poção”, e para finalizar, preencheram uma etiqueta com o nome escolhido para a sua poção.

Os recursos utilizados para exibição do filme *Harry Potter e a pedra filosofal* e o trecho do filme *Harry Potter e o enigma do príncipe* foram: televisão, aparelho de DVD, computador, extensão, projetor multimídia, caixa de som. Fotocópias de receitas de poções mágicas Harry Potter e de imagens dos ingredientes. E recursos diversos para confecção de poções: colher, vasilha, etiquetas para nomear as poções, frascos de plástico e outros materiais comuns, como temperos, condimentos, água, tinta, areia, pedras, conchas, entre outros.

A avaliação, por sua vez, foi realizada ao longo desses dois encontros. Para tanto, consideramos a clareza e a entonação, durante as leituras e discussões; a participação e a atenção à fala dos colegas e estagiários-professores; e a adequação das produções ao gênero receita. É válido destacar que o Programa Mais Educação não visa atribuir notas aos participantes, mas que, em determinados momentos, há avaliações realizadas pelo MEC que buscam averiguar se as ações estão impactando na aprendizagem dos alunos.

As atividades relativas ao projeto de docência extraclasse aconteceram em dois dias, conforme o cronograma a seguir, totalizando oito horas/aula.

3.1.6 Cronograma

Aula 1 31/10	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação do projeto <i>Receitas de poções mágicas do universo de Harry Potter</i>, que será desenvolvido, assim como da professora supervisora e dos estagiários;• Assistir o filme <i>Harry Potter e a pedra filosofal</i>;• Discutir os elementos encontrados no filme <i>Harry Potter e a pedra filosofal</i> para a produção de poções, os ingredientes utilizados e seus efeitos.
Aula 2 7/11	<ul style="list-style-type: none">• Assistir a um trecho do filme <i>Harry Potter e o enigma do príncipe</i>, o qual irá mostrar aos alunos, uma aula de poções na <i>Escola de Hogwarts</i>;• Leitura-estudo das poções entregues aos alunos pelos estagiários-professores;

	<ul style="list-style-type: none">● Produção textual: irão escrever uma poção, considerando sua função social e forma de composição, assim como os recursos linguísticos e expressivos;● Produção das poções: os alunos irão confeccionar as suas próprias poções, seguindo a receita criada pelo aluno na produção textual.
--	---

3.1.7 Planos de aula

3.1.7.1 Encontro 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários responsáveis pela aula: Aliny Sartor Nandi, Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano de aula do encontro 1

(31/10 – Terça-feira – 8:00 às 11:30 [4h/aula])

Tema: Apresentação do projeto extraclasse e filme *Harry Potter e a pedra filosofal*

1. Objetivo Geral

- Aproximar-se do gênero receitas a partir da visualização do filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, assim como de uma discussão, baseada no filme, sobre as poções produzidas pelos bruxos: seus usos, ingredientes e modos de preparo.

2. Objetivos Específicos

- Expressar-se com clareza, expressividade, fluência na discussão sobre o filme;
- Demonstrar respeito em relação à fala do outro pela postura de escuta atenta e ativa na discussão sobre o filme;
- Socializar saberes que possuem sobre os filmes e livros da saga Harry Potter;
- Discutir os elementos encontrados no filme *Harry Potter e a pedra filosofal* para a produção de poções, os ingredientes utilizados e seus efeitos.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Clareza, objetividade, expressividade, entonação na apresentação individual;
- A fala do outro e a atribuição de sentidos;
- Gênero receita: função social.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
No primeiro momento do encontro 1, será realizada a apresentação dos estagiários-professores, e da professora-orientadora, assim como do projeto extraclasse “Receitas de poções mágicas do universo de Harry Potter”, que será desenvolvido durante o estágio de docência.	30 min
Os estagiários-professores passarão o filme <i>Harry Potter e a pedra filosofal</i> para os alunos assistirem. O filme servirá de introdução ao universo mágico dos bruxos, assim como das receitas de poções mágicas.	2h 30min
No segundo momento, após o término do filme, os estagiários-professores discutirão com os alunos sobre o filme, buscando averiguar o entendimento do mesmo, assim como, fazendo notar que cada poção, no filme, tinha um efeito, ingredientes e um modo de preparo. Esses três elementos, na segunda aula, serão utilizados para que os alunos escrevam suas próprias poções.	30 min

5. Recursos Didáticos

- Televisão;
- Aparelho de DVD;
- Computador;
- Extensão;
- Filme *Harry Potter e a pedra filosofal*;
- Projetor multimídia;
- Caixa de som.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação e envolvimento nas apresentações em sala de aula, pela postura de escuta atenta e ativa nas discussões realizadas no decorrer da aula e no momento de exibição do filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, e pela adequação das respostas aos questionamentos do estagiário-professor, assim como pela pertinência das questões a serem propostas pelos alunos.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Saiba Mais - Programa Mais Educação*. 2007. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16689-saiba-mais-programa-mais-educacao>>. Acesso em: 14 out. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

HARRY Potter e a pedra filosofal. Direção de Chris Columbus. Reino Unido: Warner Bros, 2001.

HARRY Potter e enigma do príncipe. Direção de David Yates. Reino Unido: Warner Bros, 2009.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Trad. Gláís Sales Cordeiro. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação, n. 11, 1997

3.1.7.2 Encontro 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários responsáveis pela aula: Aliny Sartor Nandi, Paulo Henrique Pergher

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º - Turma: 01

Plano de aula do encontro 2

(7/11 – Terça-feira – 8:00 às 11:30 [4h/aula])

Tema: Receitas de poções mágicas: análise e criação

1. Objetivo Geral

- Criar receitas de poções mágicas com base na análise de receitas de receitas do universo de Harry Potter, considerando a função social e a forma de composição do gênero receita.

2. Objetivos Específicos

- Realizar a leitura-estudo das poções mágicas entregues pelos estagiários-professores;
- Expressar-se com clareza, expressividade, fluência na leitura oral das poções;
- Escrever uma poção, considerando sua função social e forma de composição, assim como os recursos linguísticos e expressivos;
- Elaborar o planejamento de uma receita de poção mágica, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos nas leituras anteriores, como forma de organizar as ideias para a escrita do texto;
- Confeccionar uma poção, seguindo a receita criada pelo aluno.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Leitura-estudo de poções mágicas;
- Expressividade, entonação, fluência e ritmo na leitura oral das poções mágicas;
- A escrita como recurso para o aprimoramento da compreensão leitora;
- Produção escrita de uma poção mágica;
- Normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo Estimado
Os estagiários-professores iniciarão a aula passando um trecho do filme <i>Harry Potter e o enigma do príncipe</i> , o qual irá mostrar aos alunos, uma aula de poções. Após esse momento, os estagiários-professores entregarão aos alunos, receitas de poções mágicas (Anexo 1) do universo de Harry Potter. A distribuição será gradativa, pois um aluno irá ler uma receita e os outros acompanharão a leitura, uma de cada vez.	40 min
Os estagiários-professores, antes da leitura, disponibilizarão, na mesa, imagens dos ingredientes (Anexo 2), para que os alunos, ao lerem as receitas, busquem as imagens para os ingredientes. Os alunos lerão em conjunto as receitas, sendo que, cada um lerá uma. Ao lerem os ingredientes, os alunos deverão relacioná-los com as figuras disponíveis. Os alunos poderão pesquisar o significado das palavras no dicionário, caso necessitem.	40 min
Com base na leitura, os estagiários-professores irão entregar aos alunos uma folha de atividade (Anexo 3), na qual, o aluno deverá elaborar a sua própria poção, a partir dos elementos encontrados nas receitas lidas anteriormente.	50 min
Após a elaboração das receitas das poções, os alunos irão confeccionar as suas próprias poções. Para isso, eles ganharão um “kit poção”, que irá conter uma colher; vasilha para misturar os ingredientes e um recipiente para colocar a sua poção. Para finalizar, irão preencher uma etiqueta com o nome escolhido para a sua poção. O estagiário-professor poderá auxiliar os alunos que apresentarem dúvidas.	80 min

5. Recursos Didáticos

- Fotocópias de receitas de Harry Potter;
- Fotocópias de imagens dos ingredientes das poções;
- Trecho do filme *Harry Potter e o enigma do príncipe*;
- Computador;
- Extensão;

- Caixa de som;
- Colher;
- Vasilha;
- Etiquetas para nomear as poções;
- Frascos de plástico e materiais diversos para criar poções, como temperos, condimentos, água, tinta, areia, pedras, conchas, entre outros.

6. Avaliação

- Os alunos serão avaliados de acordo com a participação e envolvimento nas atividades realizadas em sala de aula, assim como pela adequação da atividade de escrita de poção mágica ao gênero receita, considerando os elementos: usos, ingredientes e modo de preparo.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Saiba Mais - Programa Mais Educação*. 2007. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16689-saiba-mais-programa-mais-educacao>>. Acesso em: 14 out. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

HARRY Potter e a pedra filosofal. Direção de Chris Columbus. Reino Unido: Warner Bros, 2001.

HARRY Potter e enigma do príncipe. Direção de David Yates. Reino Unido: Warner Bros, 2009.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Trad. Gláís Sales Cordeiro. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação, n. 11, 1997

8. Anexos

Anexo 1 - Receitas de poções mágicas de Harry Potter

Felix Felicis

Descrição

A poção Felix Felicis é extremamente difícil de ser preparada. Se produzida corretamente, traz sorte por um dia para quem a bebe. Por isso, também é conhecida como "sorte líquida". Essa poção é proibida em jogos oficiais. E quem beber muito dela pode ficar confiante demais.

Ingredientes

1. 2 fios de barba de duende irlandês;
2. 13 trevos de quatro folhas;
3. Pó de chifre de unicórnio;
4. 1 raiz de mandrágora.

Modo de preparo

Adicione o pó de chifre de unicórnio ao caldeirão. Corte a raiz de Mandrágora em pedaços pequenos e adicione ao caldeirão. Adicione os dois fios de barba de duende irlandês e os treze trevos de quatro folhas ao caldeirão. Ferva tudo por cinco minutos.

Poção do Morto-Vivo

Descrição

A poção do morto-vivo é muito poderosa. Quem toma essa poção dorme por muitas horas. É chamada poção do morto vivo porque quem a bebe fica com tanto sono que parece um "zumbi" por não conseguir fazer nada.

Ingredientes

1. 1 ramo de losna;
2. 1 raiz de valeriana;

3. 1 raiz de asfodelo em pó;
4. Vagem soporífera (feijões brancos).

Modo de preparo

Pique as Raízes de Valeriana e ponha no caldeirão. Espere até ela ficar lisa e cor de groselha. Depois, corte a vagem suporífera, a amasse com a faca e jogue no caldeirão. Mexa no sentido anti-horário, ao contrário do relógio, até a mistura ficar rosa claro. Adicione a raiz de asfodelo em pó e a infusão de losna.

Amortentia

Descrição

A Amortentia é uma poção do amor. Ela é a poção mais poderosa que existe. A poção Amortentia tem um brilho na cor pérola e solta uma fumaça que faz círculos no ar. O cheiro da poção é diferente para cada pessoa. O cheiro é parecido com aquilo que a pessoa mais gosta.

Ingredientes

1. 1 pele de ararambóia picada;
2. 2 pétalas de acônitos;
3. 1 pedra de Bezoar de cabra (localizada em seu estômago).

Modo de preparo

Pique a pele de ararambóia. Adicione a pele de ararambóia picada no caldeirão. Ferva por 20 minutos. Depois, coloque uma pétala de acônito e mexa no sentido horário. A poção vai ficar com uma cor lilás. Agora, coloque o bezoar. Deixe tudo ferver por 30 minutos. A poção, depois de 30 minutos, ficará vermelha. Retire do fogo e coloque a segunda pétala de acônito. Mexa no sentido anti-horário. Espere até que a poção fique com uma cor azul bem escura ou um verde brilhante.

Anexo 2 - Imagens dos ingredientes das poções

Imagem 1 - Duende irlandês



Imagem 2 - Trevo de quatro folhas



Imagem 3 - Unicórnio



Imagem 4 - Losna



Imagem 5 - Valeriana



Imagem 6 - Asfodelo



Imagem 7 - Ararambóia

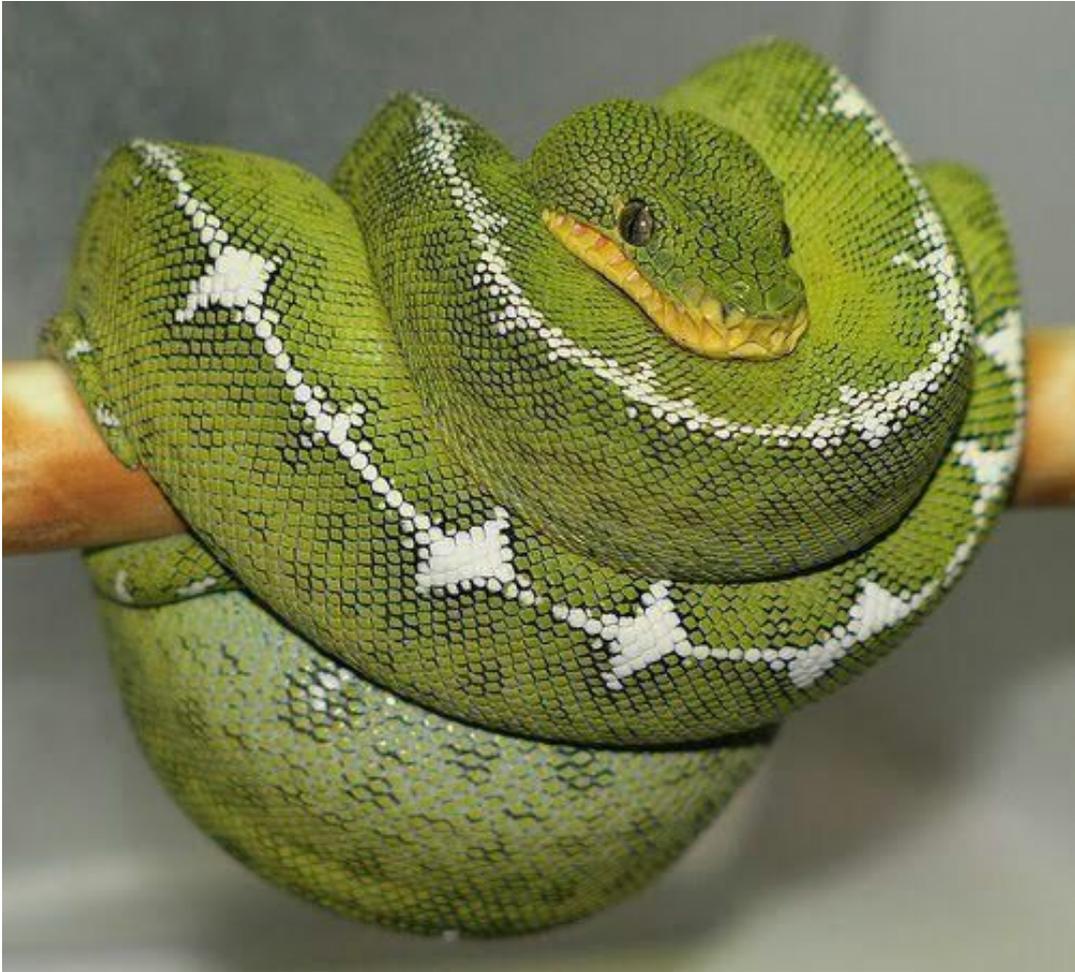


Imagem 8 - Acônitos



Imagem 9 - Vagem Suporífera (feijões brancos)



Anexo 3 - Cópia da atividade de produção textual

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher

Aluno: _____

Data: ___/___/_____

Vamos escrever uma poção?

Escreva uma poção mágica com base nas leituras anteriores e no trecho do filme *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Lembre que a poção deverá conter um nome, uma descrição do seu significado e para que serve, os ingredientes e modo de fazer.

Uma escrita mágica a todos vocês!

Nome da Poção: _____

Descrição:

Ingredientes:

Modo de fazer:

3.2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.2.1 Encontro 1 – 31 de outubro de 2017

O primeiro encontro deu-se na sala vídeo da escola, o qual começou com a apresentação dos estagiários-professores, assim como da professora supervisora do estágio, para que os alunos a conhecessem. Explicamos como funcionariam os encontros e como seria realizado o nosso Projeto Extraclasse *Receitas de poções mágicas do universo Harry Potter*. Perguntamos aos alunos se conheciam os filmes da saga *Harry Potter*, todos os alunos revelaram que sim, mas nem todos haviam assistido ao filme *Harry Potter e a pedra filosofal*.

Após a explicação, alguns alunos questionaram se teriam um tempo reservado para a resolução das tarefas de matemática e português dadas no período normal de ensino. Resolvemos auxiliar todos os alunos nas tarefas, e manter esse período de tempo reservado para a resolução das tarefas nos dois encontros, pois percebemos que os alunos iriam desempenhar melhor o nosso projeto se não houvesse pendências nas outras disciplinas.

A seguir, colocamos o filme *Harry Potter e a pedra filosofal* para os alunos assistirem, e para acompanhar o filme, levamos pipoca. Por ser um filme longo, 2h20min. de duração, estávamos apreensivos, pois não sabíamos se iriam ficar concentrados ao filme. Mas, surpreendentemente, todos os alunos ficaram do início ao final, concentrados e silenciosos, assistindo o filme, o qual durou até o final do primeiro encontro.

Fig. 16 e 17 - Alunos assistindo ao filme *Harry Potter e a pedra filosofal*



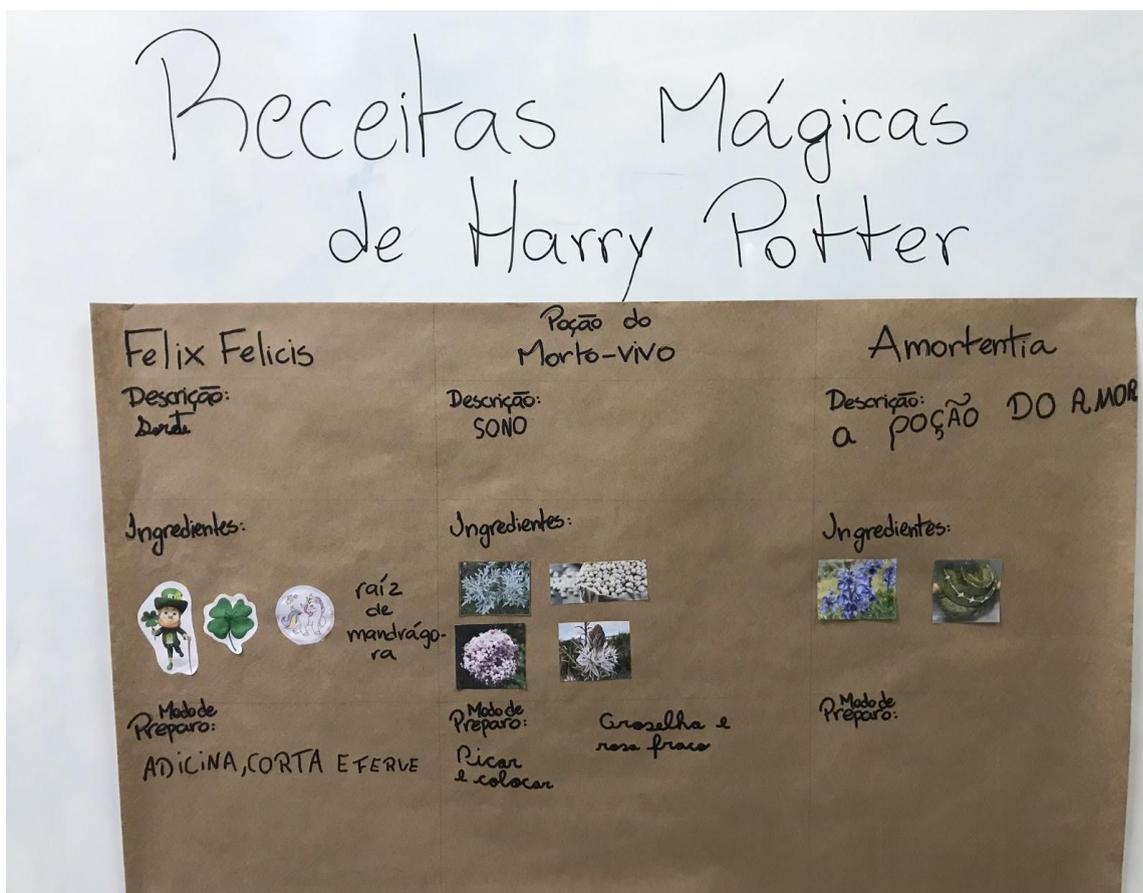
3.2.2 Encontro 2 – 7 de novembro de 2017

Neste dia, os alunos se reuniram na sala do Projeto Mais Educação. Iniciamos o encontro com a pergunta “quem sabe o que é uma receita, e para que serve?”, pudemos

verificar que, alguns alunos estavam estudando o gênero receita no período normal de aula, então, grande parte sabia do que se tratava, alguns comentaram que a mãe tinha livro de receitas em casa, e que, também assistiam os programas de televisão que utilizavam receitas.

Dando sequência na aula, entregamos cópias das poções *Felix Felicis*, *Poção do Morto Vivo* e *Amortentia*, para realizar a leitura jogralizada dos textos. Antes da leitura, disponibilizamos na mesa, imagens dos ingredientes da poção mágica, para que os alunos, ao lerem as receitas, buscassem as imagens para os relativos ingredientes. Os alunos realizaram as leituras das receitas, sendo dividida entre todos os alunos, pois todos demonstraram interesse em ler. Assim que finalizou a leitura de cada poção, os alunos relacionaram as figuras disponíveis na mesa, com os respectivos ingredientes e anexaram ao mural, escreveram as descrições e o modo de preparo das poções.

Fig. 18 - Tabela das poções mágicas preenchidas pelos alunos



Com base na leitura, entregamos aos alunos uma folha de atividade, na qual, o aluno elaborou a sua própria poção, a partir dos ingredientes disponíveis na mesa.

Fig. 19 - Produção textual finalizada da receita mágica escrita por uma aluna do 1º ano

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess
Disciplina: Língua Portuguesa
Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher
Aluno: ELOYNE NAYARA POSSO
Data: 7/11/2019

Vamos escrever uma poção?
Escreva uma poção mágica com base nas leituras anteriores. Lembre que a poção deverá conter um nome, uma descrição do seu significado e para que serve, os ingredientes e modo de fazer.

Uma escrita mágica a todos vocês!

Nome da Poção: POÇÃO QUE VIRA RATO

Descrição: LÍQUIDO VERDE QUE TRANSFORMA QUAL QUER SERES VIVOS EM RATO

Ingredientes:

- 1-LÍQUIDO MÁGICO AMARELO
- 2-SANGUE DE DRAGÃO
- 3-LESMA
- 4-COLAAL

Modo de fazer:

VIRA RATO

Fig. 20 - Produção textual finalizada da receita mágica escrita por uma aluna do 5º ano

Escola: Escola de Educação Básica Simão José Hess
Disciplina: Língua Portuguesa
Estagiários-professores: Aliny Sartor Nandi e Paulo Henrique Pergher
Aluno: Ana Clara Franco
Data: 7/11/17

Vamos escrever uma poção?
Escreva uma poção mágica com base nas leituras anteriores. Lembre que a poção deverá conter um nome, uma descrição do seu significado e para que serve, os ingredientes e modo de fazer.

Uma escrita mágica a todos vocês!

Nome da Poção:
Reconli

Descrição:
Essa poção é usada em objetos quebrados, com apenas duas gotas, o objeto volta a ser como era antes de quebrado, e líquido amarelhado usado em excesso pode causar uma explosão.

Ingredientes:
4 colheres de líquido mágico
uma colher colorida
5 pitadas de canela
2 colheres de sal grosso

Modo de fazer:
Coloque o sal grosso com o líquido mágico misturando no sentido anti-horário por um minuto logo após coloque a canela e a colorida e mexa por 5 segundos.

Fig. 21 - Ingredientes para elaboração das receitas



Após a elaboração das receitas, os alunos confeccionaram suas próprias poções. Para isso, ganharam um “kit poção”, que continha uma colher; copo para misturar os ingredientes e um recipiente para colocar a sua poção. Neste momento, todos os alunos estavam ansiosos, pois queriam realizar logo o processo e descobrir se a poção mágica iria fazer efeito ou não. Lembramos a todos, que ninguém poderia ingerir a poção mágica, pois alguns dos ingredientes eram tóxicos ao corpo. Todos os alunos entenderam, e uma aluna relatou que o “líquido mágico” era detergente de louça, e que todos sabiam que era uma poção de “brincadeira”. Para finalizar, preencheram uma etiqueta com o nome escolhido para a sua poção e colaram no recipiente.

Fig. 22 e 23 - Confeção das poções e poção mágica finalizada



Por se tratar de alunos do 1º ao 5º, estávamos preocupados em relação ao andamento dos encontros, mas ao final, tudo ocorreu conforme havíamos planejado, os alunos demonstraram muito interesse, e todos corresponderam às nossas expectativas. Finalizamos o nosso encontro perguntando aos alunos o que eles acharam dos nossos encontros, e a resposta foi a mais satisfatória, todos responderam que gostaram e que se divertiram muito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de docência se configurou, ao longo do segundo semestre deste ano, como uma experiência extremamente rica para pensarmos nossas futuras práticas docentes. O percurso foi curto, mas vasto, em termos de experiências a serem consideradas. Pensamos que, no geral, os objetivos centrais, que havíamos proposto, foram alcançados. Algumas poucas mudanças, todavia, foram necessárias e realizadas. Outras, que poderiam ter auxiliado para o melhor desenvolvimento de determinadas aulas, não foram tomadas, por falta de experiência em sala. Em verdade, aprendemos muito durante esses últimos meses. Aprendemos ao elaborar o projeto, ao praticá-lo e no contato com professores e alunos. Todos nos ensinaram que a escola é um espaço complexo e em constante mudança, que os planejamentos são necessários, mas não definitivos. E que na sala de aula, os alunos, apresentam demandas específicas em momentos não previstos e que tais demandas devem ser ouvidas e incorporadas se possível.

Em termos teóricos, e de planejamento, nossas escolhas foram decisivas para o bom rendimento das aulas. Buscamos encontrar alunos para, em sala, trocar, e para nunca, autoritariamente, ditar. Fomos recebidos calorosamente por todos, fato que nos deixa certa saudade e o desejo de que continuem suas trajetórias buscando ao máximo seus sonhos e objetivos. Trabalhar a partir de gêneros do discurso, por sua vez, serviu para configurar, de fato, um lugar de sentido e todos os alunos conseguiram, dados seus limites, construir suas histórias e reescrever histórias melhores. O livro *Contos peculiares* é o resultado deste processo e deve ser lido enquanto tal: são produções de alunos do 6º ano, que coletaram e escreveram suas histórias, modificando-as, incrementando-as, tornando-as ótimos contos populares. Resta-nos a certeza, hoje, de que, com toda a dedicação, fizemos o melhor que podíamos. E que faremos, e assim esperamos, mais a partir dessa experiência de estágio.

5 REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Rosa et al. *Alfabetização: livro do aluno*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000589.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.
- ANJOS, Roselene dos. *Contos de assombração*. Coleção Fórmula da Vitória. São Paulo: Global, 2011.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (Orgs). *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Programa de formação de professores alfabetizadores*. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/provinha_brasil/professor/profa/2009/profa_textos2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília. MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- _____. Ministério da Educação. *Saiba Mais - Programa Mais Educação*. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16689-saiba-mais-programa-mais-educacao>>. Acesso em: 14 out. 2017.
- CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; DAGA, Aline Cassol; DIAS; Sabatha Catoia. Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na Educação Básica. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, mai/ago, 2014.
- ESSES incríveis microcontos de terror vão te deixar de cabelo em pé em duas frases. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/07/esses-incriveis-microcontos-de-terror-vao-te-deixar-de-cabelo-em-pe-em-duas-frases/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: Teoria Inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

HARRY Potter e a pedra filosofal. Direção de Chris Columbus. Reino Unido: Warner Bros, 2001.

HARRY Potter e enigma do príncipe. Direção de David Yates. Reino Unido: Warner Bros, 2009.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letra, 1995.

LENDAS de Santa Catarina. Disponível em:

<<http://www.lendas-de-santa-catarina.noradar.com/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LIMA, Paulo Gomes. Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.

Dourados: UFGD, 2009. Disponível em:

<www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

MIOTELLO, Valdemir. O discurso da ética e a ética do discurso. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2010.

RBS 30 anos: Franklin Cascaes. Galeria de imagens do artista Franklin Cascaes. 2009.

Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/81,0,564,17775,franklin-cascaes.html>>.

Acesso em: 10 set. 2017.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Trad. Glaís Sales Cordeiro. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação, n. 11, 1997

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Unesco Brasil sobre 'letramento e diversidade', outubro de 2003.

TURMA da Mônica. *Chapeuzinho Vermelho*. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=mX-rQ594DBo>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ANEXOS

Anexo 1 - Cópia do questionário aos alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SIMÃO JOSÉ HESS

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora Orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiários(as): Aliny Sartor Nandi, Paulo Henrique Pergher

Questionário

Nome: _____

Idade: _____ **Mora perto da escola?** Sim Não **Onde:** _____

Com quem você mora? Pode marcar várias!

Mãe

Madrasta

Pai

Padrasto

Avó(s) e/ou avô(s)

Irmã(s) e/ou irmão(s)

Outras pessoas:

O que você costuma fazer quando não está na escola? Pode marcar várias!

Jogar computador/videogames

Ler livros/gibis/mangás

Assistir TV/filmes/animés

Ouvir música

Sair com amigos

Outros: _____

Conte-nos um pouco sobre o que você gosta de ler, cite livros, gibis ou mangás que você leu nos últimos tempos.

Você tem livros em casa? Muitos Poucos Nenhum

Quais? _____

E jornais, revistas, gibis e mangás? Muitos Poucos Nenhum

Quais? _____

Você gosta das aulas de português? Conte-nos o que você mais gosta e o que você menos gosta nas aulas. Você pode citar conteúdos que gostou, ou não gostou, e atividades também.

E como você se sente na escola? Gosta de estudar? Por quê?

E, de histórias de assombração e mistério, você gosta? [] Sim [] Não

Já se reuniu com amigos para contar histórias de terror? [] Sim [] Não

E do que você tem mais medo? _____

Última questão! Ufa! De quais, das histórias abaixo, você já ouviu falar?

[] Saci

[] Curupira

[] Boitatá

[] Histórias de bruxas

[] Mula sem cabeça

[] Sítio do picapau amarelo

[] Caipora

[] Lobisomem

[] Chapeuzinho vermelho

[] João e Maria

[] Outra: _____

Obrigado! :)

Anexo 2 - Registro do SIARE estudante - Aliny Sartor Nandi



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE N° 720653

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Caren Cristina Brichi**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Aliny Sartor Nandi**, CPF **038.394.109-16**, telefone **984840474**, e-mail **aliny_nandi@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **14104172** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|--|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN7001 . | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 10 horas (com no máximo 5 horas diárias) , a ser desenvolvida na CONCEDENTE , no(a) Escola de Educação Básica Simão José Hess , de 07/08/2017 a 07/12/2017 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimarcio Cunha Aguiar (949.684.202-00) . | Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE , desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice N° 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02) . | Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |
| Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. | |

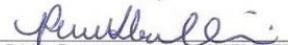
PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE N° 720653

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

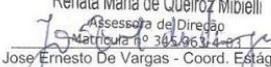
Estágio de observação em turma do 6º ano do Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

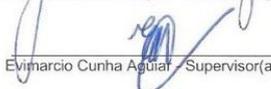
Local e Data:

Florianópolis, 11 de agosto de 2017.

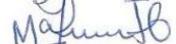

Caren Cristina Brichi - Representante na CONCEDENTE

Renata Maria de Queiroz Mibieli

Assessora de Direção
Matrícula nº 385.0634-8

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC


Evimarcio Cunha Aguiar - Supervisor(a) no local de Estágio


Aliny Sartor Nandi - Estagiário


Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Anexo 3 - Registro do SIARE estudante - Paulo Henrique Pergher

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-8296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagioprog@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 721047

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) **Caren Cristina Brichi**, a **Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC**, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) **Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto De Vargas**, e o(s) estagiário(s) **Paulo Henrique Pergher**, CPF 010.759.909-04, telefone 4830356207, e-mail paulopergher@gmail.com, regularmente matriculado(s) sob número 14102544 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

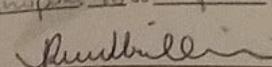
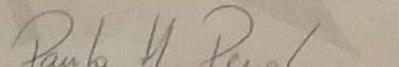
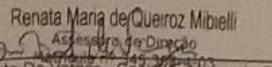
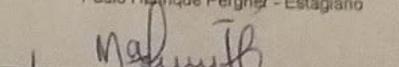
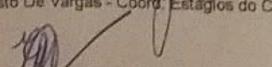
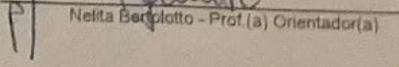
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Nelita Bortolotto, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Simão José Hess, de 07/08/2017 a 07/12/2017, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimário Cunha Aguiar (949.684.202-00).</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(s) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(s) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(s) não terá, para quaisquer efeitos vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional, respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
--	--

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 721047

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 6º ano do Ensino Fundamental, reflexão sobre os registros efetuados, investigação do contexto socioeducativo, elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente, estágio de docência, avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos, elaboração de relatório, socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 16 de Agosto de 2017

 Caren Cristina Brichi - Representante na CONCEDENTE	 Paulo Henrique Pergher - Estagiário
 Renata Maria de Queiroz Mibieli Assessora de Direção	 Nelita Bortolotto - Prof.(a) Orientador(a)
 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC	 Evimário Cunha Aguiar - Supervisor(a) no local de Estágio